



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura do Ano Judiciário

Supremo Tribunal Federal, Brasília-DF, 01 de fevereiro de 2008

Excelentíssima ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,

Tarso Genro, ministro da Justiça,

Senhoras e senhores ministros e ministras do Supremo Tribunal Federal,

Antônio Fernando de Souza, procurador-geral da República,

Senador Marco Maciel,

Senhores presidentes de tribunais superiores,

Senhoras e senhores ministros de tribunais superiores,

Ex-ministros do Supremo Tribunal Federal,

Meus amigos e minhas amigas,

Participar da abertura do Ano Judiciário é uma grande honra. Faço questão de estar aqui presente, como estive nos últimos anos, para reafirmar sobretudo a importância da cooperação entre os Poderes da República. Independentes, mas próximos; separados, mas harmônicos. Executivo, Legislativo e Judiciário têm em comum o compromisso com o fortalecimento da democracia.

Esta meta conjunta deve ser lembrada neste momento de reflexão e entusiasmo, com a abertura do Ano Judiciário. E que ela guie nossos esforços em 2008 para aprimorarmos ainda mais as garantias de Justiça à população, que deve ter acesso pleno a serviços ágeis, eficientes e democráticos.

Nosso Judiciário vem passando, nos últimos anos, por uma renovação sem precedentes. Muita coisa já foi feita desde dezembro de 2004, quando



aprovamos o “Pacto por um Judiciário mais Rápido e Republicano”, assinado pelos chefes dos três Poderes.

O Executivo colocou em sua pauta de prioridades, desde o início de nosso governo, o aprimoramento do Poder Judiciário. Criamos, no âmbito do Ministério da Justiça, a Secretaria de Reforma do Judiciário, que deu a largada para muitas das mudanças hoje alcançadas.

Já a participação dos juízes e tribunais na elaboração de anteprojetos que resultaram em novas normas foi fundamental para que o seu conteúdo e sua redação estivessem orientados pela resolução dos problemas reais do dia-a-dia da Justiça brasileira.

O esforço do Congresso Nacional é igualmente digno de destaque. O Parlamento reconheceu a importância de cada uma das medidas e aprovou seu teor, sempre por unanimidade. E estou certo de que isto ocorreu porque a superação dos gargalos da Justiça é um anseio de todas as correntes políticas e ideológicas representadas na Câmara e no Senado.

A aprovação da Emenda Constitucional 45, que reformulou o marco legal do sistema de Justiça, trouxe novidades importantes como a criação do Conselho Nacional de Justiça. E, somada às demais ações já levadas a cabo, nos permite fazer um diagnóstico animador da Justiça que temos hoje no Brasil.

Em primeiro lugar, já podemos afirmar que o Poder Judiciário está mais moderno. Essa modernização já está sendo sentida no ritmo do andamento processual, na gestão judiciária mais profissional e transparente e na informatização do processo e dos cartórios judiciais.

Também já podemos dizer que o Poder Judiciário conta com ferramentas processuais cada vez melhores. A nova sistemática processual desenvolvida nos últimos anos simplificou os atos do processo e, com isso, acelerou e aprimorou a prestação de justiça aos brasileiros.

As mudanças no processo de execução civil, no recurso de agravo e a



nova Lei de Falências foram um primeiro passo nesta direção. O segundo foi a otimização dos processos e sua conseqüente simplificação.

Outro passo importante foi, com divergência, a criação da Súmula Vinculante. O resultado de tudo isso foi a agilização dos processos sem, contudo, colocar em risco a segurança jurídica. Ao mesmo tempo, o Poder Judiciário está mais aberto e mais participativo na vida democrática brasileira.

Meus senhores e minhas senhoras,

Todos aqui presentes temos a plena consciência de que, para continuarmos avançando, devemos pensar ainda mais o modelo brasileiro de Justiça, assim como avaliar as propostas e alternativas viáveis para que esse objetivo seja alcançado. Enfraquecer a cultura da litigiosidade, por exemplo, é essencial para que a Justiça se ocupe, de forma mais adequada, daquelas questões realmente necessárias. Para tanto, o Ministério da Justiça está desenvolvendo uma política de capacitação de operadores jurídicos para composição e mediação de conflitos, ou seja, uma alternativa à lógica do conflito. Essa mudança não depende somente do Estado, mas de todos os agentes envolvidos nas relações jurisdicionais e pré-jurisdicionais.

A verdade é que a garantia do acesso à Justiça ainda é uma luta cotidiana a ser travada todos os dias pelos três Poderes, pelas Defensorias Públicas dos estados e da União e pela sociedade brasileira.

A prestação de serviços judiciais, a resolução pacífica de conflitos e o oferecimento de justiça não devem discriminar ninguém. Assim como orientou as reformas já alcançadas, o acesso à Justiça deve continuar sendo nossa prioridade e nos guiar para as reformas que estão em andamento.

Minhas senhoras e meus senhores,

Neste ano de 2008, precisamos fazer um esforço comum entre os três Poderes para deslanchar outra reforma importantíssima: a do Código de Processo Penal, de 1941. Nesta direção, projetos em tramitação no Senado propõem mudanças que poderão reduzir as muitas dificuldades que o Estado



brasileiro encontra para punir quem comete um delito. É o caso, por exemplo, de propostas para acabar com as possibilidades de adiamentos injustificados de audiências. Ou de reunir vários atos processuais em uma única audiência, o que agiliza o andamento da Justiça e diminui o custo do processo com transporte de réus presos. Ao mesmo tempo, os projetos também procuram incorporar ao Código as garantias dos acusados dadas pela Constituição de 1988 e ainda não regulamentadas. É o caso da vedação do uso de provas ilícitas.

A preocupação com os direitos humanos e o sistema carcerário está presente em todas essas novas propostas. Estou certo, porém, de que a mais urgente das propostas relativas ao direito criminal é a do Projeto de Lei nº 4.208, de 2001, que está pronto para ser votado na Câmara dos Deputados.

Hoje, mais de 40% dos presos brasileiros ainda não foram julgados, e muitos deles serão absolvidos ou condenados a penas alternativas. Mas até que essa sentença seja dada e possam voltar à liberdade, já viveram um, dois ou mais anos de reclusão.

O processo penal deve, portanto, assegurar um tratamento rígido à questão da criminalidade e diminuir a sensação de impunidade e de insegurança. E, ao mesmo tempo, garantir aos réus e aos condenados criminalmente um tratamento condizente com os valores constitucionais. Caso as mudanças sugeridas ao Código sejam aprovadas, a expectativa é de que os processos criminais tornem-se, pelo menos, duas vezes mais rápidos. E isso não representará, de forma alguma, um avanço do Estado sobre direitos e garantias dos cidadãos. Para combater o crime, um Estado democrático precisa de boas políticas públicas, boas normas e bons juízes.

Juntos, caminhamos muito nesses cinco anos em prol de um renovado sistema de Justiça. E estou certo de que nosso trabalho tem correspondido tanto às demandas da sociedade quanto ao empenho dos dedicados integrantes do Judiciário.



Essa experiência tão exitosa de congregação entre os Poderes deve ser reafirmada e repetida a cada momento. Sigamos enfrentando os desafios conjuntamente, cada qual no âmbito de suas atribuições, mas com a certeza de que o objetivo que nos une é o mesmo: um sistema mais rápido, mas acessível, mais transparente e, enfim, mais justo.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República

**Texto introdutório da mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da
Silva, ao Congresso Nacional - 2008**

Minhas senhoras e meus senhores,

Esta é a sexta vez que tenho a honra e a grande satisfação de me dirigir ao Congresso Nacional com o objetivo de prestar contas das ações do Executivo e apresentar nossos planos de ação e expectativas.

Os dados e os números que estão sistematizados nesta Mensagem certamente comprovam que vivemos hoje em um País muito melhor do que aquele das últimas décadas. Este resultado, que tanto nos orgulha, é fruto de um enorme esforço coletivo, não somente do Governo Federal, mas do Legislativo, do Judiciário, dos Governos Estaduais, Municipais e de toda a sociedade, que se mostra a cada dia mais consciente e participativa.

Este momento excepcional, sem dúvida, decorre dos avanços da democracia em nosso país e, ao mesmo tempo, contribui para fortalecê-la e consolidá-la ainda mais.

A economia brasileira certamente cresceu mais de 5% no ano passado, com baixa inflação, e, neste ano, continuará crescendo em ritmo semelhante porque os seus fundamentos estão sólidos e ganharam a confiança de todos, tanto interna como externamente.

As reservas internacionais do Brasil, que no final de 2006 eram de US\$ 86 bilhões, alcançaram em dezembro de 2007 US\$ 180 bilhões, correspondendo a mais do que o dobro da dívida externa pública e à quase totalidade da dívida externa do País, e a balança comercial fechou o ano de 2007 com um superávit de US\$ 40 bilhões, refletindo a expansão tanto das exportações quanto das importações.

O emprego tem aumentado juntamente com o valor do salário. Em 2007, foram criados 1.617.392 empregos com carteira assinada, um marco na nossa história. As estatísticas apontam que o desemprego tem diminuído de forma contínua. E a massa salarial cresceu 7% no ano passado, com os trabalhadores obtendo reajustes acima da inflação em quase todas as negociações.

Milhões de famílias foram incluídas no mercado de consumo. Estudos apontam que nada menos de 20 milhões de brasileiros e brasileiras ascenderam, nos últimos cinco anos, das classes D e E para a classe C. O amplo mercado de massas que está sendo criado em nosso País não apenas é um sinal efetivo dessa vigorosa mobilidade social, como significa um dos sustentáculos da retomada do nosso crescimento econômico.

No ano passado, a ONU incluiu o Brasil, pela primeira vez, no grupo dos países com alto índice de desenvolvimento humano. Isso significa que a luta contra a fome e a pobreza, por meio de um conjunto articulado de programas entre os quais se destaca o Bolsa Família, está dando resultado e obtendo reconhecimento crescente no País e no exterior.

Crescer de modo sustentado e com inclusão social tem sido o nosso objetivo maior e, sem dúvida, a mais significativa conquista destes últimos anos.

Um marco das ações do Governo Federal no ano passado foi o lançamento e a consolidação do PAC – o Plano de Aceleração do Crescimento. Tenho certeza de que neste ano de 2008, o Brasil inteiro começará a sentir de perto os efeitos da implantação das ações do PAC, transformando-se cada vez mais em um verdadeiro canteiro de obras. Até 2010, R\$ 504 bilhões vão ser investidos em rodovias, ferrovias, hidrovias, energia, portos e aeroportos, habitação, água potável e saneamento básico por todo o País.

Tenho de ressaltar que o Governo está empenhado não somente em fazer mais, mas em fazê-lo de forma cada vez mais racional, qualificada e barata, realizando uma

gestão eficaz dos recursos públicos. Alguns exemplos significativos demonstram isso: nas licitações para exploração de rodovias, o preço dos pedágios caiu fortemente; no leilão da usina de Santo Antonio, no rio Madeira, o custo do megawatt/hora voltou aos patamares do início da década de 90.

Tudo isso não se consegue sem enfrentar enormes dificuldades e superar obstáculos. Um instrumento fundamental de fortalecimento da democracia e de grande eficácia para garantir esses avanços tem sido o diálogo responsável e qualificado com todos os segmentos da sociedade civil, buscando o equacionamento dos conflitos e a construção de soluções compartilhadas para os graves problemas do País. Este é um dos traços mais marcantes e inovadores do nosso Governo, que sempre faço questão de destacar.

A ampliação dos espaços republicanos e democráticos de diálogo tem dado consequência prática ao princípio constitucional da democracia participativa. Esse diálogo está sendo fundamental para a construção de um novo País. Desde o primeiro mandato, temos investido fortemente no processo de interlocução com a sociedade. Fortalecemos os Conselhos existentes e criamos cerca de 30 novos, naqueles setores onde não havia canais institucionalizados de participação. Entre eles, o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e o Conselho Nacional da Juventude. Também reativamos o CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Realizamos mais de 50 Conferências setoriais, mobilizando até hoje cerca de 2 milhões e meio de participantes nos municípios, estados e eventos nacionais, contribuindo diretamente para a elaboração de nossas políticas públicas.

O fortalecimento da integração sul-americana permanece como objetivo prioritário da atuação internacional brasileira. No ano passado, continuou intenso o intercâmbio de visitas entre os mandatários sul-americanos, com a conclusão de inúmeros acordos e medidas concretas de aproximação.

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) constitui o mais importante alicerce do projeto de integração regional. Um projeto que vem avançando não só em termos comerciais, mas também nos níveis político e sócio-cultural. O Parlamento do Mercosul começou a funcionar, o que contribuirá para aumentar a segurança jurídica do processo de integração.

Intensificamos as relações com os países africanos e asiáticos, como também com os parceiros mais tradicionais, Estados Unidos e União Européia.

Em julho de 2007, ao final da Cúpula de Lisboa, foi lançada a Parceria Estratégica Brasil-União Européia, com as seguintes áreas prioritárias: meio ambiente, biocombustíveis e ciência e tecnologia.

Firmamos com os Estados Unidos o Memorando de Entendimento sobre Biocombustíveis para promover a cooperação bilateral, o desenvolvimento do setor em terceiros países e de um mercado global de biocombustíveis.

Em março, foi lançado o Fórum Internacional de Biocombustíveis, em Nova York, pelo Brasil, África do Sul, China, União Européia, Estados Unidos e Índia, tendo por objetivo estabelecer diálogo de alto nível e coordenar posições sobre o assunto.

Vivemos um momento excepcional no nosso País e estamos no rumo certo, mas tenho plena consciência de que é preciso avançar muito mais. Três áreas terão atenção redobrada em 2008: segurança, educação e saúde.

Na segurança, vamos estreitar ainda mais a colaboração com os estados, dando continuidade ao fortalecimento da inteligência policial, da Força Nacional de Segurança e da Polícia Federal. Lançamos no ano passado o Pronasci, que contará com mais de R\$ 6 bilhões até 2010 para investir no combate ao crime e na defesa de nossos cidadãos.

Em relação à saúde, no começo de dezembro do ano passado lançamos um vasto programa que ficou conhecido como "PAC da Saúde", destinando até 2010 mais

R\$ 24 bilhões para o setor. Entre outras coisas, todas as crianças das escolas públicas passariam a ter consultas médicas regulares, inclusive com dentistas e oculistas. Infelizmente, esse processo foi truncado com a derrubada da CPMF, responsável em boa medida pelos investimentos na saúde. Mas tenho certeza de que o Governo, o Congresso e a sociedade, juntos, encontrarão uma solução para o problema.

Quanto à educação, além do Fundeb, criamos o Plano de Desenvolvimento da Educação, o PDE, que fará uma revolução na qualidade do ensino no País. Até 2010, serão aplicados R\$ 12 bilhões a mais nos ensinos médio e fundamental, melhorando os salários dos professores, garantindo a sua formação continuada e equipando as escolas. E estamos abrindo 10 novas universidades públicas, 48 extensões universitárias no interior e 214 escolas técnicas em todo o País. Também estamos ampliando o Prouni, que já ofereceu 400 mil bolsas de estudos em faculdades particulares, e lançando o Reuni que, em 4 anos, vai criar cerca de 400 mil novas vagas nas universidades federais.

O País e o Executivo, senhoras e senhores Congressistas, têm muito a agradecer ao Parlamento brasileiro por todas as matérias fundamentais que examinou, e sobre as quais deliberou, durante o ano passado. Juntos, os poderes da República e a sociedade, seremos cada vez mais capazes de trabalhar pelo bem do Brasil, construindo uma nação desenvolvida e socialmente mais justa.

Quero concluir a apresentação desta Mensagem repetindo que sou, ao mesmo tempo, o mais satisfeito e o mais insatisfeito dos brasileiros. Satisfeito porque fizemos muito, e insatisfeito porque tudo isso ainda é pouco diante do tamanho da nossa dívida social.

Que tenhamos, todos, um profícuo 2008, para o bem do Brasil e de todo o povo brasileiro.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República Federativa do Brasil

(\$212A)

06/02/2008



Pronunciamento do Presidente da República

Retificação

**Pronunciamento à Nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,
em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do início do Ano Letivo
Palácio do Planalto, 11 de fevereiro de 2008**

Minhas amigas e meus amigos,

Nesta semana, 57 milhões de estudantes estão de volta às aulas. É um número fabuloso, maior que a população de muitos países. Mas cabe uma pergunta: será que além de aumentar a quantidade de alunos, o País está conseguindo também melhorar a qualidade do seu ensino?

É um desafio para todos nós, não só para o governo federal, os estados e os municípios, mas para todos os brasileiros.

O governo vem se esforçando para fazer a sua parte. E sabe que precisa fazer mais, porque tão importante como distribuir a renda é distribuir o conhecimento.

No ano passado, lançamos o Plano do Desenvolvimento da Educação, o PDE, o plano mais abrangente já concebido no País para melhorar a qualidade do ensino. Ele engloba mais de 40 ações tocadas em conjunto pela União, os estados e os municípios.

Noventa por cento dos municípios e 25 dos 27 estados já aderiram ao PDE e começam a receber seus benefícios. Vamos começar, agora, um trabalho especial de reforço nos 1242 municípios com desempenho educacional crítico.

Neste ano, investiremos mais recursos na educação do que em qualquer outra época. Através do Fundeb, aumentarão em seis vezes – repito, seis vezes – os recursos transferidos da União para os estados e municípios para a educação básica, da creche ao ensino médio.

Só no ano passado, firmamos com os municípios convênios para a construção de 500 novas creches e pré-escolas para 100 mil crianças até cinco anos de idade.

Até 2010 vamos fazer 214 escolas técnicas, das quais 47 já foram inauguradas.

No ensino superior, criamos 10 novas universidades federais e estamos implantando 52 novas extensões universitárias. Além disso, oferecemos 400 mil bolsas do Prouni nas faculdades particulares. E, com o Reuni, estamos abrindo, nos próximos 4 anos, 100 mil novas vagas anuais nas universidades federais.

Somos exemplo no mundo na distribuição gratuita do livro didático e da alimentação escolar. E queremos ser exemplo, também, na informática nas escolas. Para isso, nos próximos dias, estaremos lançando, em parceria com a iniciativa privada, um programa que, até 2010, levará internet em banda larga a todas as 55 mil escolas públicas urbanas do País, um passo gigantesco no caminho da inclusão digital e da qualificação do ensino.

Minhas amigas e meus amigos,

2008 será um ano importante para o sucesso do PDE. Por isso, quero fazer um apelo à toda sociedade e, em especial às mães e pais de família: participem ativamente da vida da escola de seus filhos, saibam como ela está se saindo na Prova Brasil, apoiem os professores e professoras. Mas também marquem em cima, cobrem resultados.

Sejam parceiros dos seus filhos no aprendizado. E deixem claro para eles que estudar é importante para conquistar uma vida melhor e construir um país mais justo.

Em suma, todos – governo federal, estados e municípios, professoras e professores, pais e alunos – temos de trabalhar juntos para melhorar cada vez mais a qualidade do ensino no País.

Só assim, repito, faremos nascer um novo século da educação no Brasil. Um século marcado pela democratização do acesso ao conhecimento, onde o mais importante seja o mérito e a competência, e não o berço ou sobrenome.

Boa noite. E boas aulas.

(\$213A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com lideranças locais
Clevelândia/Amapá, 12 de fevereiro de 2008**

Deixem-me dizer uma coisa para vocês. Vocês estão lembrados de que há oito anos o presidente Chirac veio aqui, o presidente Fernando Henrique Cardoso veio aqui, anunciaram a ponte, já faz oito anos e a ponte não saiu, porque esses acordos internacionais normalmente são complicados. Eu vim, hoje para retomar, com o presidente Sarkozy, a construção da ponte. E nós decidimos que, até o final do ano, nós vamos começar a construir essa ponte.

Eu não passei no centro de Oiapoque, porque tinha que aproveitar a estrutura das nossas Forças Armadas para facilitar a minha chegada lá, com horário (inaudível). Mas também descobri que eu não fui ao centro de Oiapoque porque não tem um píer, direito, para que os barcos possam atracar. É uma ribanceira, e qualquer pessoa tem dificuldade de pegar um barco.

Eu já falei aqui, o meu ministro dos Transportes vai assumir a responsabilidade de se encontrar com o governador, e o governador vai apresentar um projeto para que a gente faça um atracador decente, ali no centro da cidade. Também discutimos com a comunidade daqui duas obras importantes, que eu sei que têm prejudicado o Oiapoque. Primeiro, a questão da energia elétrica. Não tem solução fácil. Primeiro, porque as termoelétricas que estão aqui são termoelétricas velhas, com motores que não funcionam, que gastam mais óleo diesel do que qualquer outra coisa. Nós temos uma solução de médio prazo. Qual é a solução? Nós temos um linhão para ser construído... São 200 quilômetros para resolver o problema de energia definitiva aqui do Oiapoque.

Nós já tivemos uma reunião com a comunidade, tem pequenos problemas, de acordo com os indígenas, porque passa na terra deles. Quando



eu chegar a Brasília eu vou chamar a Funai, vou chamar o pessoal da Eletronorte e vamos resolver esse negócio definitivamente, porque nós queremos apagar os candeeiros do Oiapoque e colocar energia elétrica de verdade aqui na região.

Também, a questão da estrada, a questão da rodovia. Nós precisamos terminar essa rodovia. Essa rodovia significa desenvolvimento para esta região. Agora, essa rodovia também tem um pequeno problema, porque falta um acordo entre a Funai, o Dnit e as comunidades daqui, porque ela passa a 2 quilômetros das terras indígenas e é preciso que a gente resolva o problema de mudança dos índios que querem mudar. Precisam de casas, de escolas. Então, chegando a Brasília, eu vou reunir a Funai, o Dnit e a Eletronorte para a gente ver que acordo a gente pode fazer para tocar logo essa estrada. Essa estrada vai significar progresso para o Oiapoque, vai significar progresso para o Amapá, porque ela vai permitir que haja mais trânsito de brasileiros aqui.

Nós temos problemas também na fronteira, com o governo francês, criando caso com brasileiros do lado de lá. Eu disse ao presidente Sarkozy que no acordo que temos que firmar – ele voltará a Brasília em dezembro, como presidente da União Européia – e nós vamos até lá, tem uma comissão de notáveis com a participação de vários ministros do meu governo e vários ministros do governo dele para que a gente resolva esses problemas todos.

Quero dizer para vocês que o governador e eu não passamos lá na cidade, por conta dessa viagem internacional, com horário marcado, com coisa (inaudível). Mas voltarei aqui. É importante lembrar que o meu mandato termina no dia 31 de dezembro de 2010, e eu quero vir antes aqui para inaugurar essa ponte. Também pedi ao governador, porque fiquei sabendo pelo governador e pela comunidade que a cidade tem um sério problema de saneamento básico. Falei para o governador que ele tem poucos dias para me apresentar um projeto, e vá a Brasília com o prefeito, que nós vamos arrumar dinheiro para resolver.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Eu quero agradecer a vocês e dizer que, se Deus quiser, voltarei aqui pelo menos mais duas vezes, antes de terminar o meu mandato: uma para inaugurar a ponte e uma para inaugurar a linha de transmissão.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de mensagem ao Congresso Nacional, que encaminha as Convenções 151 e 158 da OIT

Palácio do Planalto, 14 de fevereiro de 2008

Na verdade, eu não ia falar. O acerto era que depois do discurso do ministro Lupi e da assinatura, meu companheiro ia falar: “Está encerrado este ato”. Mas eu achei por bem fazer um agradecimento ao comportamento e à lealdade que os dirigentes sindicais têm tido, não em defesa do governo, mas na construção das alternativas que justificaram, em muitas vezes, a passagem de vocês pelo movimento sindical brasileiro.

Não existe conquista fácil. Qualquer militante político, qualquer militante social, qualquer militante sindical sabe que muitas vezes demoramos décadas para conquistar uma vírgula e, muitas vezes, demoramos séculos e perdemos uma palavra.

No nosso governo – é só olhar a cara da bancada governista, todo mundo, direta ou indiretamente, do movimento sindical – nós temos que cumprir com alguns compromissos históricos e com alguns princípios que nós defendemos durante muito tempo.

A assinatura da Mensagem ao Congresso Nacional, enviando as duas Medidas Provisórias para resolver o problema da 151 e 158, poderia ter sido feita antes mas, possivelmente, nós não tivéssemos um clima como o que nós temos hoje. Muitas vezes, uma boa idéia ou uma boa proposta apresentada fora de época, às vezes, é uma boa proposta que nasceu morta.

Da mesma forma que outras coisas que nós temos que conquistar, e por isso eu pedi para vocês a questão da redução da jornada de trabalho. Se fosse apenas uma proposta do governo, iria se transformar num embate entre governo e oposição. Muitas vezes o povo, que não tinha participado de nada,



ficaria alheio, assistindo o discurso de alguns dizendo: “Não, os trabalhadores precisam trabalhar mais, 48 é pouco, 44 é pouco, 50 é pouco”. Tem gente que pensa assim ainda. Quando, na verdade, os avanços da modernidade, os avanços das conquistas tecnológicas que a humanidade conseguiu devem significar, não apenas maior aumento de produtividade, ou maior aumento de rentabilidade, mas também aumentar as horas de lazer do trabalhador, melhorar as condições de trabalho. E isso não tem nenhum discurso contra qualquer empresário, pequeno, grande ou médio, até porque nós precisamos uns dos outros. Os empresários precisam dos trabalhadores, os trabalhadores precisam dos empresários e a nação precisa dos dois. Portanto, quanto mais harmonia nós conseguirmos construir, muito melhor para o Brasil e muito melhor para todos nós.

E por que nós estamos conseguindo fazer essas coisas agora? Vejam, eu repito e digo sempre: o Brasil vive um momento muito especial e esse momento muito especial só pode ser vivido porque, em momentos difíceis, a sociedade brasileira teve a compreensão de fazer as mudanças necessárias e de dar o tempo necessário para que as coisas começassem a acontecer.

Hoje, já não é mais nenhuma novidade ter notícia boa nos meios de comunicação, nem sempre com o destaque que eu, particularmente, gostaria. Mas vamos olhar os números da economia brasileira e vamos colocar a nossa cabeça para funcionar, e vamos ver há quantas décadas a gente esperava por esse momento. Vamos olhar os números do crescimento do emprego. Há duas décadas e meia nós só ouvíamos falar de desemprego neste País. Somente nos últimos quatro anos é que nós voltamos a ouvir falar em empregos e voltamos a ver, na porta de algumas fábricas, placas dizendo “precisa-se de trabalhadores”. Isso tinha desaparecido totalmente, Mangabeira, do cenário brasileiro. Quem foi dirigente sindical, aqui, sabe perfeitamente bem que desde 1978 nós estamos correndo, portanto, há 30 anos, atrás de desemprego. Não é pouco tempo, não. São muitos anos em que os dirigentes sindicais viviam na



porta de fábrica de manhã, chorando os trabalhadores que eram mandados embora. E hoje, graças a Deus, mesmo com o percalço da rotatividade de mão-de-obra, nós percebemos que os números são a cada dia mais positivos, a cada mês mais positivos e a cada ano mais positivos. Obviamente que nós precisamos trabalhar para a economia continuar crescendo, com mais empregos surgindo, porque isso significa mais salário, mais renda, mais crescimento da economia. E isso, acho que nós estamos conseguindo. Este momento é um momento promissor para todos os setores da sociedade, para os empresários também.

Se vocês pegarem as 500 maiores empresas brasileiras, nunca ganharam tanto dinheiro na vida como ganharam agora. Se pegarem os bancos, nunca ganharam tanto dinheiro como ganharam agora. É bom que todo mundo ganhe, mas é bom lembrar que o povo pobre também precisa ganhar dinheiro. É preciso lembrar que um salário mínimo na mão de um pobre significa mais feijão na mesa, significa um sapato novo para o filho, significa um caderno a mais, significa um prato de comida, significa o pão com leite de manhã; e que 1 bilhão, muitas vezes, na mão de determinadas pessoas, serve apenas à especulação e não produz nada. Por isso é importante a gente continuar nessa política de repartir, de forma adequada e justa, e sem dar o passo maior do que a perna nas coisas que nós precisamos fazer para que o Brasil se transforme definitivamente numa grande nação.

Eu tenho dois compromissos para assumir com vocês, ainda. Um deles, é que depois que o Mangabeira Unger fez a reunião com vocês, com todas as Centrais, eu me comprometi em fazer um jantar com todas as Centrais, e convocar o Mangabeira Unger. Não vai ser possível na semana que vem porque ela está quebrada por uma viagem minha à Argentina, mas quando eu voltar da Argentina nós vamos fazer um jantar com dois ou três representantes de cada Central, para a gente dar um fecho à conversa que o ministro Mangabeira teve com vocês.



E o outro compromisso, é que o Paulo Bernardo está em fase final para apresentar a mim e, conseqüentemente, apresentar a vocês, aquela nossa idéia de garantir a participação de um trabalhador no Conselho de todas as empresas públicas brasileiras. Eu espero que nessa reunião ou nesse jantar que a gente vai fazer com o ministro Mangabeira, que a gente já tenha também essa informação.

Mas eu queria dizer para vocês, por último, o seguinte: esse momento que vocês estão vivendo, essa cordialidade entre vocês, esse jeito de trabalhar juntos que vocês aprenderam, sem abdicar das suas convicções, das suas concepções, é extremamente positivo para os trabalhadores brasileiros. Não tem importância que alguém não goste da CUT, que a CUT não goste de outra Central, da CGT. Não tem importância. Esse negócio do Neto dizer que não gosta do Artur, o Paulinho dizer que não gosta do Neto, e assim por diante, o Patah dizer que não gosta do Calixto, isso não tem problema, vocês não precisam se gostar, se amar, vocês não fazer casamento entre vocês. O que vocês precisam é ter em mente aquilo que o Neto disse. Na verdade, as convergências e os interesses da classe trabalhadora são infinitamente mais unificadores do que as poucas divergências que vocês têm. É que muitas vezes aparece apenas a divergência. Eu acho que esse momento que vocês construíram é um momento que vocês precisam continuar perseguindo. Eu acredito que um dia a gente não vá ter tanta Central, no Brasil, mas é um processo de amadurecimento. Isso não se impõe por decreto, não se impõe por medida provisória, não se impõe por emenda constitucional. Esse é um processo em que a gente vai construindo, vai aprendendo. Antes, quando a gente chamava uma Central aqui, a outra não vinha porque não queria estar à mesma mesa. Agora, a gente percebe o quê? Vocês, de forma civilizada, madura, competente, não só participam como ajudam a construir as coisas que precisam ser construídas no nosso País. Muito mais importante vai ser o dia em que a gente puder sentar, os dirigentes sindicais e os empresários, e



estabelecer, entre nós, normas e procedimentos que possam consolidar a democracia no nosso País.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero que vocês saibam que da parte do governo nós iremos fazer todo o esforço, junto com a nossa base aliada, para que a gente possa aprovar as duas convenções.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega da conclusão das obras dos prédios da unidade de ensino descentralizado do Cefet – ES

Cachoeiro de Itapemirim – ES, 19 de fevereiro de 2008

Meu querido companheiro Paulo Hartung, governador do estado do Espírito Santo,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meus queridos companheiros senadores Magno Malta e Renato Casagrande,

Eu quero que vocês olhem um pouquinho o tempo ali, porque quando nós descemos do avião, o brigadeiro Joseli nos disse: por favor, cheguem de volta antes das 6h porque vai ter um temporal. Eu que já passei um medo, domingo, na Antártica, não quero repetir esse medo agora. Quando tinha 19 anos, não tinha medo, com 62, eu estou ficando preocupado.

Vou ser muito rápido, porque acho que o tempo está pedindo para a gente ir embora, governador. Mas eu queria falar umas poucas palavras aqui para a juventude que está estudando no Cefet. E, sobretudo, para aqueles que também estão sonhando em fazer universidade. Grande parte das coisas que o Brasil tem, a nossa floresta Amazônica, os nossos rios, essas belezas extraordinárias das praias que nós temos no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, no Nordeste, tudo isso foi obra de Deus. E nós, seres humanos, precisamos construir as nossas obras.

Durante muito tempo, a economia brasileira cresceu razoavelmente. Até a década de 70, a gente chegou a crescer a 14% ao ano. Entretanto, esse crescimento não possibilitou nem a melhora da renda do povo trabalhador, nem a melhora do nível educacional da nossa população. Entramos na década de



80 e o que aconteceu? A economia brasileira ficou estagnada porque nós tínhamos pegado muito dinheiro emprestado, os juros aumentaram e o FMI passou a controlar a economia brasileira, ditando o que a gente tinha que fazer, ditando o que a gente tinha que investir ou não tinha que investir. Então, o Brasil, que na década de 70, recebeu muitos dólares baratos, na década de 80, teve que pagar os juros desses dólares muito caro e ficou 26 anos sem a economia crescer e, portanto, sem ter distribuição de renda, sem ter geração de empregos e sem ter a formação da nossa juventude. O que aconteceu? Milhares de brasileiros foram embora trabalhar no exterior porque não tinham oportunidade no Brasil. Não se investiu em escola profissional e nem se investiu em universidades, porque se achava que tínhamos chegado ao limite das nossas necessidades. O que aconteceu agora? A economia começou a crescer. Somente no ano passado, nós criamos neste País um milhão e 700 mil empregos de carteira profissional assinada, coisa que há muito tempo não existia no Brasil.

Paulo Hartung, durante mais de 20 anos este País não via uma placa na porta de uma fábrica dizendo: precisa-se de pedreiro, de encanador, de desenhista, de pintor. Não existia. A construção civil brasileira, em 20 anos, perdeu mais de um milhão e meio de trabalhadores, porque não crescia. Pois bem, nós tomamos a decisão de fazer este País voltar a crescer, a economia voltou a crescer. Quando a economia volta a crescer, o que acontece? A gente percebe que a gente não tinha mão-de-obra qualificada para atender à demanda das empresas.

Vejam, eu comecei dizendo que muitas coisas que nós temos de bom foi Deus quem fez. E aquilo que os governantes tinham que fazer, que era investir na educação para formar o nosso povo, não investiram. Possivelmente, porque os governantes que passaram por este País já tinham conquistado o seu diploma universitário e achavam, já que eles tinham diploma, para que o povo ter diploma? Para que o povo ter acesso?



Pois bem, eu, Paulo Hartung, fiz um curso do Senai. Foi graças a este curso do Senai que eu deixei de ser operário de salário mínimo. Foi graças a este curso do Senai que eu tive o meu primeiro carro, a minha primeira geladeira, a minha primeira televisão, a minha primeira casa. Graças a este curso, depois entrei no Sindicato, virei um dirigente sindical razoável e graças a este curso e por ter entrado no Sindicato, eu estou aqui como Presidente da República para quebrar as teorias de que o povo não está preparado para assumir o poder neste País.

Mas eu não me conformava de ver tanta juventude metida na criminalidade. Se vocês virem a televisão, vão perceber que quase todos os bandidos que eles mostram são jovens, jovens de 24 anos, de 23 anos, de 20 anos, até porque um velho de 60 não consegue mais roubar nada porque será pego, pois não pode nem correr. Então, tem que ser a juventude mesmo. Agora, por que a juventude faz isso? Porque uma juventude sem esperança é uma juventude sem rumo. E uma juventude sem rumo é uma juventude vulnerável às coisas fáceis que o narcotráfico oferece, que o crime organizado oferece.

Falei para o meu companheiro Fernando Haddad quando ele assumiu o Ministério da Educação: Fernando, nós temos que cuidar desta meninada. Na hora em que a gente der uma profissão para esta meninada, que eles perceberem que terão acesso ao mercado de trabalho, que poderão arrumar emprego ganhando um salário bom, que podem contribuir para ajudar a família... Essa meninada vai dar uma banana para qualquer outra coisa que permita ver a facilidade de ganhar dinheiro porque muitas vezes uma pessoa entra na droga porque a droga faz esquecer os problemas que ela tem. Uns entram na droga, outros entram na cachaça. Quem pode, procura um analista. Aí, gasta um monte de dinheiro se cuidando com analista. Quem não pode, tenta resolver com imediatismo.

Nós tomamos uma decisão: o que vai salvar este País é a gente



acreditar no investimento que vamos fazer na educação. Vejam que eu falei a palavra “investimento”. Porque tem gente que acha que colocar dinheiro na educação é gasto. Gasto é o que a gente coloca em cadeia. Na educação, é investimento. É investimento porque o retorno se dá imediatamente.

O ministro propôs que a gente aprovasse o Fundeb. Graças a Deus, o Senado e a Câmara aprovaram o Fundeb, que é o fundo da educação básica. Depois propôs a gente mandar o Proeb [PDE], o programa de educação básica [Plano de Desenvolvimento da Educação]. Nós mandamos o Proeb [PDE] para o Congresso... Não, o PDE passou no Congresso Nacional e eu falei: Fernando, nós precisamos dar oportunidade a essa menina. Eu queria explicar o porquê. Fui agora no centro de formação ali. E eu vi meninos trabalhando em torno, trabalhando em fresa. Quando aquele menino tirar o diploma daqui, em qualquer lugar em que ele chegar, vai ter uma oportunidade de emprego. Se ele não tiver uma profissão, ele vai chegar na fábrica, vai perguntar se tem vaga e vão falar para ele: não tem. Se ele tiver uma profissão, mesmo se não tiver vaga, vão pegar a ficha dele e no dia em que surgir uma vaga vão chamá-lo porque empregado qualificado tem oportunidade neste País.

Mas o que me incomoda mais são as meninas. E por que as meninas? Porque houve um tempo neste País em que o machismo tomava conta. Uma mulher casava, deixava de trabalhar e ficava dependente do marido. Se o marido fosse bom, ótimo, mas se o marido não fosse bom e batesse nela, judiasse dela, batesse nos filhos, ela não podia largar porque dependia do marido para comer o pão de cada dia. Mas se ela aprender uma profissão, trabalhar e ganhar o seu salário, o que vai acontecer? Ela vai ficar com o marido, se ela gostar do marido, mas se ela não gostar, ela vai dizer: você não fala grosso aqui em casa, porque aqui em casa eu ponho o feijão à mesa, aqui em casa eu ponho o pão à mesa também. É isso que vai dar liberdade e vai melhorar o relacionamento entre homem e mulher, porque a dependência não



presta para ninguém. Não presta, nem se a mulher for dependente do homem e nem se o homem for dependente da mulher. O que é importante é que os dois trabalhem, ganhem os seus salários, sejam livres. Não tem nada mais triste do que uma mulher ter que chegar, ao final do mês: “Amorzinho, me dá 10 reais para comprar isso, me dá dois para comprar aquilo”, como se ela estivesse pedindo um favor. Quando, na verdade, o bom marido – se a mulher também não gastar demais – entrega o pagamento na mão da mulher e a coisa fica resolvida.

Eu digo sempre o seguinte: desde 1975, o meu pagamento é no nome da Marisa. Ela é quem recebe, ela é quem tem cheque, ela é quem cuida do dinheiro. Não me arrependo disso. Obviamente que, cada marido sabe a mulher que tem e cada um vai cuidar... Mas o que eu estou querendo dizer é que nós queremos a independência das pessoas, as pessoas têm que viver em harmonia e não viver naquela sofredão, com medo de dependência financeira. E, sobretudo a meninada. Eu quero dizer uma coisa para vocês. Eu sou filho de uma mulher que tinha oito filhos. Eu fui o primeiro a ter o diploma primário, o primeiro a ter o diploma técnico. Agora, eu nunca gritei com a minha mãe e nunca respondi a minha mãe, porque eu reconhecia que ela tinha me carregado na barriga durante nove meses e eu tinha que respeitá-la com muito carinho. O que eu queria pedir para vocês é para a juventude aproveitar essa oportunidade, essa oportunidade de estudar, cuidar do pai, cuidar da mãe, tentar ajudar a viver em harmonia dentro da família, porque uma nação só será forte se a sua sociedade viver de forma harmoniosa, as pessoas se gostarem, as pessoas se respeitarem. E nós também temos consciência que tudo isso passa pela formação de vocês. Não adianta o Brasil ser o quinto maior país do mundo, ter a maior floresta do mundo, ser o maior exportador de carne, o maior exportador de suco de laranja, o terceiro exportador de avião. Não. O Brasil, agora, quer exportar inteligência, o Brasil quer exportar conhecimento. É por isso que nós estamos fazendo – eu vou repetir o número que falou o diretor do



Cefet e o ministro da Educação – de 1910 a 2003, foram construídos no Brasil, em 93 anos, 140 escolas técnicas. Em 93 anos, foram construídas 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas neste País.

Peguem, estudem quem é que fez universidade neste País. Se cada presidente da República que passou por este País tivesse feito duas ou três, nós teríamos 50, teríamos 100 universidades. Acontece que teve períodos em não foram feitas universidades neste País. Nós, estamos fazendo 10 universidades novas e estamos fazendo 48 extensões universitárias por todo o território nacional. Na verdade, o ministro da Educação disse que são 61 extensões universitárias. O que nós queremos? Nós queremos que a nossa juventude tenha a oportunidade de estudar e que não seja frustrada. Eu não sei se aqui tem aluno do ProUni. Mas o ProUni é uma revolução. O ProUni já colocou 400 mil jovens da periferia na universidade. O Reuni, vai colocar mais 400 mil jovens na universidade. E eu espero que, quando terminar o nosso mandato, dia 31 de dezembro de 2010, a gente tenha o Brasil equiparado aos melhores países do mundo em investimento na educação. E isso, nós estamos fazendo, porque se a gente não fizer e a indústria continuar crescendo do jeito que está crescendo, a economia crescendo, o que vai acontecer? Nós vamos ter vagas e não vamos ter gente capacitada para trabalhar. Aí, nós vamos começar a ter que importar trabalhador. E nós não queremos importar trabalhador. O que nós queremos é exportar o conhecimento que a gente vai aprender.

Por isso, Paulo Hartung, eu certamente estarei aqui em abril. Eu espero que, em abril, a gente tenha outra escola técnica para a gente inaugurar aqui neste Estado. E faço isso, quero que a juventude compreenda, faço isso porque tenho na minha memória, ainda hoje, o sacrifício que a minha mãe fez, em 1961, eu tinha 15 anos de idade, para eu entrar no Senai. Eu andava a pé quase oito quilômetros. E foi graça a este esforço que eu fiz, que eu cheguei onde eu cheguei. Por isso eu queria pedir para a juventude: façam o esforço



agora enquanto vocês são jovens, enquanto vocês têm energia, enquanto vocês têm facilidade de aprender. Porque se vocês não fizerem o esforço agora, quando tiverem com 30 ou 40 anos, sem profissão, a gente certamente vai amargar não ter estudado quando a gente podia estudar.

O que nós estamos fazendo é quase que um pedido de desculpa aos milhões de brasileiros que durante anos não tiveram oportunidade de estudar. E eu, que não tenho o diploma universitário, quero passar para a história como o presidente que não tinha o diploma universitário, mas que cuidou da educação mais do que muitos que tiveram diploma universitário.

Muito obrigado e que Deus nos abençoe.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Fórum de Legisladores dos Países do G-8 e do Brasil, China, Índia, México e África do Sul (G-8+5)

Brasília – DF, 21 de fevereiro de 2008

Embaixador Samuel Pinheiro, ministro interino das Relações Exteriores,
Ministra Marina Silva, do Meio Ambiente,

Nossa querida senadora Serys Slhessarenko, coordenadora do grupo brasileiro participante do Fórum de Legisladores do G-8+5 sobre mudanças climáticas, e responsável pela organização desse evento,

Senhor Elliot Morley, presidente da Globe,

Senador Renato Casagrande, em nome de quem quero saudar os demais integrantes da mesa,

Senhores e senhoras parlamentares brasileiros e estrangeiros aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Quando o presidente disse que eu ia proferir algumas palavras, ele não tinha visto, certamente, o volume de papel que eu tenho na mão, mas como eu já tenho mais de 40 anos e o uso dos óculos se faz necessário, para a imprensa pensar que eu não uso óculos, eu faço letras grandes.

Meus amigos e minhas amigas,

Antes de mais nada, quero destacar a oportunidade estratégica deste Fórum de Legisladores dos Países do G8, do Brasil, da China, da Índia, do México e da África do Sul, o chamado G8 + 5, iniciativa da Organização Global de Legisladores para um Ambiente Equilibrado, que o nosso País tem a honra e o orgulho de sediar.

A realização deste encontro no Brasil faz aumentar a nossa responsabilidade e se constitui em estímulo para prosseguirmos com os



esforços do País no enfrentamento das conseqüências do aquecimento global e na consolidação de uma matriz energética renovável, sempre num horizonte de desenvolvimento sustentável.

Fico feliz em poder anunciar aos parlamentares aqui presentes que um conjunto de iniciativas em curso colocam o nosso País entre aqueles que transformam a preocupação em ação.

O governo e a sociedade brasileira estão fazendo a sua parte na preservação de um dos mais importantes biomas do Planeta. A floresta Amazônica é a principal vítima, e não a causadora, das mudanças climáticas em curso.

Desde 2004 temos o Plano de Ação para a Prevenção e o Controle do Desmatamento da Amazônia Legal, que reduziu em 59% as derrubadas da floresta no período de 2004/2007. O Plano é uma estratégia nacional que enfrenta as causas estruturais do problema do desmatamento e articula as instituições públicas nos âmbitos federal e estadual, bem como a participação da sociedade.

No final do ano passado, constatamos uma tendência de aumento das taxas de desmatamento e decidimos intensificar ainda mais os esforços para combatê-lo e promover a conservação e o uso sustentável das florestas.

Entre as novas medidas tomadas destaco algumas: identificação dos municípios críticos para o desmatamento da Amazônia; suspensão de novas autorizações para desmatamento; cadastramento das propriedades; bloqueio ao financiamento público e privado de atividades que possam causar o desmatamento ilegal, por meio de resolução do Conselho Monetário Nacional; responsabilização da cadeia produtiva pelo consumo de produtos agropecuários oriundos de áreas embargadas por desmatamento ilegal; ampliação da ação, na Amazônia, da Polícia Federal, dos órgãos de inteligência e da Força Nacional de Segurança; intensificação das parcerias com governos estaduais para a implementação de Planos Estaduais de



Combate ao Desmatamento na Amazônia. Outro ponto fundamental de nossa estratégia é a valorização da floresta em pé. Por isso, nesta nova fase do combate ao desmatamento, estamos trabalhando para:

1) A implantação da Lei de Gestão de Florestas Públicas. Já cadastramos 193 milhões de hectares. Desses, 120 milhões de uso comunitário, a maior área do mundo com essa destinação, e 55 milhões em unidades de conservação, além de outros usos.

2) Licitação para Concessão Florestal. A primeira já se encontra em andamento na Floresta Nacional do Jamari, no estado de Rondônia.

3) Promoção do Manejo Florestal Comunitário e o Fortalecimento do Extrativismo, mediante a formulação de uma nova política e implantação da Política Nacional de Populações Tradicionais, que inclui o programa de aquisição de produtos não-madeireiros das comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e outras.

4) Apoio à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico de produtos florestais.

Nesse esforço, a cooperação internacional deve ter uma importante participação. Nos últimos 4 anos, o Brasil investiu mais de 250 milhões de dólares no combate ao desmatamento na Amazônia.

É uma quantidade de recursos inédita mas, ainda assim, muito aquém do necessário para reverter totalmente o quadro na região.

O Brasil quer contar com a cooperação da comunidade internacional, e isso pode ser feito de diversas maneiras. A primeira, com a criação do Regime Internacional de Repartição dos benefícios do acesso à biodiversidade e ao conhecimento a ela associado.

A segunda, com o apoio ao Fundo de Proteção e Conservação da Amazônia, que será lançado nos próximos meses, conforme proposta apresentada pelo Brasil na Conferência das Partes da Convenção da Diversidade Biológica, em Nairobi, em 2006, e em Bali, no ano passado. O



Fundo captará recursos com base na redução das emissões de carbono oriundas do desmatamento.

Buscaremos captar 1 bilhão de dólares por ano, até 2012, e destiná-los integralmente para combater o desmatamento e mudar o modelo de desenvolvimento, a partir do uso sustentável das nossas florestas. Com destaque para o pagamento por serviços ambientais prestados pelas comunidades locais que protegem as florestas.

O sucesso do Brasil em enfrentar o desmatamento trará incomensuráveis benefícios para a humanidade, incluindo a redução de centenas de milhões de toneladas de CO₂ na atmosfera, a manutenção do ciclo de chuvas no Planeta e a necessária conservação da biodiversidade.

É preciso que os países do G-8 assumam sua responsabilidade cumprindo o Protocolo de Quioto e apoiem nossos esforços, abrindo mercado para nossos produtos sustentáveis, e também paguem os custos da redução do desmatamento e da proteção das florestas, por meio de contribuições voluntárias para o Fundo Amazônia.

Quero ainda destacar que o Brasil está fortemente comprometido com uma política nacional de mudanças climáticas e vem se preparando para implementar todas as ações de mitigação e adaptação que sejam necessárias.

Este encontro acontece num momento em que as cotações do petróleo rompem a barreira simbólica dos 100 dólares. Mais que o simbolismo monetário, esse número encerra uma advertência e aguça uma contradição que o conjunto das nações terá de levar cada vez mais em conta nas suas decisões.

Estamos vivendo um momento divisor da civilização. A transição da matriz energética, da qual o preço do petróleo é um dos termômetros, coloca em jogo escolhas que vão influenciar o presente e determinar o futuro.



Trata-se de definir qual tipo de desenvolvimento queremos compartilhar, para restabelecer o equilíbrio entre necessidades sociais e econômicas e sustentabilidade dos recursos disponíveis na Terra.

Hoje, como as senhoras e os senhores sabem, o uso das riquezas naturais já extrapola em cerca de 25% da capacidade de regeneração do Planeta, e mais de 80% desses recursos são consumidos pelas economias dos países ricos.

Pensar uma estratégia conjunta para enfrentar essa situação implica buscar, necessariamente, maior equilíbrio entre países pobres, emergentes e ricos no acesso aos recursos, às riquezas e aos mercados mundiais.

A fragilidade dos resultados alcançados até agora pelo Protocolo de Quioto só poderá ser superada se a repartição mundial de benefícios e responsabilidades for sendo corrigida desde já, e com maior empenho no futuro regime internacional do clima pós 2012.

Essa foi a linha geral da minha intervenção na Assembléia Geral da ONU, no ano passado.

Espero que as conclusões deste Fórum signifiquem um passo importante na construção de um consenso capaz de sensibilizar os líderes dos países ricos, em particular os do G8, em sua reunião de cúpula no Japão, em junho deste ano.

Minhas senhoras e meus senhores,

Dos 50 países mais pobres do mundo, 38 são importadores líquidos de derivados do petróleo. Desses, 25 importam toda energia que consomem. Sobre eles recaem sacrifícios insustentáveis para fazer frente ao novo patamar de custo de energia, que já se equipara ao pico atingido em 1980, quando as cotações alcançaram o equivalente a 102 dólares o barril.

Em muitas dessas economias gasta-se, atualmente, seis vezes mais com a importação de combustível do que se investe em saúde. Em outras, a



conta-petróleo equivale ao dobro do que o Estado destina à luta contra a fome e a pobreza.

O que estamos vivendo, na verdade, é uma brutal transferência de riqueza que penaliza, adicionalmente, povos e economias já expostos à subnutrição e à miséria. E que totalizam, de acordo com os números da FAO, um contingente de 854 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo 820 milhões nos países em desenvolvimento, 52 milhões dos quais latino-americanos e caribenhos.

Enquanto as nações ricas consomem, repito, cerca de 80% dos recursos naturais do Planeta, inclusive petróleo, há mais de dois bilhões e quinhentos milhões de seres humanos que dependem de lenha e carvão vegetal, utilizados sem o adequado manejo, para suprir necessidades energéticas básicas.

Esse é o mundo para o qual devemos buscar soluções, por meio de políticas estratégicas que possibilitem uma transição para um modelo mais sustentável de matriz energética.

É desse ponto de vista que o Brasil tem uma contribuição a dar ao mundo e, em especial, aos povos das nações em desenvolvimento.

Temos a convicção de que a agroenergia oferece uma chance histórica para impulsionar a travessia progressiva da era do petróleo, promovendo um ciclo de melhor distribuição da riqueza e das oportunidades entre ricos e pobres em todo o Planeta.

O Brasil tem uma experiência exitosa de mais de três décadas na produção de combustíveis que combina segurança energética com amplos benefícios econômicos, sociais e ambientais.

A mistura de 25% de etanol à gasolina e a utilização de álcool puro em carros “flex-fuel”, por exemplo, permitiu reduzir em 40% o consumo e as importações de combustíveis fósseis. Deixamos de emitir, desde 2003, mais de 120 milhões de toneladas de dióxido de carbono, ajudando assim a combater o aquecimento global.



Mas, como os senhores e as senhoras sabem, o potencial de uso sustentável da biomassa vai além da geração de energia limpa e renovável. A indústria do etanol criou, diretamente, 1 milhão e 500 mil empregos no Brasil, e indiretamente, 4 milhões e meio de postos de trabalho no Brasil.

O programa do biodiesel, em fase inicial, mas em franca expansão, já emprega mais de 250 mil pessoas, sobretudo pequenos agricultores em zonas semi-áridas, gerando renda e colaborando para manter a população no campo.

Os biocombustíveis ajudam, assim, a combater a fome, gerando renda que possibilita às populações mais pobres adquirir alimentos. Sua produção, é sempre bom enfatizar, não ameaça a segurança alimentar, pois envolve apenas 2% de nossas terras agricultáveis.

É impensável que, no Brasil, a produção de biocombustíveis precise avançar sobre a Amazônia, diante da farta disponibilidade de terras agricultáveis, de terras degradadas e do aumento da produtividade na agricultura e na pecuária.

Tais programas desestimulam as migrações desordenadas, reduzem o inchaço das grandes cidades e a marginalização urbana, assim como a pressão de agricultores e garimpeiros para desmatar as florestas nativas. Além disso, a expansão da cana de açúcar contribui para recuperar áreas de pastagem degradadas, de baixo ou nenhum potencial agrícola.

Por todas essas razões, os biocombustíveis têm relevância especial para os países em desenvolvimento. Pelo seu enorme potencial de geração de empregos e de renda, oferecem verdadeira opção de crescimento sustentável, especialmente para os países dependentes da exportação de poucos bens primários.

Ao mesmo tempo, etanol e biodiesel abrem novos caminhos de desenvolvimento, sobretudo às indústrias bioquímicas. São alternativas econômicas, sociais e tecnológicas para países economicamente pobres, mas ricos em sol e terras agricultáveis.



Estou convencido, portanto, de que os biocombustíveis devem estar no centro de uma estratégia planetária de preservação do meio ambiente.

Acordos, como o assinado por Brasil e Estados Unidos e em negociação com os países europeus, prevêm a implantação de projetos triangulares, na América Central, Caribe e África, capazes de unir tecnologia brasileira a condições climáticas e de solo favoráveis nessas regiões.

Os biocombustíveis podem, assim, atender a um mundo carente de soluções para a degradação ambiental e o encarecimento da energia.

Oferecem esperança para países pobres, ao combinar crescimento econômico, inclusão social e conservação ambiental. Um valioso aliado, portanto, no combate à instabilidade social à política e à violência.

No entanto, essa revolução só ocorrerá se os países ricos abrirem seus mercados para os mais pobres, eliminando subsídios agrícolas e barreiras à importação dos biocombustíveis.

Todos ganharão. Países em desenvolvimento gerarão postos de trabalho para populações marginalizadas e divisas para dinamizar suas economias.

Países desenvolvidos poderão ter acesso cada vez maior a fontes de energia limpa a preço competitivo, ao invés de investir em custosas inovações para tornar menos poluentes os combustíveis convencionais.

A criação de um rigoroso sistema de certificação pública em matéria de biocombustíveis, lastreado em acordos multilaterais e com engajamento da opinião pública, ajudará a preservar o meio ambiente, assim como garantirá condições decentes de trabalho.

Os biocombustíveis oferecem uma alternativa para ajudar hoje a Humanidade a prosperar como um todo, sem hipotecar o futuro das novas gerações.

Portanto, o Brasil está empenhado em assumir responsabilidades e tem alternativas a oferecer para uma transição realista, rumo a uma matriz



energética apoiada em bases renováveis.

Minhas senhoras e meus senhores,

Acabo de voltar de uma visita à Antártica, um dos santuários do meio ambiente mundial.

Trata-se de um continente ainda desconhecido, mas sua influência sobre o clima do Planeta, embora ainda não adequadamente pesquisada, é inquestionável.

O que se vê lá é um exemplo da intensa cooperação internacional em prol da ciência, do conhecimento compartilhado, da busca de soluções comuns para problemas que afetam toda a Humanidade. E tudo isso realizado em condições difíceis, por meio de operações logísticas conjuntas e arriscadas.

Eis o caminho que devemos seguir, todos os países, num enorme e cada vez maior esforço de cooperação na questão climática global.

Estas são algumas mensagens que queria deixar aqui para todos, para os companheiros e companheiras que participam deste Seminário, e pedir a nossa intérprete que tenha paciência, porque algumas coisas que eu quero dizer não estavam escritas aqui no meu papel.

Meus amigos e minhas amigas,

Companheiros vindos de tão longe para participar deste Seminário realizado no Brasil,

Companheiros, sobretudo, dos países desenvolvidos e companheiros dos países mais pobres do Planeta,

É importante termos em conta que a questão energética é um dos principais problemas que estamos enfrentando no mundo inteiro. Não é um problema brasileiro, não é um problema europeu, não é um problema japonês, é um problema mundial.

Cada vez mais, precisamos produzir mais energia para atender o crescimento econômico dos nossos países e para atender, sobretudo, o conforto que o ser humano reivindica com muita justeza. E nós não temos,



ainda, todas as opções que gostaríamos de ter. A energia nuclear, que é uma energia limpa, é uma energia tida como perigosa; a energia eólica, outra energia limpa, ainda é pouco desenvolvida e sem a segurança que os modelos industriais precisam; a biomassa é um bom começo de energia limpa que alguns países e o Brasil estão introduzindo; a energia solar é uma energia muito importante, mas ainda não recomendável para utilização em grandes cadeias produtivas; a energia que nós conhecemos, utilizada no mundo inteiro, pelo óleo diesel, na utilização de termoelétricas; ou a energia que predomina na matriz brasileira, a energia hídrica, que é uma energia limpa, mas uma energia que, se não tomarmos cuidado, cada vez mais vai mexer com o meio ambiente, porque cada vez mais precisamos fazer lagos maiores. Se bem que, hoje, já conseguimos fazer a produção de energia através de hidrelétricas, sem precisar fazer grandes lagos.

O Brasil se apresenta ao mundo com uma alternativa, uma alternativa que gera dois tipos de polêmica: os países que têm dinheiro e não estão preocupados em saber se o preço do petróleo custa 100 ou 150. Portanto, podem pagar o preço que for. Os países pobres sofrerão, outra vez, as conseqüências de serem pobres. Uma outra coisa importante é que se diz que os biocombustíveis podem ocupar a área relativa à produção de alimento, no mundo.

Eu quero dizer para vocês que eu acho pouco provável que um ser humano abdique da energia mais importante, que é a sua própria energia, que vem através da alimentação. Sem a energia humana ele, certamente, não terá forças para produzir nenhuma outra energia.

Segundo, é importante a gente pensar o destino dos países pobres, que atravessaram todo o século XX sendo pobres, e que há uma previsão de que continuarão pobres no século XXI. Porque, como eu disse, a distribuição das riquezas do mundo estão muito concentradas numa parte menor da população.

Quando nós apresentamos o programa do biodiesel, no Brasil, como



uma nova fonte energética, nós não pensávamos apenas no Brasil. Nós pensávamos na África, pensávamos na América Latina e na América Central, e pensávamos também nos países pobres do mundo. E dizíamos, em vários documentos, que era impensável imaginar que nós iríamos ocupar ou a área amazônica para produzir biocombustíveis ou que iríamos substituir a produção de alimentos por biocombustíveis. E por que não? Porque o resultado do modelo adotado pelos Estados Unidos, de produzir etanol do milho, causou efeitos imediatos na elevação do custo do alimento, em alguns países, e sobretudo, na elevação do custo da carne de animais ou aves que têm como fonte de nutrição o milho.

Aqui no Brasil, eu tenho alertado alguns produtores de biodiesel de que não é possível construir uma matriz energética pensando na soja, porque a soja também é alimento humano e alimento animal. E como a soja é *commodity* e tem preço internacional, ela tornará o produto muito caro e portanto, nós não teremos sucesso se acreditarmos na utilização de uma oleaginosa que serve para alimento, para produzir óleo diesel. Entretanto, já está provado também, do ponto de vista científico e tecnológico, que nós temos várias oleaginosas que podem produzir biocombustíveis, sem causar nenhum problema, como a palma africana, aqui mais conhecida como dendê, que é uma árvore típica da Amazônia; como a mamona; como o pinhão manso, que alguns conhecem como *jatropha*, o nome é mais ou menos esse. Estamos fazendo experiência no Brasil e, certamente, essa experiência pode ser um pilar de salvação para o continente africano e para os países pobres da América Latina, desde que haja uma combinação entre o compromisso de produzir óleo diesel, cuidando da questão ambiental, e ao mesmo tempo combinando a produção com a produção alimentar, e o compromisso dos países ricos que não têm terras agricultáveis para fazer a produção, de construir parcerias com os países pobres e começarem a comprar ou a produzir, conjuntamente, esse combustível novo, para que o mundo possa



emitir menos CO2. Esse é um debate que está começando agora. Eu sei que no exterior muitas vezes... Eu participei de um debate, recentemente, em Bruxelas. As pessoas falam que nós vamos desmatar a Amazônia para produzir biocombustíveis.

Esses dias, em um país, me permitam não dizer para vocês, fazia uma propaganda contra a carne brasileira, dizendo que o boi zebu brasileiro não é gado, é algo diferente. Eu sei que pelo fato de países que são emergentes estarem tendo um papel importante na economia mundial, também nós seremos alvo de um debate comercial que temos que, com muita democracia, enfrentar.

O dado concreto é que a Europa já aprovou, no Conselho da União Européia, utilizar 10% de etanol até 2020. Alguns países estão antecipando para até 2010. O dado concreto é que estamos em conversas avançadas com o Japão, sobretudo, a empresa Petrobras e as empresas japonesas, para a introdução de 3% de etanol na gasolina. Qual é o dado verdadeiro? O dado verdadeiro é que o Protocolo de Quioto não pode ser uma peça de ficção, assinada por presidentes de países, cada vez que se reúnem para discutir meio ambiente. É muito fácil assinar um documento e depois esquecer o documento na gaveta. E também é muito fácil alguns países, que são os maiores poluidores, tentarem transferir a questão da responsabilidade de cuidar do Planeta aos países pobres. Portanto, é importante saber que os países pobres, que não tiveram chance de crescer no século XX, certamente estão dispostos a contribuir na luta contra o desmatamento, na luta pela preservação da nossa fauna, da nossa floresta, pela qualidade da nossa água, mas é preciso saber que esses países têm seres humanos que querem trabalhar e querem ter acesso aos benefícios que os países ricos já tem. Portanto, os países que são poluidores do mundo precisam pagar a sua contrapartida para que os países pobres façam no século XXI aquilo que os ricos não tiveram coragem de fazer no século XIX, até porque não tinham



conhecimento: preservar a natureza, ao máximo. É uma contrapartida econômica que nós temos que ver...

Como é que nós poderemos evitar que a China se desenvolva, se tem pelo menos um bilhão de chineses que precisam comer? Como é que nós podemos evitar que a Índia se desenvolva, se tem pelo menos 700 milhões de indianos que precisam sobreviver? Como é que podemos pedir aos países pobres que façam sacrifícios que os outros não fizeram, sem que haja contrapartida econômica, para que as pessoas percebam que preservar o ambiente lhes garantirá meio de sobrevivência e renda para que possam ter acesso a bens materiais que tanto o ser humano necessita?

Essa é uma polêmica que vai durar algumas décadas, mas é uma polêmica com que os países pobres precisam ter cuidado, muito cuidado. Porque senão, nós, que somos vítimas do desmatamento, nós que somos vítimas do aquecimento global, nós iremos outra vez pagar a conta, porque os protocolos internacionais só servem para os países pobres cumprirem, os ricos não querem cumprir, e com a maior desfaçatez, arrumam argumentos para não cumprirem.

Então, eu quero dizer o seguinte: me incomoda muito, ministra Marina, me incomoda muito, companheiros, quando eu viajo o mundo e alguém vem dizer: “Mas derrubou uma árvore na Amazônia”. Nós entendemos, muitas vezes, que tem o desmatamento criminoso, que o governo está tomando medidas duras para coibir. Mas, muitas vezes, tem o desmatamento causado pelo pequeno produtor, que se nós quisermos que ele não desmate, temos que dar alternativas econômicas para ele. Nós também não aceitamos a idéia de que o Brasil, ao produzir biocombustíveis, vai ofender a Amazônia.

Eu queria dar uns números para vocês que, certamente, são números... Se conversarem com brasileiros, devem ter muitos números, mas eu só posso ter como referência o IBGE, que é o Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. O Brasil tem 851 milhões de hectares de terras. Desses, 360



milhões de hectares de terras é a Amazônia, que representa 42%. De pastagem, nós temos 210 milhões de hectares de terras, que representa 25%. Desses 210 milhões, 60 milhões já não servem nem mais para pastagem. Portanto, são 60 milhões de hectares que a gente pode recuperar para produzir alimentos ou para produzir biocombustíveis. Das culturas anuais, milho e soja, são 49 milhões de hectares, portanto, 6% do território. Culturas perenes representam 15 milhões de hectares, representam 2%. Florestas cultivadas, 6 milhões de hectares, representam apenas 1% das nossas terras. Áreas não exploradas ainda, fora a Amazônia, 101 milhões de hectares. Todas as cidades brasileiras existentes representam 20 milhões de hectares de terras. Áreas protegidas, 52 milhões de hectares e outros 38 milhões de hectares. Por que eu fiz questão de citar esses números para vocês? É porque nós temos mais de 400 milhões de hectares de terras agricultáveis. Portanto, eu posso dizer para vocês que não há possibilidade de um cidadão brasileiro dizer em qualquer lugar do mundo, mesmo dentro da sua casa, que é preciso derrubar um pé de árvore na Amazônia para criar uma cabeça de gado ou para plantar um pé de cana ou um pé de outra oleaginosa que produza biocombustível. Não é. As terras brasileiras, além da Amazônia, são suficientes para que a gente possa atender uma parte do mundo, nos alimentos, e atender uma parte das necessidades nos biocombustíveis.

Quando as pessoas se colocam contra isso, muitas vezes eu penso o seguinte: não olhem o Programa de Biocombustíveis a partir da Europa, onde tudo já está arrumado; não olhem de dentro dos Estados Unidos, onde também parte das coisas estão arrumadas, ou no Japão. Olhem, a partir do mapa da África, dos indicadores sociais e da América Latina e Caribe. E vocês vão perceber o quê? Hoje, para construir uma plataforma de petróleo, você precisa ter muita tecnologia e ela custa, aproximadamente, 2 bilhões de dólares. No Brasil, agora, estamos fazendo prospecção de petróleo a sete mil metros de profundidade. Quantos países do mundo têm tecnologia para isso?



Certamente, um petróleo tirado de sete mil metros de profundidade será mais caro do que aquele tirado em terra. Agora, prestem atenção: se é verdade que nem todos os países do mundo têm engenharia para prospectar petróleo ou para construir plataforma, é importante lembrar que todo agricultor do mundo, independentemente de ter diploma universitário ou não, independentemente de ser branco ou preto, japonês, chinês ou brasileiro, ele sabe cavar um buraquinho com a mão, de 30 centímetros, plantar uma oleaginosa, de lá extrair um combustível não poluente, com o qual ele pode ajudar a despoluir o Planeta. É preciso que a gente acredite nisso e é preciso que construamos o debate internacional, sem a predominância daqueles que predominaram sempre.

Eu, agora, estou tendo experiência na Rodada de Doha. Na Rodada de Doha, nós sabemos que se não houver flexibilidade de um conjunto de países para permitir o acesso agrícola, aos seus mercados, dos produtos dos países pobres, se não houver redução dos subsídios agrícolas, os países pobres de hoje serão os países pobres de amanhã e serão os países de sempre. Eu tenho consciência de que não é um debate fácil, mas eu tenho consciência de que nós não dependemos dos países ricos para fazer esse debate das concessões, porque sempre haverá quem queira brigar para defender as conquistas que já tiveram. Cabe a nós, países em desenvolvimento, estabelecer uma conversa mais ousada e mais forte com os nossos irmãos dos países ricos, para que a gente possa flexibilizar uma melhor visão sobre o mundo onde a partilha, tanto das riquezas minerais, quanto a responsabilidade por cuidar das florestas e a responsabilidade pela distribuição da riqueza seja de todos e não apenas de poucos.

Como presidente do Brasil, eu quero dizer a todos vocês que nós iremos nos empenhar, em todos os fóruns multilaterais, para que a discussão sobre a matriz energética, a produção de alimentos... Eu não sei se vocês perceberam, nos últimos 12 meses a inflação, no mundo inteiro, está sendo puxada para



cima, por conta de alimentos. Na China é alimento, na Índia é alimento, no Brasil é alimento, no Chile é o alimento que está puxando a inflação. E por que está acontecendo? Está acontecendo por uma simples razão, não é que diminuiu a produção de alimentos, é que aumentaram as pessoas que comem.

Na China estão comendo mais, no Brasil os dados demonstram que as pessoas estão comendo mais. Na América Latina, em todos os países que eu visito, as pessoas estão comendo mais, na Índia as pessoas estão comendo mais. Na medida em que as pessoas tenham acesso a mais comida, obviamente que nós vamos precisar produzir mais alimentos. Eu queria terminar com um número brasileiro, para vocês entenderem que nós não corremos risco nessa disputa entre alimento e biocombustíveis.

O Brasil, em 1995, produzia 57 milhões de toneladas de grãos, eu vou repetir, em 1995, o Brasil produzia 57,9 milhões de toneladas de grãos em 37 milhões de hectares. Vou repetir o número: 57,9 milhões de toneladas de grãos em 37 milhões de hectares. Quinze anos depois, ou melhor, 12 anos depois, nós estamos produzindo 133 milhões de toneladas de grãos em 46 milhões de hectares. Nós triplicamos a produção e aumentamos em 19% a área plantada.

Portanto, o avanço tecnológico está permitindo que a gente possa produzir cada vez mais em áreas menores. A cana-de-açúcar, Marina, comparada com 1975, hoje nós estamos produzindo quatro vezes mais do que produzíamos em 1975, e a tendência é produzir cada vez mais por hectare. Há 15 anos, um boi para ser abatido no Brasil, precisava de 48 meses; hoje se abate com 18 meses. Um frango, para ser abatido, demorava 57 dias; hoje ele demora 36 dias. Portanto, a combinação do avanço tecnológico com a preservação ambiental vai permitir que a gente cuide do Planeta, conservando-o, cuidando do meio ambiente mas, sobretudo, a gente tem que lembrar: tem muitos seres humanos, ainda, que precisam comer três refeições por dia, muitos. Eu diria que se a gente olhar a China, o Brasil, a Índia, a América Latina, o continente africano... e lembrem-se, daqui a 30 anos o continente



africano terá quase 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, e essa gente quer comer, essa gente quer trabalhar, essa gente quer viver decentemente.

Então, o desafio não é apenas pensar no que estamos vivendo hoje, é na construção do mundo que nós queremos daqui a 40, 50 ou 60 anos. Ou melhor, é pensar no mundo que nós queremos deixar para a Humanidade que virá depois de nós. Esse é um desafio que envolve ricos e pobres, esse é um desafio que envolve todas as economias e, sempre, esses grandes desafios começam com uma minoria, como vocês. São 130 parlamentares, certamente nos países de vocês, dentro da Casa do Congresso, aqueles que defendem o meio ambiente com mais vigor são sempre minoria. Eu lembro que quando se começou a discutir a questão ambiental no Brasil, há trinta anos, quando aparecia um ambientalista dizendo algumas coisas, era tido como se fosse louco. Entretanto, toda grande tese da humanidade se apresentou no começo como loucura. Hoje nós somos conscientes de que graças aos ambientalistas do mundo, a gente não fez mais desgraça do que já fez até o dia de hoje.

Portanto, é tempo de corrigir, é tempo de fazermos aquilo que não fizemos ontem, e a responsabilidade é de todos os países do mundo. Eu sei que este encontro, as discussões que vocês fizerem aqui vão permitir que a gente possa socializar as informações aqui discutidas e que a gente possa, quem sabe em um próximo encontro, sentir que houve um avanço na responsabilidade dos governantes em cuidar com mais carinho do Planeta em que vivemos.

Bom Congresso e muito obrigado a vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de almoço oferecido pela presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner

Buenos Aires - Argentina, 22 de fevereiro de 2008

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidenta da nação Argentina,

Excelentíssimo presidente Néstor Kirchner,

Excelentíssimo presidente Raul Alfonsín,

Excelentíssimo senhor Julio César Cleto Cobos, vice-presidente da nação Argentina,

Excelentíssimo senhor Eduardo Felner, presidente da Câmara dos Deputados,

Excelentíssimo senhor Ricardo Luiz Lorenzetti, presidente da Corte Suprema de Justiça,

Senhores governadores,

Senhor Maurício Macri, chefe do governo da cidade de Buenos Aires,

Senhores e senhoras ministros argentinos,

Companheiros ministros brasileiros que acompanham a minha delegação,

Meus amigos e minhas amigas,

Voltar a Buenos Aires, percorrer suas ruas, encontrar sua gente é sempre um prazer para um brasileiro, seja ele governante ou não. Para um presidente, como eu, que acompanhou nestes últimos anos o renascimento da Argentina, esta viagem se reveste de particular emoção.



Quero iniciar dizendo que é uma honra e uma grande alegria ser recebido pela presidenta Cristina Fernández, por seus ministros e pelas altas autoridades dos Poderes Legislativo e Judiciário deste extraordinário país.

A esperança que hoje anima os argentinos não é resultado de ilusões, não renasce da propaganda, não se alimenta de ardis ideológicos ou da retórica.

Esperança só existe quando as pessoas conseguem enxergar um novo horizonte e sentem, no seu cotidiano, que este horizonte é alcançável.

Argentina e Brasil são países com imensos desafios. O principal deles é garantir a homens e mulheres a dignidade que a realidade ainda lhes nega.

A presidenta Cristina e eu somos os primeiros a reconhecer isso. Mas, também, não concebemos a história como fatalidade. Ao contrário, a história de nossos países, nesta fase positiva que estamos vivendo, é construção humana na qual se articulam as ações dos governantes com a vontade do povo.

Por caminhos diversos, mas convergentes, deixamos para trás um passado que condenava nossas economias à recessão ou a um crescimento incompatível com nossas exigências sociais.

Por décadas, milhões de mulheres e homens em nossos países foram submetidos a experiências irresponsáveis que lançaram milhões na margem da sociedade. Pior do que isso, arrebataram suas esperanças.

Quando olho para a Argentina e o Brasil de hoje, sinto a mudança e, ao mesmo tempo, observo o imenso potencial para avançar ainda mais para construir o desenvolvimento e a prosperidade de nossos países.

Vejo que nossos povos compartilham o compromisso com a democracia e os direitos humanos.

Senhora Presidenta,

A aliança estratégica entre a Argentina e o Brasil é imprescindível para que alcancemos nossos objetivos nacionais, que só fazem sentido se forem tomados como parte de um projeto amplo de integração sul-americana.



Daí meu convencimento de que juntos temos de fortalecer o Mercosul e forjar uma integração consistente entre os países da América do Sul.

Mas temos responsabilidades maiores, sobretudo quando começa a se desenhar um mundo multipolar, regido pelos princípios do multilateralismo.

Juntos podemos lutar contra o protecionismo dos países desenvolvidos na Rodada Doha. Juntos podemos dar exemplo de estabilidade ao mundo, especialmente no momento em que a ciranda financeira em países ricos ameaça a economia mundial.

Senhora Presidenta, querida amiga,

Minha visita de Estado é ocasião não apenas para reafirmar a amizade inquebrantável e a relação imprescindível entre nossos países.

É a ocasião, sobretudo, para tomar decisões concretas, como fizemos hoje ao assinar a Declaração Conjunta, cujo objetivo é dar impulso a projetos emblemáticos de nossa relação estratégica.

Vamos lançar um satélite conjunto, desenvolver projetos na área nuclear. Vamos melhorar nossa integração física, cooperar mais em energia, desenvolver projetos conjuntos na área de defesa e construir um espaço regional integrado.

Vamos, além disso, continuar juntando nossas vozes aos que acreditam no multilateralismo e no fortalecimento do direito internacional, seguir trabalhando pela paz e pela tolerância entre nações e povos.

Minha cara amiga Presidenta,

Argentina e Brasil estão juntos hoje e estarão juntos amanhã. Nosso futuro está na integração. Estaremos juntos na defesa de nossas liberdades, na construção de nossa riqueza e na criação de condições sociais mais justas.

Eu sei que é um brinde e sei que o meu discurso tem que ser muito curto, e estou vendo pela fisionomia das pessoas que estão aqui que a fome já exige que eu termine meu discurso. Entretanto, eu preciso fazer dois minutos de improviso, antes de brindar.



Eu tive a oportunidade de conhecer o presidente Alfonsín, em momento de adversidade aqui na Argentina, conhecedor do papel que ele e o presidente Sarney fizeram para construir o Mercosul.

Tive a oportunidade de conhecer o presidente Duhalde, também em um momento difícil da Argentina, quando perguntei ao Duhalde: quem será o próximo presidente da Argentina? Só tinha gente conhecida do grande público e ele me disse: “Será o Néstor Kirchner. Eu perguntei: quem é Néstor Kirchner? Ele me disse: “É o governador de Santa Cruz, na Patagônia”. E alguns meses depois, Kirchner era presidente da Argentina.

Sejamos francos, uma Argentina desacreditada, uma Argentina com problemas que pareciam insolúveis e, poucos anos depois, mesmo para os descréditos, mesmo para aqueles que torcem o tempo inteiro para que as coisas não dêem certo, a Argentina recupera o seu extraordinário papel no cenário mundial, recupera a sua economia, recupera a auto-estima do povo argentino e este homem de Santa Cruz se transforma possivelmente, num dos marcos da história dos presidentes da Argentina.

Um dia, da mesma forma que perguntei para Duhalde, eu perguntei para o Kirchner: quem será o seu substituto aqui na Argentina, já que você disse que não vai concorrer às eleições? E ele me disse: “não posso falar, mas será a Cristina”. E hoje estou aqui visitando a Argentina, numa visita de Estado, tratado condignamente pela presidenta Cristina e pelo povo argentino.

Muitas vezes, o que faz um governante passar para a história não é apenas a sua inteligência intelectual, mas são os compromissos e as definições para quem queremos governar e de que lado estamos. Se bem que somos de todos, porque fomos eleitos para governar para todos, mas sempre tem um lado que precisa mais do Estado, que precisa mais do governo, que são as pessoas que não conseguem audiência, são a gente que muitas vezes não passa nem perto do palácio, mas são a gente que nos momentos mais difíceis que nós vivemos enquanto governantes, no anonimato, sem nos pedir nada,



são as pessoas que nos dão sustentação contra a incompreensão. Muitas vezes, uma parte da elite do nosso povo que não pensa em mudança, prefere viver com o errado – desde que o presidente seja do seu lado – do que viver com o certo, mesmo o presidente não sendo o seu.

Eu sei, Cristina, o que você passou na campanha aqui. Todos nós somos vítimas, às vezes, de preconceitos, e as mulheres são duplamente vítimas de preconceito. O desafio que você aceitou, de ser presidenta da Argentina, eleita no primeiro turno, sem sombra de dúvida, enaltece a alma da mulher sul-americana.

Outro dia eu dizia, num encontro no Brasil para os trabalhadores: se eu não desse certo no Brasil, iria demorar 150 anos para um operário voltar a pleitear a Presidência da República. Então, o meu compromisso não é com o meu mandato, o meu compromisso é despertar a consciência do povo, de que qualquer um pode se preparar e disputar os cargos que antes de mim eram de tão poucos.

Para você, Cristina, pesa a responsabilidade de provar, mais uma vez, que as mulheres precisam ocupar os espaços políticos que durante séculos foram negados às mulheres. A sua gestão, como tudo na vida da mulher, que sempre tem dupla jornada de trabalho, tem duplo compromisso. Primeiro, fazer melhorar ainda mais aquilo que vocês já conseguiram fazer no primeiro mandato de Kirchner. O povo espera isso, mas qual é o segundo desafio seu? É provar, você e Michelle Bachelet, que as mulheres não podem perder tempo, não podem pedir licença, autorização aos seus companheiros para serem presidentas. O seu papel é provar ao mundo e à Argentina que as mulheres estão igualmente preparadas, ou melhor preparadas, do que os homens para governar o seu país.

Eu estou confiante do êxito do seu governo, peço a Deus que seja maior do que o do Kirchner, como eu espero que o meu sucessor faça muito mais do que eu. Mas estou confiante, Cristina, que nós dois poderemos dar



continuidade à exitosa relação que o Kirchner e eu estabelecemos entre Brasil e Argentina. Sempre haverá disputas, sempre haverá interesses diferenciados, sempre teremos pequenas divergências. Mas a nossa grandeza em respeito às aspirações de argentinos e brasileiros, é provar que as pequenas divergências, as divergências de varejo, são muito menores do que as concordâncias que nós temos no atacado.

Por isso eu quero pedir a todos vocês um brinde, uma homenagem à companheira Cristina Fernández e ao povo argentino pela calorosa recepção e pelo belo acolhimento que deram à delegação brasileira.

Querida Cristina, que Deus te olhe com os olhos generosos do Criador, porque a Argentina já conheceu a bonança, já conheceu a pobreza, e a Argentina está tendo uma chance extraordinária. Todos nós, argentinos, em primeiro lugar, e sul-americanos, em segundo lugar, temos a obrigação de contribuir para que a Argentina e a América do Sul conheçam o desenvolvimento e a justiça social que uma parte pequena do mundo já conheceu.

Por isso, felicidades, companheira Cristina.

(S211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa Territórios da Cidadania**

Palácio do Planalto, 25 de fevereiro de 2008

Excelentíssimo deputado federal Arlindo Chinaglia, presidente da
Câmara dos Deputados,

Companheiros e companheiras ministros de Estado, Dilma Rousseff, da
Casa Civil; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário, Reinhold
Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Fernando Haddad, da
Educação; Gilberto Gil, da Cultura; Luiz Marinho, da Previdência Social; Edison
Lobão, de Minas e Energia; Paulo Bernardo – que foi embora – do
Planejamento; Marina Silva, do Meio Ambiente; companheiro Geddel, que
também teve que se retirar, da Integração Nacional; Luiz Dulci, da Secretaria-
Geral da Presidência da República; José Múcio Monteiro, da Secretaria de
Relações Institucionais; Roberto Mangabeira Unger, de Assuntos Estratégicos;
e Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade
Racial, que na medida provisória estamos transformando em Ministério,

Senhora Tereza Souza, secretária especial interina de Políticas para as
Mulheres,

Meu caro companheiro Altemir Gregolin, secretário especial de
Aquicultura e Pesca,

Governadores de estados, Jackson Lago, do Maranhão; Teotônio Vilela
Filho, de Alagoas; Ana Júlia Carepa, do Pará; Marcelo Déda, de Sergipe;
Eduardo Braga, do Amazonas; Roberto Requião, do Paraná;

Nosso querido companheiro Binho Marques, o Cássio esqueceu o nome
dele, do Acre. É para o pessoal saber que eu estou ali, mas eu estou atento,
estou de olho.

Meu caro Marcelo Miranda, do Tocantins; e Waldez Góes, do Amapá.



Aliás, Waldez Góes, é importante, quem nunca foi lá, ir ao Amapá comer o peixe que ele faz, o tucunaré assado, Marina, que é único. Prometeu trazer um, para assar aqui, certamente não trouxe, mas fique certo que eu vou lhe cobrar.

Companheiros e companheiras deputados federais,

Companheiros e companheiras senadores,

Vice-governador Edmundo Pereira, da Bahia, Ademir Menezes, de Goiás; Wilson Martins, do Piauí,

Senhores membros do Corpo Diplomático,

Senhora Eliane Brasileiro, prefeita de General Sampaio,

Senhoras e senhores prefeitos,

Integrantes dos 60 colegiados territoriais, dos quais 33 estão presentes a esta cerimônia, e 27 que nos assistem direto, por transmissão da Radiobrás,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou com o nome de cada um dos 27 aqui.

Eu vi aquele poeta, Bily-bily(?)? Falaram Bily-bily. Seja Bily-bily ou Buly-Buly, o Arlindo certamente nunca tinha visto um poeta com tamanha dimensão de grandeza de, no ato, fazer os versos que ele fez. É por isso que nordestinos resistem ao tempo e a alguns maus governantes que passaram por este País. Sobrevivem.

Mas eu queria aproveitar que eles estão me vendo e lá, certamente, tem mais gente do que tem aqui, eu queria cumprimentar os companheiros da Bahia, do território Sisal, que foi apresentado aqui; de Sergipe, o território do Alto Sertão, que está lá na Nossa Senhora da Glória; de Alagoas, o território do Agreste, lá em Arapiraca; de Pernambuco, o território Agreste Meridional. Lá em Garanhuns, certamente, os meus parentes estão me vendo lá; da Paraíba, Borborema, está lá em Campina Grande, reunido, o território de Borborema; Rio Grande do Norte, o território de Açu-Mossoró, está lá em Mossoró, na Universidade Federal; o território de Itapipoca, no Ceará, está reunido lá em Itapipoca; território Entre Rios, Piauí, está lá em Teresina. Por isso é que o



Wellington não veio, porque ele mediu: “onde tem mais eleitor, é em Brasília ou aqui?” Ficou lá em Teresina. No Maranhão, o território de Cocais, lá na cidade de Caxias, está reunido; no Acre, o território Alto Acre Capixaba, lá em Epitaciolândia; no Amazonas, o território Manaus, em torno de Manaus, estão reunidos lá em Rio Preto da Eva, Centro Social Dom Pedro; no Amapá, o território do Sul, está reunido lá em Marzagão; no Pará, o território Baixo Amazonas, está reunido lá em Santarém; em Rondônia, o território Central está reunido em Ji-Paraná. Lá está chique, Hotel Plaza, estou vendo aqui. Roraima, território Sul, está reunido em Rorainópolis; Tocantins, o território Bico do Papagaio, está reunido em Augustinópolis; DF, território Águas Emendadas, está reunido aqui, em Luziânia; Goiás, o território Vale do Rio Vermelho está reunido na cidade de Goiás, Hotel Fazenda Cabeça de Couro; Mato Grosso, o território Portal da Amazônia, está reunido em Alta Floresta; Mato Grosso do Sul, território Grande Dourados, está reunido em Dourados, na sede da Embrapa; Minas Gerais, o território Médio Jequitinhonha, está reunido lá em Araçuaí; Espírito Santo, o território Norte está reunido em Nova Venécia; Rio de Janeiro, o território Norte está reunido em Campos de Goitacazes, lá no Cefet; São Paulo, o território Vale do Ribeira está reunido em Registro, São Paulo; no Paraná, o território Cantuquiriguaçu, está reunido em Laranjeiras do Sul; Santa Catarina, o território Chapecozinho está reunido em Xanxerê. Xanxerê, tem uma lembrança de 1982. A primeira propaganda na vida que fizeram de uma candidatura, em 1982, em Xanxerê, porque não tinha dinheiro, não tinha papel, pegaram palha de milho, daquelas do tamanho de fazer o cigarrinho de corda e fizeram a propaganda do candidato em papel de milho. Agora, o resultado é o seguinte: bonito para caramba mas, voto, não tivemos quase nenhum. Mas ficou a lição de uma campanha ecologicamente correta. E, por último, o Rio Grande do Sul, o território Zona Sul, está reunido na sede da Embrapa, na cidade de Pelotas. A todos vocês que estão nos acompanhando aqui, bom dia, e bom Territórios da Cidadania para vocês.



Companheiros e companheiras,

Eu acho que nós estamos vivendo um período, no Brasil, que nos permite criar coisas novas para aperfeiçoar coisas que tínhamos feito há alguns anos e, ao mesmo tempo, ir criando na cabeça da sociedade brasileira a idéia de que o Brasil, decididamente, está disposto a se transformar numa grande nação.

E tudo começou com a idéia do PAC. Eu vou repetir isso porque é sempre importante a gente martelar na consciência das pessoas as coisas, porque muitas vezes as pessoas vêem o prato feito e não se lembram quantas queimadas a pessoa que foi para o fogão teve, para fazer aquela comida. O PAC possibilitou que... Depois do PAC feito para o desenvolvimento, o PAC do crescimento econômico, da infra-estrutura, da urbanização de favelas, de saneamento básico, do Luz para Todos, o PAC foi construído em outras áreas dentre as quais essa, Territórios da Cidadania, porque aí todo mundo aprendeu a fazer PAC. Cada ministro apresentou um pacotinho do seu PAC, tem PAC para todo mundo se divertir até o final do mandato.

Mas esse Territórios da Cidadania, quando foi apresentado para nós, ainda no ano passado, eu me convenci – e fiz questão de dar os parabéns ao companheiro Guilherme e à equipe que trabalhou – quando eles apresentaram o Territórios da Cidadania, eu me convenci de que nós tínhamos conseguido elaborar o mais extraordinário programa de atendimento de políticas de oportunidades combinadas com políticas sociais que nós já tínhamos preparado no Brasil. Me convenci disso. E, sobretudo, porque a execução dele depende da construção das parcerias. Não é possível fazê-lo dar certo daqui de Brasília. O Bolsa Família, você consegue fazê-lo dar certo pela eficácia que o Ministério montou, nos acordos com a Caixa Econômica Federal, em que o presidente da República não sabe quem recebe. Mas este, as pessoas vão ter que estar de corpo e alma presentes, acompanhando, porque envolve dezenas de ministros e envolve ações desde fazer o registro civil de uma criança que



nasce – e no Brasil tem muitas que não são registradas – até você criar condições...

Eu estou vendo o Paulo Okamoto, do Sebrae. O Sebrae vai ter muito trabalho para ajudar a gente a fazer isso acontecer. Na verdade, esse é o grande programa que pode fazer com que muita gente que hoje recebe o Bolsa Família porque não tem outra possibilidade de renda, comece, através do Territórios da Cidadania, a encontrar não a porta de saída – porque quando as pessoas falam em porta de saída, a impressão que eu tenho é que tem gente com fobia para acabar logo o Bolsa Família. Eu não tenho pressa de acabar o Bolsa Família. O Bolsa Família vai acabar no dia em que a sociedade brasileira, junto com todos nós, conseguir construir as políticas de distribuição de renda para que o povo não precise mais dessa política do governo.

Então, tem gente que se incomoda. Eu fico feliz que tenhamos conseguido colocar, em pouco tempo, 11 milhões de famílias para receber o Bolsa Família. E se a gente for pesquisar, a gente vai perceber que tem gente nos grotões das cidades brasileiras que o Bolsa Família ainda não atinge. Muitas vezes eu penso que é mais fácil para as pessoas que cadastraram, cadastrar no perímetro urbano da cidade, do que percorrer um município grande, ir lá no fim daquele município procurar alguém pobre para colocar no Bolsa Família. Eu espero que o Territórios faça essa complementação e que a gente consiga, definitivamente, fazer com que essa gente tenha vez no nosso País.

Uma vez eu estava no estado do Acre e o nosso companheiro Jorge Viana me disse uma frase que eu guardei para o resto da vida. Ele dizia assim: “dinheiro, mesmo que pouco, na mão de muitos significa distribuição de riqueza. Muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de riqueza.” E o Territórios da Cidadania é isso, é colocar, mesmo que pouco, é fazer com que o dinheiro se espraie por todos os 190 milhões de brasileiros, por todos os lares dos grotões e sertões brasileiros, para que as pessoas sintam prazer de



que o Estado brasileiro está cumprindo com a sua parte.

Esta semana, para felicidade da Dilma Rousseff, para felicidade da equipe dela e para felicidade dos ministros, eu começo a viajar, na quinta-feira eu vou para Quixadá, por conta do Territórios da Cidadania lá da região. Mas esta semana nós vamos começar a viajar para outros lugares do País, por conta do PAC.

Na semana que vem, Dilma, vou fazer questão de te levar para o começo das obras lá no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em Manguinhos e na Favela da Rocinha. Aquelas pessoas vão perceber que vale a pena acreditar que o Estado brasileiro, se trabalhar de forma republicana, Téo, sem preconceito, e envolver os outros entes federativos, a gente pode fazer muito mais do que já foi feito em qualquer outro momento da história deste País.

Eu queria, Guilherme, dizer para você que este é um dia histórico. Nós estamos lançando aqui... Certamente, você não vai gostar, durante a semana, algumas críticas de que não vai dar certo. Nós estamos acostumados com isso. Quando as coisas dão errado, a culpa é do governo, quando dão certo é da sorte. É uma coisa meio inacreditável. O que me dá otimismo é que eu acredito demasiadamente na inteligência do povo brasileiro, para saber distinguir o que é boa fé e o que é má fé.

De uns tempos para cá, eu venho analisando o que está acontecendo com o Brasil, eu não sei se vocês sentiram o orgulho que eu senti na semana passada. O Brasil deixar de ser devedor e virar credor internacional, para quem chegou ao governo como nós chegamos, que a gente não tinha crédito nem para pagar as nossas importações... Eu acredito que todos nós temos competência, mas precisou uma ajudazinha de Deus para que as coisas pudessem dar certo. Eu não conheço ninguém que vença na vida se não tiver sorte, não conheço. E eu espero que o nosso governo continue com sorte, e muita sorte.

Os governadores, minha cara Roseana, são testemunhas da lealdade



com que nós temos nos relacionado. Eu nunca perguntei para o Téo de que partido ele era, como nunca perguntei para um prefeito de que partido é. Nunca perguntei porque não é assim que o Estado republicano se relaciona com outro ente federativo. Nunca perguntei, e os governadores sabem. O Téo que não pense que a gente o trata bem porque ele é do Nordeste, é de Alagoas. Tratamos o Aécio do mesmo jeito, tratamos a governadora do Rio Grande do Sul do mesmo jeito, tratamos o Cássio Cunha Lima, da Paraíba, do mesmo jeito, tratamos o Serra do mesmo jeito, porque São Paulo é apenas um filho mais robusto da pátria chamada Brasil e a gente não pode tratá-lo diferente.

Imaginem que apenas uns poucos, não são muitos não, uns poucos, estão bem localizados, todo mundo sabe, os senadores sabem onde estão, a Câmara sabe onde estão, uns poucos continuam teimando e continuam torcendo para que as coisas não dêem certo. Eu fico imaginando quando essas pessoas assistem o noticiário e percebem que as coisas estão dando certo. Alguns se incomodam até por que esses ministros viajam tanto. Vocês têm que viajar, porque se ficarem em Brasília, é uma desgraceira só, tem que viajar o Brasil. Os problemas estão no Brasil e a solução está indo lá. A parte administrativa nós temos que cuidar, mas todo mundo sabe que se a gente quiser mapear e resolver o problema, a gente tem que viajar este País. Não é hábito, no Brasil, o governante viajar o Brasil. Conta-se nos dedos quantas pessoas viajaram este País, ao longo de tantos e tantos anos. Talvez, o marechal Rondon, que não foi presidente, foi o que mais viajou por conta de colocar os telégrafos neste País.

Nós temos que aproveitar este momento. Cada ministro sabe o que fez, cada ministro sabe a proposta que já apresentou, cada governador sabe o que está acontecendo no seu estado, de programas sociais, em parceria, muitas vezes entre o governo municipal, o governo estadual e o governo federal. E é assim que nós queremos construir esses próximos três anos, para ver, se quando sairmos daqui, o País tenha uma política social consolidada que



obrigue, do ponto de vista político, moral e econômico, que qualquer governante dê seqüência a essas políticas sociais.

Vejam que coisa inédita. Estamos fazendo uma política tributária que, esta semana, vamos dar entrada no Congresso Nacional. Já tivemos uma conversa com os governadores, já tivemos conversas com líderes. Hoje vamos ter uma conversa com os dirigentes sindicais. Onde se imaginou, dirigente sindical participar de discussão de política tributária neste País? Vamos ouvir os dirigentes sindicais, vamos ouvir os empresários e, depois, vamos junto com os governadores, ou se não quiserem vir para não se comprometerem, vamos sozinhos, dar entrada nesse projeto de reforma tributária, para que a gente dote o País de uma política tributária capaz de permitir que nós sejamos competitivos, também, numa coisa que nos acusam muito, chamada Custo Brasil. Eu estou tão convencido de que o maior Custo Brasil que nós temos, não são os impostos que se cobra neste País. O maior Custo Brasil que nós temos foi um século de esquecimento do povo pobre deste País, sendo tratado como cidadãos de segunda categoria.

Eu estou vendo aqui, Requião, governadores do Nordeste. Durante grande parte da minha vida, na época da seca, o que a gente via? “Governadores contratam frente de trabalho.” O que era frente de trabalho? Os trabalhadores tiram pedra de um lado da rua e colocam do outro lado da estrada. Não podiam jogar fora porque na outra seca tinham que devolver as pedras. Quando nós tomamos posse, Requião, ganhavam 30 reais por mês para fazer isso. No Egito, dizem que tiveram mais destreza porque, dizem que as pirâmides, Gilberto Gil, foram por conta do desemprego. Nós não precisamos construir uma pirâmide porque já tem lá para a gente visitar. Agora, o que nós queremos construir é uma pirâmide menos desigual, uma pirâmide um pouco mais achatada, que não tenha uma ponta tão alta e a base tão sofrida aqui em baixo.

Essa política que o Cassel anunciou aqui, eu posso dizer para vocês que



é o segundo grande passo para a gente acabar com a pobreza. Não vou falar da economia, não vou falar do emprego, não vou falar das perspectivas do que vai acontecer. Este ano, vamos cumprir a meta, é ou não é Lobão, do Luz para Todos. Qual é o problema do Luz para Todos? O problema do Luz para Todos é que nós trabalhamos com o número do IBGE, que é a nossa referência. Mas na hora em que o nosso pessoal do Luz para Todos sai a campo, a gente percebe que tem muito mais gente sem luz do que o que está nas estatísticas do IBGE. Nós vamos atingir 2 milhões de famílias, que dá quase 10 milhões de pessoas, e nós já descobrimos mais 1,7 milhão pessoas que não têm luz, portanto é mais um compromisso, até 2010, para a gente acabar com tudo isso.

Dessa forma, eu penso, Guilherme, que você só tem que estabelecer uma boa relação com os governadores, uma boa relação com os prefeitos, criar as condições para a sociedade fiscalizar e eu tenho certeza de que em 2010 nós estaremos com os 120 territórios organizados e o povo mais pobre do País, certamente, um pouco melhor do que está hoje.

Quero agradecer a presença dos ministros, cada um tem compromisso com o Guilherme Cassel, cada um assinou um pedacinho de compromisso. Quero agradecer aos governadores, que são parceiros e também têm compromisso. Quero agradecer aos prefeitos, que têm parceiros e também têm compromisso. E quero pedir ao Senado e à Câmara que na hora em que as coisas forem chegando lá para votar, que dizem respeito ao Territórios, que a gente vote, porque o Brasil depende disso para se transformar nessa grande nação que todos nós sonhamos.

Um abraço, boa sorte e parabéns, Guilherme, a você e à sua equipe.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da fábrica de pneus de mineração e
terraplanagem da Michelin – América do Sul**

Bairro Campo Grande – Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2008

Meu caro companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus companheiros ministros Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido companheiro Luis Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro, deputado Jorge Picciani, presidente da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro,

Meu amigo e senador da República, Marcelo Crivella,

Deputados federais Alexandre Santos, Carlos Santana e Sandro Matos,

Meu caro Luiz Fernando Beraldi, presidente da Michelin da América do Sul,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Meu caro Régis Fichtner, secretário de Estado, chefe da Casa Civil,

Meu caro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan,

Senhora Fabíola Barbosa e senhor Antonio Carlos, companheiros que representaram os trabalhadores da Michelin,

Prefeita de São Gonçalo, companheira Cida. Se tiver mais prefeitos aqui, eu quero estender os meus cumprimentos a todos,

Diretores da Michelin,

Trabalhadores e trabalhadoras da Michelin,

Amigos da imprensa,



Governador, hoje é um dia muito especial na minha vida. Eu dediquei um terço dos meus 62 anos de idade dentro de uma fábrica, e vivi momentos de alegria e momentos de tristeza. Somente quem está dentro de uma fábrica, ou quem está em casa esperando que o companheiro ou a companheira chegue, ao final do mês, com o salário para ajudar a família sobreviver, tem noção do que é o desemprego, tem noção do que é um trabalhador ir marcar o seu cartão, chegar lá e o cartão não está, vai ao departamento de pessoal e recebe o comunicado de que foi dispensado.

Eu vivi uma das piores crises de desemprego no Brasil, em 1965, com 19 anos de idade. Fiquei desempregado por um ano e dois meses. Saía todos os dias para procurar emprego, às 6h da manhã, às 5h da manhã, voltava às 4h, 5h da tarde, quase batendo palma em cada fábrica. Às vezes o diretor de Recursos Humanos colocava um funcionário para atender a gente, pegava a carteira da gente, entrava para o escritório, voltava 4 ou 5 horas depois para dizer: “não tem vaga”, e você voltava para casa, de segunda a sexta, na angústia de que na outra segunda você iria arrumar emprego.

Eu entrei na Villares no dia 29 de janeiro de 1966. A Villares, naquele tempo, produzia motor de navio, produzia ponte rolante, produzia peças para o metrô. A Villares estava no auge, muito dinheiro do BNDES, a Villares estava no auge. Um belo dia, nós chegamos para trabalhar e a Villares dispensou 1.500 trabalhadores numa tacada só. É preciso ter noção do que significa o desespero de um pai de família chegar em casa e falar: “perdi o emprego”.

Depois, eu vivi 10 anos da minha vida como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Vivi momentos de glórias, de alegrias e momentos de tristeza, porque assisti o começo do processo de avanço tecnológico nas empresas, Miguel Jorge trabalhava numa delas. Todo mês eram dezenas ou centenas de trabalhadores que eram mandados embora. Enquanto existia a rotatividade de mão-de-obra, estava maravilhoso. As empresas mandavam alguns trabalhadores embora e contratava outros. A



nossa briga era que os contratados novos recebiam menos do que os velhos que eram mandados embora. Foi daí que nós fizemos uma briga enorme e conseguimos, em 1976, Governador, conquistar uma coisa chamada “salário substituto”: a empresa, quando mandava um trabalhador embora e contratava outro na mesma função, tinha que pagar o mesmo salário daquele trabalhador demitido.

Aí veio a década de 80, e de 80 para cá, até dois mil e poucos, nós tivemos uma situação muito grave na economia brasileira. Nós éramos pegos de surpresa com anúncios de planos econômicos mirabolantes. Tinha planos que se anunciava na televisão como se, no dia seguinte, todos os trabalhadores estivessem ricos. Às vezes esse plano dava certo por três, quatro ou cinco meses e, de repente, esse plano acabava e os trabalhadores iam acumulando o prejuízo, as empresas iam tendo que demitir mais trabalhadores.

E nós chegamos a uma situação quase de desespero, em que não existia mais na porta de nenhuma fábrica uma placa daquelas “precisa-se”. Nós passamos 20 anos sem ter uma placa na porta de fábrica, porque todas as empresas tinham que dispensar trabalhadores, porque a economia brasileira não crescia, o mercado interno não crescia. Se não crescia o mercado interno, você não tendo consumidor, você não vende o seu produto. Então ficava, de um lado, um conjunto de jovens que iam atingindo idade de trabalhar e não tinham nenhuma possibilidade de trabalhar.

Quando eu vejo, Governador, a televisão mostrando um jovem de 18, 19, 20 anos, sendo preso porque assaltou, porque matou, eu compreendo que essa pessoa tem que ser punida mesmo, porque cometeu um delito. Mas é importante lembrar que essas pessoas são resultado de, praticamente, três décadas de descaso neste País, em que a economia não crescia, não se gerava emprego, não se gerava oportunidades. Então, é um desespero total, meninas e meninos atingindo idade de trabalhar, faziam o ensino fundamental,



às vezes faziam o 2º grau e quando iam fazer o 3º grau não passavam no vestibular das universidades federais porque tinham estudado em escolas públicas da periferia. Portanto, não podiam competir com aqueles que tinham estudado nos melhores colégios do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de Minas Gerais. Iam a uma universidade particular, faziam o vestibular, passavam e quando chegava no mês de fevereiro, que iam se inscrever, eles tinham que pagar para fazer um cursinho, até desses menores de 800, 900, 1.200, 1.500 reais. Nem pensar em Medicina, que vai para acima de 2.500 reais. Então é explicável, um pouco, o desespero de uma parte da juventude brasileira, porque não tinha esperança, porque não tinha perspectiva, porque não tinha para onde ir.

Quando nós assumimos o governo, em 2003, eu tinha uma coisa na cabeça. Primeiro, que nós não podíamos errar. Isso, Sérgio, martelava a minha cabeça. Eu dizia: todo mundo tem condições de errar, o Lula não pode errar. Já tinha um preconceito enorme contra mim, um torneiro mecânico, sem diploma universitário, ganhar a Presidência da República, já era uma coisa que muita gente não suportava, era demais. O cara sair de Garanhuns para não morrer de fome e virar Presidente da República? O preconceito é uma doença e muita gente não aceitava esse tipo de coisa.

Então, tudo que alguns queriam era que não desse certo para justificar. Não dando certo, “o trabalhador tem mais é que trabalhar e não se meta a querer governar o País.” Na minha cabeça, isso martelava 24 horas por dia. E eu dizia: por que eu não posso errar? Por que se nós fizéssemos o governo fracassado que outros fizeram, os trabalhadores iam passar 150 anos para ter a perspectiva de eleger um outro trabalhador presidente da República. E para dar certo, Sérgio, a gente tomou a decisão de não fazer mágica com a economia. Sabe aquele negócio: o presidente ganha e no dia seguinte vai à televisão e anuncia um plano econômico que parece uma mágica? De repente o real passa a valer mais do que o dólar. Todo mundo ficou feliz. Quanto tempo



durou? Eu falei: não tem mágica. Em economia a gente tem que tratar com seriedade. Em economia, primeiro, a gente só pode gastar aquilo que a gente tem. Eu sou casado há 34 anos com a dona Marisa, já vivemos momentos muito difíceis na nossa vida e a gente nunca fez uma dívida sem antes a gente ter certeza de que a gente podia pagar. Esse negócio de querer uma televisão nova porque saiu, é moda, não tinha na minha casa. A gente vai esperar, a gente vai criar as condições e a gente vai comprar quando a gente puder, porque se a gente der um passo maior do que a perna, a gente se machuca e nunca mais pode se recuperar.

Foi assim que nós começamos a tratar a economia brasileira. Eu posso dizer para vocês hoje, muito à vontade, Sérgio, que eu duvido que um outro presidente da República fizesse o choque que nós fizemos em 2003. Eu duvido que alguém tivesse a coragem de fazer o aperto fiscal que eu fiz em 2003. Eu fiz por quê? Porque eu entendia que eu tinha muita credibilidade política e era preciso gastar um pouco dessa credibilidade política para arrumar a casa.

Então, quando eu chego aqui hoje, na Michelin, e vejo uma empresa acreditando no País, investindo no País, eu fico lembrando que quando nós tomamos posse, nós não tínhamos dinheiro para financiar as nossas exportações e nem as nossas importações. Nós não tínhamos crédito, e ainda o FMI tinha 15 bilhões e 900 milhões de dólares depositados na conta do Brasil, com uma espada na cabeça do governo, dizendo: “só pode fazer isso, só pode fazer... Eu fui ao Congo agora, e o Congo tem uma dívida com o FMI. O Congo quer construir uma estrada, o FMI fala: “não pode”. Quer fazer uma universidade. Não pode. Aqui no Brasil, de vez em quando vocês viam nos jornais: “Missão do FMI vem para o Brasil”. Descia no aeroporto e começava a dar palpite: “não pode gastar nisso, não pode gastar naquilo, você só pode fazer aquilo”. Era como se, mesmo depois da morte de Tiradentes e depois da Independência em 1822, a gente ainda não tivesse independência. Era preciso vir alguém aqui para dizer: “só pode comer aquilo, só pode fazer aquilo”. O que



nós fizemos? Vamos preparar a casa para a gente dar o segundo grito de liberdade. Não precisava gritar “Independência ou Morte”, era só gritar “respeito”, “dignidade”. Em 2005, dissemos para o FMI: nós não precisamos de vocês mais aqui, peguem os 15 bilhões e 900 de vocês, tchau e benção, que nós vamos cuidar do nosso próprio nariz, com os nossos erros e com os nossos acertos.

Na quarta-feira, agora, eu me levanto e vejo a notícia: “Brasil deixa de ser devedor e passa a ser credor”. O que significa? Significa que hoje, como disse o Governador, as nossas reservas em dólar são maiores do que a dívida pública externa e a dívida privada. Significa que hoje, com muita humildade, nós poderemos transitar no mundo, não com o nariz em pé, mas de cabeça erguida, dizendo: nós não queremos ser maiores ou menores do que ninguém, nós queremos apenas ser respeitados enquanto nação e ser respeitados na nossa soberania. Nós decidimos o que queremos, como queremos e quando fazemos as coisas. É importante as pessoas perceberem, porque tem muita gente que dá palpite.

De vez em quando, se vocês pegarem os analistas econômicos que ao longo desses últimos anos vêm analisando a economia, vocês vão perceber que todos eles quebraram a cara. Agora mesmo aconteceu essa crise americana que é uma crise imobiliária, é uma crise de especulação, é uma crise do sistema financeiro que resolveu ganhar dinheiro fácil. Vocês sabem que nos Estados Unidos, essa crise imobiliária é em função de um modelo de financiamento de casa nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, se você compra uma casa por 100 mil reais, você tem um crédito para comprar a casa: 100 mil reais. Se no ano aquela casa valorizou para 200 mil reais, você tem direito a ir ao banco e fazer um crédito de mais 100 mil reais, que é a valorização da casa. Se no ano seguinte ela valoriza mais 100 mil, você pode ir ao banco e pegar mais 100 mil, tudo para consumir.

Acontece que o setor imobiliário não valorizou o tanto que precisava



valorizar, e as pessoas que fizeram o crédito tiveram problemas. Os bancos, que achavam que poderiam especular com esses títulos, quebraram a cara. Foram muitos bilhões. Só um banco francês, foram 50 bilhões de dólares. Os bancos da União Européia, quase todos, chega a mais de 400 bilhões de dólares, e a gente não sabe ainda os bancos. Eu me lembro do Citibank, Miguel Jorge, quantas vezes o Citibank veio ao Brasil, em reuniões comigo, eu não era nem presidente ainda. Como o Citibank sabia o que era bom, o que era ruim, dizia tudo que a gente tinha que fazer. Tomou na cara em 10 bilhões de dólares. Tudo isso porque especulou.

Aí, alguns adversários, não meus, alguns adversários do Brasil, pessoas que se levantam de manhã e vão dormir à noite torcendo para que o Brasil não dê certo – pelo menos na minha mão tem gente que não quer que ele dê certo – começaram a dizer: “agora eu quero ver se o Brasil vai agüentar, agora eu quero ver se a economia brasileira está sólida, agora eu quero ver como é que o governo vai se portar”. Até agora, essa crise americana não atravessou o Atlântico. Até agora o sistema financeiro não está envolvido nessa crise que tem um nome bonito, “*subprime*”, até agora não chegou até aqui. Nós temos solidez porque nós fizemos como a formiguinha: enquanto alguns cantarolavam, nós ficamos comprando dólar e hoje temos 190 bilhões de dólares de reservas, para enfrentar essas e outras crises. Hoje, nós podemos dizer para vocês que o Brasil está tendo a oportunidade de viver um ciclo de crescimento sustentável e duradouro.

O Luciano Coutinho, presidente do BNDES, nos comunicou agora há pouco que nesse primeiro mês de janeiro, a gente já financiou mais máquinas, 60% do que financiamos no começo do ano passado. Quando começa a crescer a venda de máquinas e bens de capital, significa o quê? Que as empresas estão investindo em renovação da sua capacidade produtiva, em modernização. E isso está acontecendo agora.

A construção civil, fazia 26 anos que não crescia. Não são 26 dias não,



26 anos. Do ano passado para cá, depois de todas as mudanças que nós fizemos, depois de aumentar o crédito para as pessoas comprarem casa financiada, nesses próximos anos a construção civil vai crescer como não crescia há 30 anos no nosso País. Eu estou dizendo isso para vocês para dizer do orgulho de estar aqui, vendo uma empresa investir no Brasil, vendo uma empresa gerar... A indústria automobilística também dizia que estava em crise. Eu me lembro que quando eu tomei posse, a indústria automobilística, toda vez que se reunia comigo, falava o seguinte: “Presidente, vamos fechar em vermelho”. Só tinha vermelho. Eu dizia: vamos trabalhar porque vai melhorar. Hoje, a indústria automobilística brasileira bate recorde atrás de recorde. As vendas de carros, só em janeiro, cresceram 25%. Por quê? Porque uma parte do povo trabalhador, que produz o carro e não pode comprar, porque só se financiava em 24 meses ou em 30 meses, na hora em que a indústria automobilística eleva o financiamento para 70 meses, o trabalhador percebe: cabe no meu bolso essa prestação. Aí, ele vai comprar o carro que ele tem prazer de comprar e de, preferência, usar pneus Michelin para que não fique parado nas ruas deste País.

Eu quero dizer ao Beraldi que é uma alegria estar aqui, e sobretudo, ver jovens vestidos com roupas de trabalho, meninas e meninos que, certamente, estão mais qualificados do que eu estava quando comecei a trabalhar em 1965 e, certamente, têm pela frente possibilidade de estudar mais do que eu tive.

Sérgio, uma coisa eu vou te contar, e a você, Beraldi. Quando nós criamos o ProUni, eu tinha um problema, porque eu passei na rua a vida inteira gritando: ensino público e gratuito. Mas para ter ensino público e gratuito tem que construir universidade. Se você não tem dinheiro, você não tem ensino público e gratuito. O que nós fizemos? Fizemos uma parceria, Crivella, com as universidades privadas, e criamos o ProUni. O ProUni está colocando 400 mil jovens da periferia na universidade.

Agora, mais uma novidade. Criamos o Reuni, acertamos com 54 reitores das



universidades federais, e vamos aumentar de uma média, hoje, de 12 alunos por professor, para 18 alunos por professor. Isso vai permitir que a gente, até 2010, coloque mais 400 mil jovens nas escolas federais deste País. Vamos inaugurar até 2010, 10 novas universidades federais, 48 extensões universitárias e vamos também inaugurar 214 escolas técnicas neste País. Este dado é importante: de 1900 a 2003 – a primeira foi construída por Nilo Peçanha, acho que na cidade de Campos, se não falha a memória – de 1909 até 2003, eles construíram 140 escolas técnicas, em 93 anos. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais neste País, para garantir ao jovem deste País, e sobretudo, aos filhos dos mais pobres, que têm o direito de aprender uma profissão e conquistar a sua cidadania. As escolas técnicas eram poucas, muito qualificadas e quem entrava na escola técnica até um tempo atrás, não era o pobre, era o cidadão que entrava, fazia o curso para depois ir para a universidade, e a profissão que ele tinha aprendido no lugar de um outro que precisava trabalhar, não valia muita coisa. Então, companheiros e companheiras, este País está sendo construído junto com vocês. Se não fosse a confiança, se não fosse o esforço nos momentos difíceis... Agora, graças a Deus o Rio de Janeiro elegeu o Sérgio Cabral. Um companheiro que tem trabalhado como se fossemos irmãos, não Abel e Caim. Irmãos, eu diria, de coração e de alma, porque o Rio de Janeiro precisa parar de sair nas páginas dos jornais apenas por violência. Esse Rio tem coisa muito melhor, 99% do povo é decente. Agora, tem gente que gosta de mostrar desgraça.

O meu papel é vender auto-estima, o meu papel é dizer o seguinte: se um País como o Brasil permitiu que um operário metalúrgico chegasse à Presidência da República, eu fico imaginando o que este País não pode permitir para vocês, que estão começando agora. Portanto, nós temos que acreditar neste País, que é maravilhoso, acreditar no Rio de Janeiro. É verdade que no Rio de Janeiro tem violência, mas não tem mais do que tem em qualquer outro estado da Federação, não tem. Em vez de mostrar só a cara de



bandido, é importante mostrar a cara de vocês, meninas e meninos, pais de família, que querem trabalhar, sustentar a sua família e viver condignamente. É tudo isso que nós queremos. Isso é bom para o Presidente, é bom para o Governador, é bom para o Brasil e, sobretudo, é necessário para o povo brasileiro.

Por isso, Beraldi, meus parabéns pelos investimentos da Michelin e eu espero que vocês continuem acreditando no Brasil, porque se depender de produção de carros, podem preparar os pneus, porque não vai faltar mercado, nem interno, nem externo.

Parabéns e boa sorte para todo mundo.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento 24h de Campo Grande (RJ)

Bairro Campo Grande – RJ, 26 de fevereiro de 2008

Companheiros e companheiras,

Primeiro, eu quero agradecer ao governador Sérgio Cabral, que já faz alguns meses tem insistido para que eu venha ao Rio de Janeiro visitar a UPA. E, agora, surgiu a oportunidade, visitando o Pólo Siderúrgico, a construção da siderúrgica ThyssenKrupp e a Michelin, sobrou um horário para a gente passar aqui antes da Olimpíada da Matemática, e eu tive a oportunidade de visitar.

E quero, Sérgio, dar os parabéns ao nosso secretário de Saúde do estado do Rio de Janeiro, ao nosso Ministro da Saúde, porque uma coisa humilde, uma coisa simples, mas entrar na UPA é como a gente entrar na casa de uma família pobre que tem a casa limpa, que a gente vê a cozinha limpa, que a gente vê o quarto limpo, é uma coisa... porque quando a gente vai ao hospital, às vezes não é o luxo do hospital que interessa para a gente, o que interessa é o carinho com que o recepcionista atende a gente, o que interessa é a qualidade do médico que vai atender a gente, o que interessa é saber se tem o remédio que a gente vai levar para casa, o que interessa é saber se tem os aparelhos necessários para fazer os exames que nós precisamos. Porque quem é pai ou quem é mãe, aqui, que já precisou correr em pronto-socorro à noite, sabe quantas vezes a gente vê filhos morrerem no colo dos pais, porque não tem nenhuma especialidade para cuidar da gente.

Eu, Sérgio, conto sempre o seguinte: eu quando cortei este dedo aqui, eram três horas da manhã, eu trabalhava numa metalúrgica, chamada Metalúrgica Independência. Eu me lembro até hoje. Na verdade, o dedo não tinha amassado todo, poderia ter tirado um cotoquinho, ter deixado um



cotoquinho, pelo menos para eu coçar o ouvido. Mas eu era peão, estava vestido de macacão, três horas da manhã, fedendo a óleo, eu acho que o cara que me pegou falou: “Sabe de uma coisa: arranca logo o dedo desse peão”. E tirou todo o meu dedo. É assim que, muitas vezes, o pobre é tratado neste País. Não é diferente.

Ora, o que nós estamos tentando fazer, não é uma coisa fácil, porque é erro acumulado durante 500 anos e que nós precisamos reverter, e vai levar alguns anos para reverter, é fazer as pessoas enxergarem que é necessário, é possível dar ao povo pobre deste País um padrão de tratamento descente, digno e respeitoso. Se a gente construir mais UPA's como esta, o que vai acontecer? Nem um pai de família vai precisar sair daqui, pegar um ônibus apinhado, ou às vezes pegar um táxi sem dinheiro, às 3h da manhã, para correr com um filho para um hospital, para chegar lá, às vezes não tem nem um plantonista. Ou seja, ele vai mais próximo da sua casa, 24 horas, se tiver com dor de dente, se tiver uma criança precisando fazer inalação, tem tudo pronto aqui de uma forma digna. Deus queira que vocês nunca não precisem. Mas, se precisarem, está aqui para atender a vocês com respeito e com muito carinho.

Por isso, eu queria dizer mais uma coisa para terminar a minha palavra aqui. Olhe, eu quero fazer justiça aqui à relação entre o governo federal e o governo do estado do Rio de Janeiro. Quero ser muito honesto com vocês. No governo passado, não foi possível a gente estabelecer essa harmonia. Essas ambulâncias que estão aí, ficaram muitos meses sem funcionar porque o administrador achou que não eram necessárias as ambulâncias. Foram 80 ambulâncias que o governo federal mandou para cá, equipadas, e elas ficaram paradas muito tempo aí. Graças ao Sérgio Cabral e à sua Secretaria de Saúde, as ambulâncias estão sendo utilizadas agora na sua totalidade. Então, nós temos estabelecido uma relação com o Rio de Janeiro, porque eu sempre achei que o Rio de Janeiro precisa ser mostrado pelos meios de comunicação



e pela sociedade, de forma diferente. É verdade que aqui no Rio tem violência, mas tem em São Paulo, mas tem em Minas Gerais, mas tem em Pernambuco, mas tem na Bahia, mas tem no Paraná, mas tem no Rio Grande do Sul, tem em todo território nacional. Agora, as coisas são mostradas no Rio de Janeiro como se fossem infinitamente mais graves, passando a idéia de que todo mundo no Rio é daquele jeito, quando, na verdade, o que o povo do Rio de Janeiro quer? O povo do Rio de Janeiro quer trabalhar, quer ter saúde, quer estudar, quer ter lazer e quer viver dignamente. Agora, se o estado, se a prefeitura, se o governo do estado e o governo federal não cuidam para que as coisas aconteçam, o que vai acontecer? Gente que não deveria vai tomando conta dos espaços democráticos da sociedade e vai, uma espécie, virando dono. Só para vocês terem uma idéia: se o estado não se apresenta com escola, com hospital, com lazer, com transporte, vira um submundo e a bandidagem toma conta. Aí, o bandido começa a cobrar pedágio, começa a dizer quem entra ou quem não entra. E a maioria das pessoas honestas é marginalizada.

Por isso é que, na semana que vem, eu volto ao Rio de Janeiro com o governador, porque as obras do PAC vão fazer o maior investimento que o Rio de Janeiro já viu, em parceria entre o governo federal, governo estadual e prefeitura de todo o Grande Rio e toda a Baixada Fluminense, em Niterói, para a gente fazer com que o Complexo do Alemão, a Rocinha e Mangueiras... já fizemos naquela outra, como chama? Pavão, Pavãozinho. A gente quer entrar lá, não com a polícia para bater em gente. A gente quer entrar, enquanto governo, oferecendo a mulheres, homens e jovens daqueles bairros, condições de eles terem acesso às coisas a que todo mundo tem direito: segurança, escola, rua, água, esgoto, que é o mínimo que a gente tem que fazer. E nós vamos fazer isso porque eu quero contribuir para mudar a cara do Rio de Janeiro. Eu quero fazer isso porque acho que o Rio de Janeiro é um dos estados em que Deus colocou a mão e fez essa beleza que fez, e a gente não



pode permitir que alguns poucos atrapalhem o direito da maioria de viver respeitosamente e viver de forma comunitária, em harmonia.

Então... mas eu vou voltar aqui em 31 de março. Nós vamos a Itaboraí, São Gonçalo, Niterói. Nós vamos começar o maior pólo petroquímico deste País. Serão 9 bilhões de dólares de investimentos, serão milhares de empregos criados na construção. E com isso, a gente vai permitindo que o povo do Rio seja mostrado para o Brasil de uma forma diferente, porque eu estou cansado, mostra, de um lado, as belezas em Copacabana, mulheres maravilhosas, homens maravilhosos na praia. Do outro lado, mostra a periferia do Rio de Janeiro, pobre, como se só tivesse violência na periferia do Rio de Janeiro. De cada mil pessoas que moram na periferia do Rio, você pode ter um bandido. Novecentos e noventa e nove são gente honesta que quer trabalhar. É isso que precisa ser mostrado.

Então, Sérgio, eu queria... O Sérgio só tem um ano e dois meses de mandato. Eu tenho um ano e dois meses do segundo mandato, nós temos dois anos e oito meses pela frente, podem ficar certos que muita coisa vai acontecer. Eu sei, Sérgio, que a pressão que está vindo em cima de você, agora, do pessoal que prestou concurso, é uma pressão legítima. Eu também sofri essa pressão no primeiro ano de mandato. Mas é importante lembrar que, no primeiro ano de mandato, a gente arruma a casa. No segundo ano é que a gente começa a fazer as coisas. Então, a gente não pode cobrar do Sérgio aquilo que ainda não houve tempo de fazer, mas certamente ele vai fazer, porque tem o compromisso de melhorar o sistema prisional do Rio de Janeiro. Eu tenho consciência disso e ele sabe que nós seremos parceiros.

Por isso, eu queria terminar dizendo para vocês: Olhe, eu dizia para o Sérgio durante a campanha: Sérgio, a tua eleição e a minha eleição são a possibilidade de fazer com que o Rio de Janeiro tenha em toda a sua história a melhor parceria entre o governo federal e o governo estadual. E com essa parceria acontecendo como está acontecendo, sabe quem vai ganhar? Não



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

sou eu, não é o Sérgio. Quem vai ganhar é o povo do Rio de Janeiro que merece muito mais do que a gente pode dar.

Parabéns, Sérgio. Parabéns, Rio de Janeiro.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – OBMEP 2007

Theatro Municipal, Rio de Janeiro-RJ, 26 de fevereiro de 2008

Parece um artista, mais famoso que você, Carla Camurati.

Eu vou começar cumprimentando o nosso querido Ricardo Oliveira da Silva, lá do nosso querido estado do Ceará,

Cumprimentar o nosso querido companheiro, amigo e governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Cumprimentar a todos os nossos queridos alunos e alunas medalhistas de ouro,

Quero cumprimentar o nosso ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O companheiro, ministro da Saúde, Temporão, que apresentou, ao final do ano passado, o PAC da Saúde, em que prevíamos investir mais 24 bilhões de reais por ano na Saúde. E um dos programas era levar médico e dentista para todas as escolas públicas brasileiras e, lamentavelmente, teve que ser paralisado, porque um pequeno grupo de senadores resolveu não aprovar a CPMF e, portanto, o PAC da Saúde está sendo reconstruído para ver o que nós podemos fazer. Eu sou do tempo em que a gente ia à escola pública e a gente tinha médico e dentista. E, hoje, as crianças se ressentem disso neste País.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Edson Santos, ministro da Secretaria Especial de Política e Promoção da Igualdade Racial,

O nosso querido senador Marcelo Crivella,



O deputado federal Sandro Matos,

A nossa querida e sempre importante amiga Carla Camurati, presidente da Fundação Theatro Municipal,

Cumprimentar a nossa secretária da Educação do estado do Rio de Janeiro, Tereza Porto,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Alexandre Cardoso, secretário estadual de Ciência e Tecnologia,

A nossa companheira Benedita da Silva, secretária estadual de Assistência Social e Direitos Humanos,

O José Roberto Marinho, presidente da Fundação Roberto Marinho,

O professor César Camacho, diretor-geral do Impa,

Quero cumprimentar a minha querida companheira Suely Druck, diretora acadêmica dessa coisa maravilhosa, o nosso Instituto de Matemática.

Primeiro, Suely, era uma dívida que você tinha comigo e uma dívida que eu tinha com você e com o Camacho, deirmos participar da entrega do Prêmio aos alunos e alunas que ganharam a Olimpíada. Porque foi uma cumplicidade boa que fez com que em 2004 assumíssemos o compromisso. Na verdade não é um compromisso, é o desafio de realizar uma Olimpíada da Matemática que envolvesse as escolas públicas.

A Suely foi ao Palácio do Planalto com um grupo de alunos premiados nas Olimpíadas de 2003. Eram poucos alunos, porque me parece que no Brasil, naquele tempo, participavam 270 mil alunos. Ela levou, eu acho, que uns 10 ou 12 alunos para participar de um evento comigo. E eu fiquei fascinado com a idéia das olimpíadas. Estava presente, na época, o ministro da Educação, Tarso Genro, estava, na época, o então ministro da Ciência e Tecnologia, Eduardo Campos. A Suely me explicando como é que funcionava a Olimpíada, eu falei: Suely, por que a gente não faz uma Olimpíada da Matemática das Escolas Públicas? É possível organizar? Ela falou: “É”. Tarso



Genro, é possível fazer? “É”. Eduardo Campos, é possível fazer? “É”. Então, decidimos, naquele momento, que nós íamos começar a discutir a Olimpíada da Matemática.

Mas como no Brasil, de vez em quando aparecem algumas pessoas que remam contra a maré o tempo inteiro, eu passei um mês ouvindo pessoas dizerem: “Não vai dar certo. Alunos de escolas públicas não participam. Não têm motivação. Eles não estão habituados, isso vai ser um fracasso total. “ Era um pessimismo, que se eu fosse levar a sério, eu ligaria para a Suely e falava: Suely, acabou a nossa Olimpíada. A criança nasceu morta. Pronto. Mas como tudo na vida que eu consegui foi na base da teimosia, nunca houve nada fácil na minha vida, nunca ganhei nada de graça. O primeiro presente que ganhei na vida foi eu mesmo que comprei: uma bicicleta velha em que eu gastava mais tempo arrumando a corrente e sujando a mão de graxa do que andando de bicicleta. Mas foi a primeira que eu tive.

Bem, resolvemos levar avante a Olimpíada, meu caro Ricardo. No primeiro ano, se inscreveram 11 milhões de adolescentes para participar das Olimpíadas e participaram 10 milhões e meio. Se eu errar o número, aqui, você me corrige, viu Camacho? Isso foi em 2005. Em 2006, tinha eleições para governo, para presidente da República, nós não pudemos nem fazer um cartaz para colocar na escola, a Justiça Eleitoral não deixou a gente fazer propaganda na televisão, não deixou a gente fazer propaganda no rádio, não deixou a gente colocar um cartaz na escola: “Alunos do Brasil, inscrevam-se para participar da Olimpíada”. Não deixaram, porque diziam que era campanha eleitoral. Mesmo com toda essa proibição, meu caro José Roberto Marinho, se inscreveram 14 milhões de crianças para participar dessa Olimpíada. E este ano, chegamos a 17 milhões e 300 mil crianças.

Mas eu me lembro que, em 2004, eu perguntei para a Suely: Suely, onde é tem que mais alunos participando das Olimpíadas? Ela me disse: “Presidente, a Argentina tem 1 milhão e 200 mil alunos participando, é muito



grande. Os Estados Unidos, Presidente, têm 9 milhões de alunos e alunas participando, nós nunca vamos chegar lá. Pois bem, apenas três anos depois, nós temos 17 milhões e 300 mil alunos, a maior Olimpíada da Matemática do mundo. Só perderemos para a China e para a Índia se eles resolverem se inscrever, porque tem tanto chinês e tanto indiano no mundo que a gente pode até perder.

Mas o que é gratificante nisso, companheiro Camacho e companheira Suely é que eu sempre acreditei numa tese: o ser humano não precisa ser tutelado. Ele não precisa de alguém que diga para ele: faça assim que vai dar certo. O que ele precisa é apenas de uma oportunidade. O que ele precisa é de um despertar das suas vocações para que ele sinta o prazer ou não de fazer as coisas. E, já desde 2005 que eu estou falando com o meu companheiro Fernando Haddad: vamos fazer as Olimpíadas de Português. Também não é fácil, porque a gente pensa que é fácil. Na matemática porque já tem o Instituto que fazia isso, Português, a gente não tem. Mas, agora, já fizemos uma parceria com o Itaú. Eu espero, viu, Cabral, porque na Olimpíada da Matemática o Itaú não deu os computadores, mas na de Português, que ele é sócio, certamente ele não vai se negar a dar. Já que vai dar agora para a Matemática, dá também para o Português, depois dá para a Física, depois dá para as Ciências, depois dá para as Artes e vai dando. E diga-se de passagem, se o Itaú continuar tendo os lucros que está tendo, isso não vai custar nada para o Itaú, não vai custar absolutamente nada para o Itaú.

Mas, então, eu estou gratificado. Vocês não sabem a emoção de entregar essa medalha para vocês, porque é a concretização de um sonho, é a consagração da afirmação do País, enquanto nação. Durante muitos e muitos anos, a gente, de um lado vê vocês e nós ficamos com uma esperança incomensurável. E, de outro lado, a gente vê na televisão jovens de 17 anos sendo presos, de 18, de 20 anos, porque também essa juventude é resultado de mais de 25 anos de descaso do poder público com a educação, o emprego,



a afirmação da própria família brasileira, que viveu durante muitos anos um processo de degradação, em que pai não respeita mãe, que não respeita filho, filho que não respeita pai. Tudo isso resulta no que a gente vê: jovens de 18, 19 anos acham que o crime organizado, que a bandidagem é a esperança para eles. Cabe a nós oferecermos uma oportunidade.

Na semana que vem, estarei aqui com o governador Sérgio Cabral, fazendo talvez a maior intervenção urbana já feita na história do Rio de Janeiro, porque todos vocês, de Juiz de Fora, (inaudível), de Maringá, todos vocês, do Brasil inteiro, já ouviram falar do Complexo do Alemão, só parece bandidagem, já ouviram falar da Rocinha, só aparece bandidagem, á ouviram falar de Pavão/Pavãozinho, é só bandidagem, já ouviram falar de Manguinhos, é só bandidagem. Nós vamos provar que a bandidagem é resultado da urgência de o poder público municipal, estadual e federal cumprir com suas obrigações, levando escola, educação, saúde, lazer, esperança e oportunidade para essas pessoas.

Dia 07, estaremos começando três grandes obras de urbanização de três grandes favelas daqui do Rio de Janeiro. A gente quer provar que 99% das pessoas são boas, 99% das pessoas querem trabalhar e viver dignamente, querem ganhar dinheiro com o suor do seu sangue. Não querem viver traficando, vendendo armas, contrabandeando. Não querem. As pessoas vão para isso quando falta oportunidade. Alguns estão atolados até o pescoço, eles têm que ser presos, punidos para evitar que outras pessoas tenham neles os seus seguidores. Nós vamos cuidar disso com carinho, mas nós queremos provar que o estado pode cumprir uma função muito mais importante do que cumpriu historicamente neste País.

E, por último, eu queria contar uma história para vocês de um caboclo, lá das bandas do Nordeste, chamado Ricardo Oliveira da Silva. Medalhista de ouro pela segunda vez, Ricardo tem 19 anos, sofre de amiotrofia, atrofia do tecido muscular, é isso dr. Temporão? E anda, como vocês estão vendo – hoje,



na moda dos portadores de deficiência, ele poderia ser chamado de cadeirante, não é isso? - um cadeirante. Mora num sítio isolado na zona rural de Várzea Alegre no nosso querido estado do Ceará, bem longe do Rio de Janeiro. Para fazer a prova da primeira fase da Olimpíada, Ricardo teve que ser levado pelo sr. Joaquim, seu pai, em um carrinho de mão, porque a estrada de chão que liga o sítio à escola local é muito acidentada para uma cadeira de roda. Os pais, seu Joaquim e dona Francisca - estou certo? - são lavradores, plantam arroz, milho, fava, e certamente um pouquinho de mandioca, apenas para subsistência. Recebem o Bolsa Família, que ajuda a melhorar um pouquinho a alimentação. Começaram a comprar, por exemplo, carne e até queijo. Certamente queijo de cabra, não é, Ricardo?

Agora, Ricardo passou a receber a bolsa do programa de iniciação científica. A bolsa, de R\$ 100, é concedida aos medalhistas de ouro da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. Devido à dificuldade de locomoção, o programa de iniciação científica designou um professor especialmente para o Ricardo, o professor Valberto Rômulo Feitosa Pereira, que certamente não pôde estar aqui junto conosco, do Cefet da cidade de Cedro, vai à casa do aluno dois finais de semana por mês, confere? Para chegar à casa de Ricardo, o professor viajar de moto-táxi por uma hora e meia. Lá, ele dorme em uma rede na sala. Na última viagem, há 15 dias, o motoqueiro e o professor tomaram um tombo por causa da estrada escorregadia, mas felizmente, graças a Deus, não se machucaram. Para ensinar, o professor Valberto senta-se no chão com o aluno porque está é a posição mais confortável para o nosso querido Ricardo. Ricardo é autodidata, aprendeu a ler, escrever e fazer as quatro operações com a mãe, dona Francisca. Continuou a estudar por conta própria, lendo os livros didáticos do irmão mais novo, o nosso querido Ronildo. Aprendeu tanto sozinho que a escola local aceitou matriculá-lo, três anos atrás, já na quinta série. Mas Ricardo não frequenta a escola. A cada dia, um professor vai até sua casa,



passa os deveres e volta para corrigir no dia seguinte.

Tantas dificuldades não desanimam Ricardo. E ele diz: a deficiência física não atrapalha, o que conta é o talento e o esforço. Todo mundo tem algum defeito. Algumas pessoas parecem perfeitas, mas têm defeitos muito graves como a preguiça e o desinteresse, por exemplo. Com o sucesso na Olimpíada, Ricardo se animou a seguir em frente e decidiu seu futuro: quer fazer um curso superior e seguir carreira na área de ciências exatas, matemática ou computação, se o Itaú der um computador.

Por último, vejam o que pensa o nosso querido Ricardo... O Ricardo sonha em ajudar o País com seus conhecimentos e ele diz: “Hoje é o Brasil que está me ajudando, mas pode ser que amanhã eu esteja ajudando o Brasil.

Vamos ver aqui o que diz o nosso companheiro Wallace. O Wallace é tricampeão. Esse já tem computador, viu, o Itaú não precisa se preocupar com esse. Mas o Wallace, como todo mundo, tem problemas. Mas também sabe superar os problemas. Ele não se considera um gênio da Matemática, e ele diz o seguinte: “Sou esforçado, você tem que botar a mão e o coração naquilo que deseja alcançar e seja o que Deus quiser”. E diz ele: “Deus disse: faça a sua parte, e eu lhe ajudarei”. É isso, Crivella? Muito bem. O Wallace é uma pessoa que guarda boas lembranças das aulas de tabuada que tinha com a mãe, diz ele que foi o começo de tudo, a base para tudo o que aprenderia depois. Ele já traçou o próprio destino. Quando perguntado sobre o que quer da vida, a resposta está na ponta da língua – metidão, assim – Matemática pura é minha praia. Quero seguir a carreira, quero ser mestre, quero ajudar a melhorar o ensino de Matemática no Brasil. Parabéns, querido Wallace.

Vamos ver o que diz aqui a Ana Beatriz, mais conhecida por Aninha, porque ela é a única menina que passou por aqui na lista dos tri campeões. Ela diz o seguinte, algumas frases da Ana, não vou falar da vida da Ana, não, porque mulher a gente não pode contar muita a vida. Vou falar da Ana o seguinte, algumas frases da Ana. As meninas, sobre Matemática, porque no



texto diz que tem menos meninas do que meninos e disse que é uma coisa mundial isso. Então, ela disse o seguinte: “As meninas tem outros interesses, por isso não se dedicam tanto à Matemática. Eu também tenho, como qualquer menina, mas adoro Matemática e sempre que posso tento incentivar minhas amigas.” Diz ela: “O bom da Matemática é que com ela eu uso muito o raciocínio e vejo como há várias maneiras diferentes de resolver o mesmo problema. A educação é tudo para o País. É preciso formar bons engenheiros, bons médicos, bons professores. É preciso formar pessoas que saibam ser críticas. Aninha, um beijo no coração e um beijo para toda família.

Eu queria terminar dizendo para vocês que nós precisamos nos preparar para outras Olimpíadas. Eu não vou falar de educação, o Fernando Haddad sabe o que eu penso da educação. Obviamente que nós temos no Brasil... os professores e as professoras brasileiras foram, durante décadas e décadas, tratados como se fossem cidadãos de segunda classe, ou seja, durante muito tempo os professores não tiveram reajuste, aumentou a quantidade de alunos por sala de aula, não melhorou a condição de cada professor. E a profissão que era uma paixão nacional foi se deteriorando, foi criando uma espécie de desmobilização e desmotivação. E, obviamente, que um trabalhador em qualquer atividade, um jogador de bola... vocês sabem, quando um jogador está desmotivado, é aquele que perde a bola ao invés de correr atrás da bola para pegá-la outra vez. Põem a mão na cintura e ficam esperando os companheiros se matarem para tirar a bola, esses que a gente chama de chupa sangue, que parecem famosos, mas não correm atrás da bola, não suam a camisa. Obviamente que, todo mundo que não está motivado, que tem uma divergência, as pessoas conseguem não produzir aquilo que precisariam produzir. Quando a gente motiva as pessoas, e o trabalho hoje não é apenas para melhorar a qualidade do ensino fundamental, do ensino técnico, do ensino universitário, mas é também o de recuperar a auto-estima da categoria dos professores brasileiros.



Na grande periferia do País, ontem eu vi uma reportagem, Fernando Haddad, de vários professores, acho que em São Paulo, desistindo de dar aula porque foram agredidos por alunos. Certamente que não são alunos como vocês, são pessoas que moram em lugares também que são degradados, situações delicadas e essa violência que acontece dentro de casa, sai para a rua. A hora em que abre o portão, a violência vai junto. Então, é todo um processo de recuperar a auto-estima das pessoas, do aluno, do professor, do pai do aluno. Eu fiz até um pronunciamento na televisão pedindo para que os pais acompanhem a vida do seu filho nas escolas. Que chegue em casa, peça quais foram os deveres de casa que ele trouxe. Muitas vezes, Fernando, o pai não sabe ensinar o filho. Então, é preciso que a gente tenha na escola gente preparada para ensinar a criança. Porque, senão, depois de um mês que ele não faz o dever de casa, ele perdeu tudo. Ele vai ser um aluno complicado na escola. Então, é preciso que a gente tenha um conjunto de ações. Eu estou otimista. Estou otimista porque aprovamos o PDE no Congresso Nacional, que é Programa de Desenvolvimento da Educação. Possivelmente o maior conjunto de ações colocados à serviço da educação no País. Aprovamos o Fundeb, que conseguiu passar 4 bilhões a mais para as escolas públicas municipais, estaduais deste País. E eu estou otimista. Estou muito otimista porque eu acho que as coisas estão acontecendo nas universidades, nas escolas técnicas, no ensino fundamental.

E eu queria dedicar isso aos meninos como o Ricardo. Eu, sinceramente, todos nós aqui reclamamos da vida, quantos de vocês levantam de manhã nervosos com o pai: “ah, porque meu pai não me deu aquilo, minha mãe não me deu aquilo, meu pai não quis fazer aquilo, não sei das quantas, fica de bico, xinga baixinho a gente”. Não xinga alto, porque foi educado. Mas, baixinho, fala: “Coroa atrasado, não sei das quantas, não me atende, não sei das quantas, não estou com vontade de estudar, não vale a pena. Eu vou ser jogador de bola.” O Ricardo é o exemplo mais vivo de que o ser humano é



tocado a uma coisa chamada motivação, esperança, crença. Não há nenhuma razão para um jovem de 14, 15, 16, 18 ou 19 anos não ter esperança.

Quando a gente chega na minha idade, a gente já pode começar a perder a esperança porque já está mais próximo do céu do que da terra. Agora, na idade de vocês, não tem porque levantar de cara feia, não tem porque não acreditar no amanhã. E toda vez que um de vocês ficar desanimado: “ah, não vou aprender tal coisa, está difícil tal matéria, eu vou desistir”, lembre-se de um companheiro de vocês chamado Ricardo Oliveira da Silva. Ele é um exemplo. É um exemplo de que a gente não pode desanimar, é um exemplo de que todos nós podemos vencer e é um exemplo que eu digo todos os dias. Eu digo todos os dias, meus filhos, se eu, saído de Pernambuco para não morrer de fome, cheguei a São Paulo, fiz um curso de torneiro mecânico, virei dirigente sindical, fiz um partido político e virei presidente da República, isso não estava escrito, não. A sociologia não previa que um peão chegaria à Presidência da República, e eu cheguei. O que mais pode ser impossível para vocês, o que mais? O mundo, na verdade, está muito mais próximo de vocês, porque vocês estão tendo a chance que os pais de vocês não tiveram. E o Ricardo, certamente, com o pai e com a mãe que tem, trabalhadores humildes do campo, do Ceará, pode ser filmado aqui e ser mostrado na televisão como orgulho de uma nova geração que este País está produzindo.

Parabéns a todos os medalhistas e parabéns a você, Ricardo, ao seu pai, a sua mãe, ao Ronildo, seu irmão, e que Deus de abençoe. Um abraço e um beijo para todos vocês. Suely e Camacho, um grande abraço e sorte. Até o próximo ano.

(S211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras da ThyssenKrupp – Companhia Siderúrgica do Atlântico
Santa Cruz – Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2008**

Meu companheiro, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Companheiros ministros de Estado que me acompanham nesta viagem, Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Senhor Karl Köhler, presidente da ThyssenKrupp,

Meu companheiro Luis Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Deputado estadual Jorge Picciani, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro, senador Marcelo Crivella,

Deputados federais, Alexandre Santos, Carlos Santana e Sandro Matos,

Senhor Aristides Coberllini, diretor-presidente da ThyssenKrupp S.A., em nome de quem quero saudar toda a diretoria do grupo ThyssenKrupp,

Meu companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Companheiros e companheiras, secretários e secretárias do governo do estado do Rio,

Meu caro Eduardo Eugênio Gouvêa, presidente da Firjan,

Meu caro José Carlos Martins, diretor-executivo da Companhia Vale do Rio Doce,

Senhora Rosana Kelly, do curso técnico de processo siderúrgico do Senai, que falou aqui com vocês, e o nosso companheiro Paulo Roberto Dias, companheiro operário que falou aqui com vocês, nervoso como todo mundo que fala pela primeira vez na frente do microfone.



Eu estava vendo ele falar aqui, e eu me lembrei, Sérgio Cabral, que a primeira vez que eu fui fazer um discurso, a minha perna tremia tanto que eu tive que me sentar, porque não agüentava ficar de pé. E isso acontece com todo mundo.

Eu queria dizer uma coisa para vocês, do fundo da minha alma. Quando eu vejo uma cena como esta, eu me lembro dos momentos da minha vida em que eu fazia assembléias na porta das empresas no ABC, às 5h da manhã, para 40 mil pessoas na porta da Volkswagen, para 20 mil na porta da Ford, para 18 mil na porta da Mercedes. Aquele foi um momento muito importante, porque foi a consolidação da conquista da democracia no nosso País.

A democracia era muito discutida, o Geisel inventou a democracia lenta e gradual, mas quando os trabalhadores brasileiros resolveram levantar a cabeça, sair para a rua e dizer: “nos existimos”, a democracia ganhou uma nova dinâmica, e nós pudemos conquistar essa, que é a palavra mais importante na vida da humanidade, que é liberdade. Liberdade de expressão, liberdade de comunicação e liberdade de ir e vir.

Por conta dessa democracia, um torneiro mecânico que jamais imaginou ser dirigente sindical, que jamais imaginou ser vereador, que jamais imaginou ser filiado a um partido político, jamais imaginou – não passava pela minha cabeça ser presidente da República – esse metalúrgico que não queria ser sindicalista, nem vereador, nem filiado a partido, é hoje o presidente da República desta extraordinária nação chamada Brasil, tantas vezes desprezada pelos seus próprios governantes.

E mais animado eu estou quando vejo um empreendimento como este e vejo trabalhadores vestindo seus uniformes, companheiros estudando para se aperfeiçoar. Eu queria dizer ao presidente do grupo ThyssenKrupp, nosso companheiro Köhler: o maior patrimônio que você leva deste País é uma lição de vida que você vai ter. Eu ainda espero que você possa dizer isso num pronunciamento, quando a empresa estiver funcionando: é que não existe, na



face da Terra, trabalhador mais versátil e mais criativo do que o trabalhador brasileiro. Esse é o maior patrimônio que Sérgio Cabral, como governador, e eu, como presidente, poderemos oferecer a qualquer investidor estrangeiro que queira investir no Brasil. Eu tenho depoimentos às dezenas, de empresários estrangeiros, que depois de estarem funcionando no Brasil por dois ou três anos, me dizem textualmente, empresas que têm 157 plantas espalhadas pelo mundo, algumas alemãs, inclusive: “de todas as plantas que a gente tem no mundo, o trabalhador mais criativo e o mais produtivo é exatamente o trabalhador brasileiro”.

Esse é um patrimônio que nós precisamos recuperar e dizer a toda hora, porque muitas vezes a gente só vê desgraça na imprensa, muitas vezes a gente só vê notícia de que um bandido matou o outro, de que tem uma bala perdida, de que tem mais não sei das quantas. Mas uma foto como esta mostra claramente que 99% do povo brasileiro é gente boa, é gente honesta, gente decente, que tem família e que quer trabalhar.

Essa menina que prestou depoimento aqui e que é mãe solteira... Isso aqui é uma oportunidade e o ser humano vive à procura de oportunidades. Se o Estado não oferece, se as empresas não oferecem, se as prefeituras não oferecem, o crime organizado oferece, a bandidagem oferece. Então, tem que ser uma disputa constante do Estado brasileiro fazendo aquilo que tem que fazer. E é por isso que na semana que vem estarei outra vez com o Sérgio Cabral, aqui no Rio de Janeiro. Não vamos fazer uma intervenção com a polícia, não, nós vamos visitar o Complexo do Alemão, vamos visitar Manguinhos, vamos visitar a Rocinha para levar investimentos de milhões e milhões de reais para fazer casa, escola, rua, hospital, água e esgoto. Se porrada educasse as pessoas, bandido saía da cadeia santo. O que educa as pessoas são oportunidades, são gestos de solidariedade, é as pessoas acreditarem que amanhã terão oportunidade.

Por isso, meu caro Köhler, leve para a Alemanha duas informações.



Quando terminar o nosso governo em 2010, nós teremos neste País mais 10 universidades federais novas, construídas em oito anos. Além das 10 universidades federais novas, nós teremos 48 extensões universitárias espalhadas pelo interior do País. Ainda mais: quando terminar 2010, nós vamos ter 214 escolas técnicas profissionais a mais. Em 93 anos, todos os governos que passaram pelo Brasil, de 1909 até 2003, fizeram 140 escolas técnicas, em 93 anos. Em oito anos nós vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais, para o nosso povo poder ter oportunidade. Sabe por que, senhor Köhler? Eu sei o que é o valor de um trabalhador sem carteira profissional com profissão, e o de um trabalhador com profissão. Eu sei o que é uma profissão, porque graças a uma profissão eu fui o primeiro filho a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro. Se as pessoas não têm profissão, as oportunidades são diminutas. No Brasil, durante tantas décadas, não se investiu na educação adequadamente, porque parece que as pessoas que governavam já tinham tido a sua oportunidade, para que dar oportunidade aos outros? E eu, como não tive diploma universitário e sei por que eu não tive diploma universitário, porque com 14 anos tive que ir para uma fábrica trabalhar, eu quero dar para os trabalhadores brasileiros a oportunidade que os governantes não deram a mim, na época em que eu tinha 18 ou 19 anos.

Vocês estão lembrados o que eu dizia e vou dizer uma coisa agora. Quando a gente estava fazendo assembléia na porta da fábrica, que começava a gorar e os companheiros começavam a ir embora, eu falava: escuta aqui, alguém é feito de açúcar? Alguém vai derreter? Alguém vai ter medo de um pouquinho de chuva? Não. Então, companheiros e companheiras, vocês estão lembrados do que eu disse em 2003: qualquer governante deste País pode errar. Se ele errar, depois ele vai sair do governo, vai passar oito meses na Europa estudando, vai dar aula não sei onde e depois entra outro que erra. Eu dizia: eu não posso errar. Por que eu não posso errar? Porque eu tenho



consciência de que, ao deixar a Presidência da República, os meus amigos verdadeiros são o conjunto dos trabalhadores brasileiros, que me ajudou a chegar à Presidência da República.

Quando eu sair da Presidência da República, não vou para Paris ou para Londres, eu vou voltar para São Bernardo, morar a 800 metros do sindicato. É por isso que eu queria dizer para vocês: graças a Deus, o Rio de Janeiro elegeu um companheiro como o Sérgio Cabral, com quem a gente pode conversar como companheiro, com quem a gente pode fazer acordo, que a gente sente sinceridade na cara da pessoa quando a gente conversa. O Rio de Janeiro, na verdade, perdeu quatro anos, porque a gente não tinha sequer como fazer acordos aqui no Rio de Janeiro.

Esse projeto da ThyssenKrupp é apenas o começo. No dia 31 de março eu e Sérgio Cabral, estaremos em Itaboraí, começando a terraplanagem do maior pólo petroquímico da América Latina, que é o Comperj, para gerar mais empregos, mais oportunidades de trabalho, mais renda e mais gente cuidando da sua família.

Sérgio, que Deus te abençoe e que Deus abençoe todos vocês. Parabéns, ThyssenKrupp. Parabéns, Rio de Janeiro, e parabéns, trabalhadores brasileiros. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos de saneamento e habitação do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC

Fortaleza – CE, 28 de fevereiro de 2008

Bem, eu quero cumprimentar o nosso companheiro governador do estado do Ceará, Cid Gomes,

Quero cumprimentar o nosso ministro das Cidades que acabou de falar, Marcio Fortes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,

O nosso companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário, que foi comigo a Quixadá anunciar o Territórios da Cidadania do Sertão Central,

Quero cumprimentar a nossa querida prefeita Luizianne Lins,

Quero cumprimentar o nosso senador Inácio Arruda,

Quero cumprimentar os deputados federais Chico Lopez, Eudes Xavier, Eugênio Rabelo, Eunício Oliveira, José Guimarães e Paulo Henrique Lustosa,

Quero cumprimentar os nossos companheiros e companheiras deputados e deputadas estaduais,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

O nosso companheiro Danilo Forte, presidente da Funasa,

O nosso companheiro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi,

O nosso companheiro Joaquim Cartaxo, secretário estadual de Cidades,

O vereador Tin Gomes,

Quero cumprimentar os nossos jornalistas aqui presentes,



Os jornalistas do Ceará e os jornalistas do Brasil.

E dizer que é uma alegria extraordinária poder estar aqui em Fortaleza junto com vocês. É uma alegria que explica a razão pela qual a gente brigou tanto para um dia ganhar a Presidência da República deste País.

Vocês sabem que é muito mais fácil destruir do que construir. De vez em quando, a gente vê na televisão eles destruírem, em dois minutos, um prédio que levou 30 anos para ser feito. Na política também é assim. Na política, às vezes, tem meia dúzia trabalhando para as coisas acontecerem e tem dezenas ou centenas trabalhando para evitar que as coisas aconteçam.

Eu, de vez em quando, acompanho a imprensa do Ceará e fico vendo quantas injustiças se cometem contra essa companheira, nossa prefeita de Fortaleza. É quase que um ódio preconcebido, é quase que uma história de dizer: “Bom, se nós governamos este País 500 anos e não conseguimos fazer o precisava ser feito, como é que vem essa baixinha querer fazer o que nós não conseguimos fazer. Eu, Luizianne, como apanho há muito tempo neste País e aprendi a ter a alma muito sensível, mas o couro muito calejado, a minha resposta a determinados tipos de críticas que recebo... Eu, ao invés de responder, um ato como este responde por mim. Um ato como este responde às ofensas baratas que nós...

Eu fico, de vez em quando, me perguntando: esse PAC que nós estamos lançando é um PAC que tem 106 bilhões de reais para a habitação e melhorias urbanas, 40 bilhões de reais para saneamento básico. É um Programa que prevê investimento de 504 bilhões de reais até 2010, cuidando de coisas muito importantes mas, sobretudo, cuidando das pessoas mais pobres deste País. Eu poderia perguntar para vocês há quanto tempo ou em que momento da história deste País um Presidente, um governador e uma prefeita saíram juntos do seu gabinete para visitar a periferia deste País, para visitar os bairros mais pobres deste País?

Não é habitual no Brasil as pessoas definirem prioridades para as



periferias. Porque se as pessoas definissem prioridades para as periferias, nós não precisaríamos esperar juntar 10, 15 ou 20 mil famílias na beira de um rio, como Maranguapinho, para apodrecer todo ele, jogar esgoto, morar em área de risco, para depois a gente ir atrás. Poderia ter feito a intervenção quando teve a primeira casa, o primeiro barraco. Se tivesse feito a intervenção, vocês poderiam estar tomando banho no rio, como a Luizianne estava tomando banho quando era criança no Maranguapinho. Entretanto, há um descaso histórico na política brasileira com relação aos bairros mais pobres. E nós estamos tentando fazer essa correção. Não é uma tarefa fácil.

Só para vocês terem idéia, o PAC, aqui no Ceará, contratado em parceria com o governo do estado e com a prefeitura municipal, envolve 985 milhões de reais. Novecentos e oitenta e cinco milhões, dos quais 325 milhões serão para saneamento básico e 660 milhões para urbanização de favela. É a maior intervenção urbana já feita na história do estado do Ceará. E eu não tenho dúvida de que essa parceria só pode ser feita porque nós estamos construindo um país diferente daquele que nós herdamos.

Vocês estão cansados de ouvir falar na televisão numa favela chamada Complexo do Alemão, lá no Rio de Janeiro. Vocês estão cansados de ouvir falar na Rocinha, no Rio de Janeiro. Vocês estão cansados de ouvir falar na favela de Manguinhos, no Rio de Janeiro. São mais de 600 mil pessoas que moram ali. É lá que, todo dia mostram o crime organizado, mostram bandidos. Pois bem, dia 7, Cid, eu vou ao Rio de Janeiro. Nós estamos investindo mais de 600 milhões de reais para urbanizar, levar escola, levar hospital, levar ruas, luz, para aquelas pessoa viverem dignamente e as cidades serem lembradas pela imprensa com notícias boas e não apenas com notícias ruins, como a gente cansa de ouvir todo santo dia neste País.

Para chegar aonde nós chegamos foi uma tarefa muito difícil. Primeiro, foi necessário consertar o País. Vocês lembram, quando nós entramos, todo mundo dizia que nós não íamos conseguir governar, que o Brasil estava



quebrado, que o Brasil não tinha crédito, que o Brasil dependia do FMI, que o Brasil devia para o FMI. Tinha gente que imaginava: “Vamos deixar esse tal de Lula entrar, ele não vai agüentar um ano, e nós vamos tirar ele dali.” Pois bem, eles não sabem que o nordestino quando não morre de fome até os cinco anos de idade, é muito difícil alguém derrubar o nordestino dali para a frente. É muito difícil. E a elite política deste País não estava acostumada a isso.

O que aconteceu no Brasil quatro anos depois? O Brasil, hoje é um país respeitado no mundo inteiro. Porque eu dizia para os governantes de outros países: eu não quero ser melhor do que vocês, eu quero apenas ser tratado como igual. E eu dizia uma coisa para eles: respeito é bom, eu dou e gosto de receber. Foi isso que eu aprendi de berço, da minha mãe. O direito de andar de cabeça erguida não é uma conquista fácil. O Brasil não tinha dinheiro para financiar as suas exportações. Nós devíamos ao FMI e tínhamos 16 bilhões do FMI na conta do Brasil. Todo dia a gente via na televisão: “Delegação do FMI chega ao Brasil”. Todo santo dia. “Delegação vem fiscalizar as contas do Brasil. O FMI diz que o Brasil pode gastar nisso ou não pode gastar naquilo”. Passaram-se três anos, porque foi o ano passado, nós devolvemos o dinheiro do FMI, pagamos ao Clube de Paris. E hoje, o Brasil, pela primeira vez na sua história de 500 anos, nós temos mais reservas do que a dívida pública e privada que este País tem. Parece um milagre, mas nós conquistamos isso. E quando eu digo nós, é porque nos momentos difíceis quem foi para as ruas para me apoiar não foi nenhum grã-fino da política brasileira, foi o povo pobre deste País. Foi o povo humilde deste País que sabia os benefícios que estava recebendo.

Quando nós criamos o Bolsa Família, eu cansei de ler manchetes de jornais: “Lula está dando esmola, isso é assistencialismo”. As pessoas diziam isso porque não sabem o que significa. Um rico pode dar 100 reais de gorjeta, mas 50 reais na mão de uma mulher é ela dar comida para os seus filhos, ela sabe cuidar dos seus filhos.



Eu lembro quando nós criamos o ProUni, escreveram em manchetes: “O governo Lula vai nivelar o ensino por baixo, está colocando pobre na universidade, está colocando negro na universidade, está colocando gente da escola pública na universidade.” Hoje, são 400 mil jovens pobres da periferia que estão na universidade. Agora, no ano passado, o MEC fez avaliação em 14 áreas, envolvendo Medicina e Engenharia, e as melhores notas foram exatamente as dos pobres da periferia que estavam no ProUni.

Não apenas isso. Até 2010 nós criamos um outro programa chamado Reuni. Tem um tipo de gente, Luizianne, que não gosta. Você sabe que nós tivemos 20 reitorias ocupadas por um tipo de gente “pequena burguesa”, que já está na universidade e que não quer que a gente aumente. A média de alunos por professor, hoje, são 12 alunos. Nós queremos elevar para 18, como tem na França. Em vários lugares deste País, um determinado grupo de gente invadia a reitoria para não deixar aumentar de 12 para 18. E todos os reitores enfrentaram a briga. E os 54 reitores aprovaram. E, até 2010, nós iremos colocar mais 400 mil jovens na escola pública federal deste País.

Peguem a história deste País e vejam nesses 500 anos quantos presidentes fizeram universidades. Neste século XX, nós tivemos 54 universidades federais construídas no Brasil. Em 100 anos, 54. Nós, em oito anos, vamos ter 10 universidades federais novas e 48 extensões universitárias por todo o interior deste País. Em 93 anos, eles fizeram 140 escolas técnicas. Nós, em 8 anos, vamos fazer 214 escolas técnicas neste País. E vamos fazer porque eu tenho nas minhas costas e na minha consciência, o saber de um jovem que não conseguiu entrar na universidade. Têm meninos que completam 16, 17 anos, terminam o colegial, não passam no vestibular nas públicas, vão fazer vestibular nas escolas privadas e passam. Quando chega em fevereiro, quando vão fazer a matrícula, a mensalidade é 800, é 900, é 1.000, é 1.200, é 1.500, é 1.300 reais. O pobre volta para casa desanimado. Graças a Deus, nós estamos resolvendo esse problema. E, hoje, é com muito orgulho que eu ando



pelo País e encontro jovens dos mais diferentes bairros agradecendo a oportunidade de ter chegado a uma universidade. É isso que nós queremos fazer por este País: tornar este País mais igual.

Eu dizia, lá em Quixadá, para o nosso governador, Luizianne. Veja o absurdo... está aqui o ministro do Desenvolvimento Agrário... aqui no estado do Ceará, até 2003... e está aqui o presidente do Banco do Nordeste.. até 2003, tudo que os agricultores conseguiram pegar de empréstimos no Pronaf. Eram apenas R\$ 28 milhões. Este ano, aqui no Ceará, são R\$ 349 milhões, 1.139% a mais. Eu aprendi uma coisa: aprendi que político não gostava de fazer saneamento básico. Saneamento básico pressupõe você cavar um buraco, enterrar um cano para fazer coleta de esgoto e, em um cano enterrado, não dá para você colocar o nome da mãe, não dá para você colocar o nome do tio, não dá para você homenagear os seus parentes. Então, político não gostava de fazer saneamento básico. Político gosta mesmo é de ponte, de viaduto, porque aí aparece: viaduto dona não sei das quantas, viaduto padrinho não sei das quantas. Esse é um legado que eu quero deixar, Cid, quando deixar a Presidência: este País será um país que terá mais auto-estima, será um país mais orgulhoso, será um país em que as pessoas aprenderam que têm direito e, se têm direito têm que exigir que os governantes cumpram aquilo que prometem nas campanhas políticas, aquilo que falam no palanque.

Quero dizer para vocês que essas obras que nós estamos aqui assinando contrato com o governo e com a prefeitura certamente são o início da mudança da cara da periferia de Fortaleza. As mulheres pobres deste País não são obrigadas a levantarem todo dia, abrirem a porta e cheirar uma fedentina de esgoto a céu aberto de rios podres na frente das suas casas. As pessoas não são obrigadas a levantar de manhã vendo um rato passar perto das suas casas. As pessoas podem viver condignamente, certamente que homens e mulheres, e não apenas mulheres são obrigadas a levantar.

Este País tem jeito. Este País, no ano passado, gerou 1 milhão e 600 mil



empregos de carteira profissional assinada. Este ano, a construção civil, só neste primeiro bimestre, já cresceu 30%. A indústria automobilística vendeu em janeiro deste ano 25,9% a mais do que vendeu em janeiro do ano passado. Eu ainda quero vir aqui, meu companheiro Cid, se Deus quiser, ainda este ano, com você e com a Luizianne. A Luizianne certamente não vai poder participar porque vai ser no mês de campanha e candidato não pode participar, mas eu ainda virei aqui junto com você, meu companheiro, para a gente poder finalmente começar a construir a siderúrgica do Ceará ali no Porto de Pecém para gerar emprego para essa gente. Se Deus quiser, ainda virei aqui para dar uma volta de trem com você na Transnordestina, que vai ligar o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no Piauí. Se Deus quiser, ainda voltarei muitas vezes a este estado para anunciar boas novas, para manter... Ah, o Cid está me lembrando: logo, logo virei aqui para anunciar a BR-116, que está quase acabando.

Mas, sobretudo, eu vou contar uma novidade para vocês: os nossos adversários, que vocês sabem quem são, um chamava-se PFL, agora eles se chamam Democratas, o outro, vocês já sabem quem é. Pois bem, eles, no final do ano passado, derrotaram a CPMF, que era o imposto que a classe média brasileira e os ricos pagavam, porque pobre não trabalha com cheque. Eles tiraram do governo federal R\$ 40 bilhões. E tiraram por quê? Tiraram porque eles deviam. Se a gente deixar mais R\$ 40 bilhões na mão deste governo, a gente não vai votar mais. Eu quero dizer para vocês que fiquei tranquilo e nós tínhamos um programa, Cid, que era o PAC da Saúde. O PAC da Saúde iria colocar mais R\$ 24 bilhões na saúde. Um dos programas que eu tinha mais vontade de fazer era levar médicos e dentistas para as escolas públicas para tratar das nossas crianças, enquanto elas são pequenas. E eles ficaram todos felizes, achando que eu não iria mais fazer este Programa. Pois, eu quero comunicar que a partir de abril, nós vamos começar a implantar médico e dentista nas escolas públicas brasileiras para cuidar das crianças. Vamos



aumentar a Farmácia Popular. Hoje, a mulher pode comprar anticoncepcional na Farmácia Popular pagando quase nada. Vamos aumentar, e vamos aumentar muito, porque nós, embora governemos para todos, sabemos de onde viemos e sabemos para onde vamos voltar quando deixarmos a Presidência. Eu sei que vou voltar e eu sei quem são meus companheiros. Não pensem que porque vocês me vêem todo dia de terno e gravata que eu esqueci a minha origem e esqueci quem são meus companheiros. Eu lembro perfeitamente bem quem é que está comigo nas horas boas e ruins. Eu sei que o povo brasileiro merece mais do que isso. Eu tenho consciência de que a gente não vai conseguir fazer tudo, mas eu tenho consciência de que vamos fazer muito mais do que muitos fizeram. Graças a Deus, a gente não escolhe prefeito, nem partido e nem governador. Não quero saber se o governador é do PFL, do PSDB ou do PT. Eu quero saber se o povo da comunidade precisa, se o povo é brasileiro, se o povo é cearense. Aí, não me importa quem é o político, eu vou lá anunciar a mesma obra como eu vim anunciar aqui.

Por isso eu disse, no começo, que era motivo de orgulho estar aqui. E, sobretudo, agora, que eu quero fazer um depoimento. O Nordeste brasileiro elegeu a melhor safra de governadores dos últimos tempos. Eu fico olhando, do Piauí até a Bahia, todos os companheiros comprometidos. Todos os companheiros jovens como o Cid, quase todos eleitos pela primeira vez. E todo mundo sabe, eu não tenho preferência pelo Nordeste, o que eu tenho é preferência em saber quem é que mais precisa do governo federal. E quem precisa é a região mais pobre deste País, que é a região Nordeste e a região Norte.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu tinha um ato em Aracaju, às 19h, certamente eu vou chegar lá às 20h. Eu quero me despedir de vocês. Querida Luizianne, eu espero ser convidado para inaugurar essas obras. Cid, eu quero ser convidado para inaugurar essas obras e quero poder, da outra vez que eu vier aqui, dar um abraço em cada um de vocês.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Meus companheiros e minhas companheiras, que Deus nos abençoe, que Deus abençoe o Ceará e o povo do Ceará e que a gente possa fazer mais obras, mais empregos e mais renda para o nosso povo.

Um abraço. Que Deus abençoe a todo mundo.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da reunião com lideranças empresariais para apresentação da proposta de reforma tributária

Palácio do Planalto, 27 de fevereiro de 2008

Eu quero cumprimentar todos os companheiros e as companheiras que vieram a este encontro e prestar a minha solidariedade ao companheiro José Sérgio Gabrielli, da Petrobras, pelo incidente que houve ontem na P-18, quando um helicóptero que buscava os trabalhadores da plataforma teve um problema, foi obrigado a um pouso de emergência na água, e até agora tem a confirmação de três mortes. Significa que dos quatro desaparecidos, alguns já morreram, tem um ainda que se tem expectativa. Mas o que é importante, José Sérgio, é a demonstração de um trabalho sério, em que se conseguiu salvar 15 pessoas no mesmo ato. Uma coisa extremamente importante. Então, a minha solidariedade, espero que não aconteça mais.

Quero parabenizar também o companheiro Guido Mantega e a sua equipe, que junto com o companheiro Paulo Bernardo conseguiu produzir uma proposta de política tributária que, certamente, não é ideal e certamente, não haverá ideal. Nós temos que fazer uma proposta de política tributária que seja aprovada pelo Congresso Nacional e que possa dar respostas aos anseios que a sociedade brasileira tem de poder ver crescer a sua economia, geração de empregos, distribuição de renda e enfim, tornar o País melhor do que é hoje.

Temos que trabalhar com a diversidade dos vários grupos que aqui estão representados, das outras dezenas de grupos que não estão aqui, dos trabalhadores, porque é um exercício de boa vontade, um exercício de democracia e um exercício de convencimento. Se essa proposta sair daqui, dermos entrada no Congresso Nacional, e vocês simplesmente acharem que é papel do Guido Mantega aprová-la, é uma criança natimorta. Vamos ter claro



de que esse é um exercício democrático em que, como disse o Emerson Kapaz, todo mundo terá que se engajar para que a gente aprove.

Obviamente, o Congresso pode aperfeiçoar a política tributária. Nem sempre o Congresso faz coisas piores do que o que entra lá. Muitas vezes eles melhoram as coisas do governo que entram lá. Então, é importante que a gente tenha a clareza: é um ano político, temos eleições municipais, até junho o Congresso estará trabalhando a todo vapor. Depois de junho nós temos o problema das eleições e, portanto, muitos estarão perambulando pelas ruas deste País pleiteando votos e nós teremos mais dificuldades.

Se, todos os congressistas fizerem valer os discursos que fizeram durante a campanha – que é muito recente – sobre política tributária, certamente, nós aprovaremos a política tributária. Talvez aqui, dois deputados – o Sandro Mabel, que está ali à minha direita, e o Rigotto que está aqui à minha esquerda, que foi deputado e lutou tanto para aprovar a reforma tributária lá atrás – sabem que a tarefa não é fácil porque existem outros milhares de grupos de pressão, que não estão aqui, e que vão agir dentro do Congresso Nacional. Então, é importante que a gente tenha apenas essa responsabilidade. Os empresários e as entidades... nós temos que assumir a responsabilidade por esse projeto que... Quero lembrar ao Robson que, certamente, esse projeto não é o sonho de muitos de vocês, mas ele significa a cama, o travesseiro, significa o lençol. O sonho vai depender da leveza com que a gente trabalhar esse projeto.

O dado concreto é que nós precisamos dar um salto de qualidade. Nós não podemos mais ficar – nem governo, nem oposição, nem empresários, nem ninguém – falando mais em política tributária, se a gente não tiver coragem e competência de transformar essa realização, que vocês ajudaram a construir junto com o Guido, que os trabalhadores ajudaram a construir junto com o Guido, numa nova política tributária brasileira. Se nós estivermos convencidos disso, certamente nós teremos chances enormes de aprovar a política tributária



ainda este ano. E por que eu acho que nós poderemos aprová-la ainda este ano? Porque nós vivemos um momento importante no Brasil.

Eu estou vendo aqui empresários de cabelos brancos, empresários com pouco cabelo. Hoje, ficar sem cabelo é difícil, porque os implantes estão aí para fazer... Estou vendo empresários que eu conheço pelo menos há 30 anos.

O meu papel aqui, Guido, o meu discurso estava previsto para a abertura, então como eu não sei o que você expôs e o que foi discutido, o meu discurso pode parecer atravessado. Mas uma coisa que eu quero dizer para vocês é que eu tenho andado pelo Brasil tentando passar otimismo para a sociedade brasileira. E por que otimismo? Porque eu tenho 62 anos de idade, vinte deles dentro de uma fábrica fazendo as minhas pautas de reivindicações, dez deles como presidente de sindicato de trabalhadores, mais um tanto deles fazendo política de oposição e cinco como presidente da República.

Em todo esse período da minha vida, eu acho que nós encontramos um denominador comum para o povo brasileiro. As coisas se assentaram. Quando você enche um caminhão na roça de abóbora, você joga uma em cima da outra, no trajeto, se a estrada não for bem asfaltada, se for de pedra, se for de terra, você vai chegar no fim da viagem e as abóboras estarão todas assentadinhas como se alguém as tivesse arrumado.

Vocês participaram conosco desde o começo, e sabem que na semana passada todos os brasileiros receberam uma notícia que, possivelmente, nenhum de nós acreditasse. Uma notícia que possivelmente nenhum de nós acreditasse, uma notícia mais do que ótima, porque, pela primeira vez, em 500 anos, o nosso País, passa da condição de devedor para a condição de credor. Isso não é pouca coisa. Hoje, o Brasil tem 213 bilhões de dólares de reserva, enquanto a nossa dívida externa alcança um total de 196 bilhões de dólares. Muitos desejaram e muitos morreram sem ver esse momento.

Por isso que eu valorizei muito. Quando eu recebi a notícia, confesso a vocês que eu me senti mais brasileiro do que em outros momentos. Até porque



eu peguei o fim da ingerência do FMI aqui no Brasil. Eu tinha paura quando abria o jornal, eu era da oposição e via: “Comissão do FMI chega ao Brasil”, “Comissão vai discutir ajuste fiscal”, “Comissão vai discutir não sei o que lá”. “Comissão vai discutir...” quer dizer, aquilo me deixava meio nervoso porque nós tínhamos conquistado a nossa independência em 1822.

Eu fui agora há pouco ao Congo, e por causa de uma dívida externa, eles querem fazer uma estrada e o FMI não deixa. Eles querem fazer uma universidade e o FMI não deixa, achando que o dinheiro é para fazer um ajuste fiscal que tem que fazer, então, o país fica atrofiado, não cresce. No fundo, no fundo, o que eu quero dizer? Hoje, o Brasil poderia pagar toda a sua dívida externa, a pública e a privada e ainda sobraria a mesma quantidade de dinheiro que nós tínhamos quando foi decretada a moratória pelo então ministro Funaro. É uma coisa no mínimo extraordinária para a nossa geração, que vive esse momento. É uma coisa que nós precisamos meditar, porque a mudança de patamar é uma mudança histórica. Afinal, durante quase toda a nossa história, fomos devedores em relação ao resto do mundo e durante muito tempo, sofremos com o peso da dívida externa e com as crises cambiais.

Hoje, é diferente. Hoje o Brasil é credor internacional e como cidadão brasileiro, eu estou muito orgulhoso dessa mudança. Vocês sabem que não foi fácil essa virada. Foi necessário trabalho duro e muito sacrifício. Primeiro dominamos a inflação, melhoramos as contas do governo, derrubamos aos poucos os juros e reduzimos gradualmente o tamanho da dívida pública em relação à nossa economia. Impulsionamos as exportações e diminuimos a nossa vulnerabilidade externa da economia brasileira.

Hoje, o País voltou a crescer, a gerar empregos e aumentar salários e a distribuir renda. Hoje, temos mais divisas em Caixa do que devemos lá fora. Respiramos um novo clima, na verdade estamos colhendo, Guido Mantega, o que plantamos. Mas tem gente que diz que nós só aproveitamos uma situação internacional favorável, mas o fato é que no passado, a economia mundial



também viveu bons momentos e nem por isso o Brasil foi bem. Outros dizem que tudo foi sorte. Da minha parte, acho que um pouco de sorte não faz mal a ninguém. Deus me livre de ser pé frio como muitos foram neste País.

Mas o fato é que a sorte só ajuda a quem trabalha duro e toma decisões na hora correta, e aqui eu quero dizer uma coisa para vocês. Quem de vocês tomaria a decisão que nós tomamos em 2003, de fazer aquele ajuste fiscal? Que político deste País tomaria a decisão que nós tomamos em 2003? Que político tomaria a decisão de aumentar o superávit primário de 3,75 para 4,25, para que a gente pudesse dar a volta por cima depois? Isso não acontecia porque eu canso de dizer, que o problema da classe política brasileira é que eles governam pensando apenas nas próximas eleições e não pensando nas próximas gerações. Eu acho que isso permitiu, que com o sacrifício que todos nós fizemos, o Brasil pudesse chegar hoje a esse momento que eu considero, se não ainda auspicioso, o melhor que eu vivo na minha vida, porque eu vivi um momento extraordinário do milagre brasileiro. Na década de 70, eu era metalúrgico em São Bernardo do Campo, a economia crescia 10%, 14%, emprego farto. Só que quando nós tivemos que pagar a dívida, o que aconteceu? Nós descobrimos que os mais ricos tinham ficado mais ricos e os mais pobres, mais pobres. Depois disso, qual o momento que nós tivemos no Brasil, nessas últimas quase três décadas, em que se apresentaram as condições extraordinárias para que nós déssemos o salto de qualidade que nós estamos dando. Porque não é um ou outro setor que está dando certo, são centenas de setores que, como disse o companheiro da construção civil, havia 26 anos que só decresciam, e que resolveram, nos últimos dois anos, recuperar o seu poder de investimento, o seu poder de crédito e também, obviamente, que se não melhorasse a vida dos que podem comprar, iríamos fazer conjuntos habitacionais como fazíamos no passado, não tínhamos comprador e aí apareciam os invasores que ocupavam conjuntos e mais conjuntos no Brasil e eu ainda ajudava a ocupar, era pelo menos solidário.



Então, eu queria que vocês atentassem para esse momento, porque pode ser sorte, pode ser o que a gente quiser, mas o dado concreto é que nós construímos esse momento. De vez em quando as pessoas tentam fazer com que eu tenha uma briga com o sistema financeiro porque está ganhando demais e eu digo sempre: graças a Deus o sistema financeiro está ganhando, porque se ele perder, nós vamos ter que criar um novo Proer e vai ficar muito mais caro para o País.

De vez em quando as pessoas falam: “mas os empresários estão ganhando muito bem”. É só pegar a lista dos 500 maiores empresários. Pode escolher setor, Guido. Sorteia, coloca numa caixinha e pega um setor. Nós vamos perceber que todos estão ganhando de forma muito vigorosa. E eu também acho bom. Acho bom porque se vocês ganham, as empresas de vocês crescem, vocês vão ter que produzir mais, vão ter que aumentar a fábrica, vão ter que aumentar o turno, vão ter que, no comércio, trabalhar uma hora a mais, e quem ganha com isso, no fundo, no fundo, é o País, porque se os empresários estiverem bem, os trabalhadores estiverem bem, eu acho que tudo mais anda bem neste País.

Esse é o conjunto das coisas que nós conseguimos construir até agora. Fizemos tudo? Não. Não fizemos tudo porque ainda falta muito para fazer e nós não recuperaremos o descaso social de séculos neste país, em 10, 15 ou 20 anos. Levaremos ainda alguns anos. O que é extremamente importante, é que essa proposta de política tributária mostra que o governo não está disposto a brincar em serviço. Vocês estão lembrados que em 2003 eu disse que primeiro a gente tinha que fazer o necessário, depois a gente faria o possível, e quem sabe depois, a gente pudesse até começar a fazer aquilo que parecia impossível.

Eu estou vendo os companheiros da indústria automobilística aqui. Quantas reuniões eu fiz com eles quando era dirigente sindical, Armando? Dezenas. Todos eles... estava tudo em vermelho, todo ano era uma reunião em



que eles fechavam em vermelho. No começo do meu governo quantas reuniões nós fizemos aqui? Quanto pessimismo nos primeiros dois anos? “O mercado interno não vende, porque as importações não vendem, porque não sei das quantas”. Eles hoje, até perderam a conta dos carros que estão produzindo. E o que é grave: sabem que o mercado interno está vigoroso, porque aprenderam que era preciso também flexibilizar no montante de prestações, para que a gente pudesse atingir um outro segmento da sociedade, que não fosse apenas a tradicional classe média que podia comprar carro.

E o que aconteceu? O milagre da multiplicação. E não é apenas para carro não. Tentem comprar um caminhão pesado hoje, vão esperar nove meses, seis meses, e se fizerem o que estou pedindo, de aumentar o número de prestações para o motorista autônomo, nós vamos renovar a frota de fato e de direito neste País e as empresas que: “vamos embora do Brasil porque não produz, não vende caminhão”, vão ter que produzir aqui para vender para os seus países, para as matrizes, porque as condições estão amplamente favoráveis.

A política tributária apresentada pelo Guido Mantega vem coroar todas as conversas que nós tivemos nesses cinco anos. Vem fortalecer tudo o que foi construído, Rigotto, desde quando você e o Palocci eram da comissão, não sei se o Sandro Mabel era da comissão, mas muita gente cheia de boa vontade trabalhando e quando chega na hora de votar, parece que alguém que tem um poder que ninguém sabe quem é, vai lá e atrapalha e as coisas não são votadas.

Eu me lembro dos nossos companheiros produtores de álcool no País. Eram tratados, se me permitem a palavra, como se fossem prostitutas na política nacional. Porque se não havia compromisso de mercado, não havia autoridade para exigir que o mercado fosse corretamente atendido. Na hora em que senta e estabelece regras, tudo fica mais fácil. Hoje é um setor que tem



oportunidades não apenas internas, mas externas, igual a qualquer outro setor dinâmico da economia brasileira.

Ontem – não estou vendo o Gerdau aqui – ontem eu fui, Gerdau, até perto de uma fábrica sua, mas eu fui fazer uma visita à siderúrgica da TyssenKrupp, Siderúrgica do Atlântico, não é isso? Um monumento extraordinário de investimento de três bilhões de euros, que atualmente está com 14 mil trabalhadores e vai chegar a 18 mil trabalhadores até ela ficar pronta quando, então, terá 3 mil e 500 trabalhadores fixos. Mas, em seguida, eu fui à Michelin, uma empresa que esteve pensando em sair do Brasil e que de repente vai ter no Brasil a mais moderna produção de pneus. Nunca tinha visto pneus daquele tamanho, confesso a vocês. Um pneu que pesa mil e não sei quantos quilos, pesa mais do que um carro. São pneus para caminhões, certamente para a Vale do Rio Doce ou para exportação, porque eu não sei se nós temos estradas que caibam um pneu daquele tamanho.

No dia 31 de março, eu vou ao Rio de Janeiro começar a terraplanagem do pólo petroquímico de Itaboraí. Possivelmente, quando começar a construção, será o maior investimento em ação no nosso País. E, concomitantemente, estaremos construindo a refinaria de Pernambuco, concomitantemente, Gerdau, estaremos construindo a siderúrgica do Ceará. Esta semana tem reunião para isso e, concomitantemente, nós estaremos realizando as obras do PAC. O PAC, o Paulo Godoy sabe perfeitamente bem, que muita gente dizia: “vai ser mais um programa, o Brasil já lançou tantos programas... propaganda na televisão, essa coisa não vai sair”. Não houve quem não desacreditasse. E eu, Godoy, vou te convidar, e a mais alguns companheiros da construção civil, porque eu vou fazer uma peregrinação pelas obras do PAC este ano. Eu penso que agora no mês de abril, nós deveremos desabrochar grande parte dos investimentos que foram anunciados para o PAC. Vou agora, no dia 7, ao Rio de Janeiro, começar a grande obra no Complexo do Alemão, na Rocinha e em Manguinhos, que talvez seja a maior



intervenção urbana na área de saneamento básico já feita na história deste País. E por que isso foi possível? Porque nós construímos juntos esse momento. Nós construímos juntos.

Então, agora a gente não está mais naquele momento de dizer: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Naquele momento em que a gente discutia tudo com tensão, tudo com alvoroço, ninguém acreditava em nada. Nós construímos um outro momento. Um momento em que nós poderemos confiar naquilo que nós construímos. Depois que a Petrobras encontrou petróleo na camada pré-sal, qualquer governo deste País pode ser chamado de “sheik do petróleo”, demora alguns anos, quatro ou cinco anos. Eu penso que nós estamos vivendo um momento excepcional. Por isso, o meu orgulho neste momento histórico do Brasil. Sabendo que nós temos que fazer muita coisa, a dívida social está aí para acontecer, ainda por vários anos e temos que pagá-la. Fazer o reconhecimento dos setores mais empobrecidos da população, que durante tanto tempo foram segregados.

Ontem, eu fui entregar os prêmios da Olimpíada da Matemática. Trezentos jovens ganharam medalha de ouro, de 17 milhões e 300 mil que participaram, de escola pública. Um deles é um cearense de 19 anos, anda de cadeira de rodas, tem um problema de doença sério, o pai dele o levava para a escola em um carrinho de mão, empurrando-o, porque a cadeira de rodas não consegue andar no cascalho, e esse moleque virou bi-campeão na Olimpíada de Matemática deste País. O que isso significa? Isso significa que tanto nós, seres humanos, precisamos de oportunidades e de acreditarmos em nós mesmos, como o País precisava de credibilidade e acreditar em si próprio.

Um dirigente deste País tem que andar no mundo de cabeça erguida. Quando a gente devia muito, quando a gente tinha de negociar com o FMI, quando a gente tinha que correr para lá, no mês de dezembro, para pegar dólar para saldar o nosso caixa, aqui, ninguém que está nessa situação vai de cabeça erguida, porque a situação é desfavorável e é quase pedir um favor.



Então, estou dizendo isso, meus companheiros, porque eu queria pedir para vocês a compreensão do momento político que nós construímos neste País. Quando eu digo “nós”, é muito mais gente do que nós que estamos aqui. Essa política tributária é um grande momento para a gente combinar com o Congresso Nacional a discussão de coisas que interessam efetivamente ao povo brasileiro. Ninguém está querendo discutir as picuinhas deste País, isso pode interessar a alguém que está pensando apenas na próxima eleição, mas não interessa a nenhum brasileiro que está querendo ver este País se transformar em uma nação respeitada, em uma nação com interferência nas decisões das políticas sociais do mundo, nas políticas econômicas, nas políticas de segurança.

E quando a gente manda um projeto dessa envergadura, resultado de tantas conversas, eu só poderia terminar pedindo para vocês o seguinte: vamos fazer dessa proposta de política tributária – sem que ninguém abra mão das suas convicções setoriais – vamos fazer dessa proposta uma profissão de fé. E vamos para dentro do Congresso Nacional conversar com os nossos deputados, com os nossos senadores, para que eles enxerguem que quem vai ganhar com isso não é o governo, quem vai ganhar com isso não é o Guido Mantega, porque também não é candidato a nada, quem vai ganhar com isso não é o presidente Lula, que também não é candidato a nada. Quem vai ganhar com isso é uma coisa maior do que nós, chamada Brasil, é o povo trabalhador, são os empresários, são os consumidores deste País. E, quem sabe, nós façamos parte da geração que, nos próximos 10 ou 15 anos, poderá se orgulhar de estar vivendo em um país que ainda não atingiu a plenitude que o Primeiro Mundo atingiu, mas que atingiu a plenitude de um país que respeita o seu povo e garante oportunidade para todos. É esse o objetivo dessa proposta de política tributária. É esse o objetivo de fazermos com que as coisas aconteçam não apenas aqui mas lá, dentro do Congresso Nacional. E depois, na regulamentação das coisas que nós vamos precisar regulamentar. Não faz



muito tempo, nós aprovamos a Lei-Geral das Micro e Pequenas Empresas, que era uma coisa unânime entre nós, e está com problema em muitos estados. Então, é importante que os empresários e o governo comecem a mapear o que está acontecendo em cada estado em que a Lei Geral não entrou 100% em funcionamento e onde não está acontecendo o que nós prevíamos que ia acontecer. Porque é um País em que o botijão de gás, em um lugar, tem ICMS de não sei quantos por cento, num outro tem de 12%, num outro tem de 22%, em um outro tem de 34%, o preço da coisa tem um valor em cada lugar. Então, essa proposta visa colocar um terno novo na política tributária deste País, para a gente saber contar os botões e fazer com que parte do desenvolvimento regional deste País se dê pelas políticas de investimento, que os estados e o governo possam fazer com a sua proposta de desenvolvimento regional e não pela guerra fratricida entre governadores. Alguns, oferecendo o que não é deles, alguns oferecendo o que não têm.

Essa proposta, meus senhores, torna o tributo brasileiro mais justo, mais transparente e mais motivo de orgulho para a gente sonhar com uma redução das alíquotas e aumentar a carga.

Eu tenho uma divergência conceitual quando se fala: “aumentou a carga”, porque você pode aumentar a carga se todo mundo pagar, mesmo diminuindo as alíquotas. E nós poderemos combinar isso. Todos nós acreditamos que é possível. Na hora em que você reduz as alíquotas, você consegue fazer com que mais gente ouse em ser justo e pague os seus tributos, porque sabe que eles vão ser direcionados para uma coisa a bem do povo brasileiro.

Companheiro Guido Mantega, meus parabéns. Meus parabéns, Paulo Bernardo. Parabéns Beka, por essa proposta. E logo, logo, estaremos convidando vocês para apresentar a proposta de política industrial, que está pronta. E logo, logo, nós vamos anunciar, porque eu acho que agora é a vez do nosso País ganhar cidadania.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do programa Territórios da Cidadania**

Quixadá – CE, 28 de fevereiro de 2008

Meu caro companheiro e amigo Cid Gomes, governador do estado do Ceará,

Meus companheiros ministros de Estado, Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Orlando Silva, do Esporte; Luiz Barretto, do Turismo, Nosso companheiro Paim, secretário executivo do Ministério da Educação,

Meu caro Domingos Filho, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Ceará,

Nosso querido companheiro Inácio Arruda, senador da República eleito pelo Ceará,

Deputados federais, companheiro Chico Lopes, Eudes Xavier, Eugênio Rabelo, Eunício Oliveira, José Guimarães e Paulo Henrique Lustosa. Certamente, dois companheiros importantes nossos não estão aqui, o nosso companheiro Ciro Gomes e o Pimentel, porque estão trabalhando pelo Ceará no Orçamento do governo,

Meu querido companheiro Ilário Gonçalves, prefeito de Quixadá, e sua companheira Raquel Marques,

Senhor Airton Buriti Lima, presidente da Câmara Municipal de Quixadá,

Nosso companheiro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

Nosso companheiro Rolf, presidente do Incra,

Nosso companheiro Danilo Fortes, presidente da Funasa,

Nosso companheiro Elias Fernandes, diretor-geral do Dnocs,

Companheiro Odilon Pires, superintendente da Caixa Econômica no Ceará,



Nosso companheiro Luís Oswaldo Santiago, vice-presidente do Banco do Brasil,

Senhor Konrad, reitor da Universidade das Nações Unidas,

Meus companheiros prefeitos, Raimundo Viana de Queiroz, de Ibareta; Antônio Góis Monteiro Mendes, de Pedra Branca; Antônio Sales Magalhães, de Banabuiú; Antônio Teixeira de Oliveira, de Senador Pompeu; Edmilson Correia de Vasconcelos Junior, de Quixeramobim; Francisco Pinheiro das Chagas, de Piquet; José Atualpa Pinheiro Júnior, de Solonópole; José Cláudio Dias de Oliveira, de Milhã; Luiz Claudenilton Pinheiro, de Deputado Irapuan Pinheiro; Iraci Duarte, de Xoró; e José Wilane Barreto Alencar, de Mombaça,

Quero cumprimentar o nosso querido arcebispo, Dom Ângelo Pignoli, bispo diocesano de Quixadá,

Cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar o companheiro Cristiano Góes, vice-prefeito de Quixadá,

Cumprimentar os integrantes do colegiado do Território da Cidadania,

Quero cumprimentar o senhor Antônio Edinílio Costa, do Sertão Central,

Senhor Francisco Gerônimo Nascimento, presidente estadual da CUT,

Nossa companheira Lucilene de Lima, secretária-geral da (inaudível),

Companheiros jornalistas da imprensa regional do Ceará,

Companheiros de Quixadá,

Companheiros da imprensa nacional,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Não é nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira vez que eu venho a Quixadá. Já vim aqui muitas vezes, vim aqui quando não era candidato, vim aqui como candidato e já vim aqui como presidente da República, em 2005. Mas hoje eu venho numa condição muito especial.



Na semana passada, governador Cid – eu me levanto todos os dias às 6h da manhã para fazer um pouco de caminhada, afinal de contas, depois dos 60 anos, se a gente não quiser ficar tomando remédio para a pressão, a gente tem que caminhar um pouco para regular a pressão – me deparei com uma notícia, uma notícia daquelas que qualquer brasileiro sentiria motivo de orgulho. A notícia dizia assim: “o Brasil não é mais devedor internacional, o Brasil é credor internacional”. É importante lembrar que quando nós chegamos à Presidência da República, em janeiro de 2003, este nosso querido País não tinha crédito e não tinha sequer credibilidade internacional.

O dinheiro que tínhamos nas nossas reservas eram 15 bilhões e 900 milhões de dólares do FMI, depositados em uma conta do País, para dar ao País um mínimo de possibilidade de pagar as suas importações. Pois bem, bastaram apenas quatro anos para a gente pagar o que devíamos ao Clube de Paris, para a gente chamar o FMI e dizer: nós não precisamos mais do seu dinheiro, empreste para outro, porque o Brasil é dono do seu nariz. Compramos 130 bilhões de dólares de reservas. Hoje, se o Brasil pagasse toda a sua dívida pública e privada, ainda nos sobriam 7 bilhões de dólares em caixa, para que a gente pudesse fazer as nossas coisas. Eu falo isso com orgulho, não por mérito pessoal, porque se não fosse a confiança de vocês, nos momentos mais difíceis que nós passamos, certamente isso não teria acontecido.

Tem um grupo de políticos no País, que governou este País desde que Cabral aqui pôs os pés, e que fez com que o País não desse certo durante séculos. Agora, estão muito incomodados porque um igual a vocês, saído do sertão nordestino, lá do agreste de Garanhuns, torneiro mecânico, chega à Presidência da República, e consegue fazer aquilo que eles teimaram em não fazer a vida inteira neste País, que é cuidar do povo mais pobre.

Não é apenas isso. Todos os indicadores sociais, sem distinção, provam que o Brasil começou a ser dono do seu nariz. Eu não sei, companheiro Cid, se



você se lembra, você é muito jovem, mas aqui no Nordeste tinha uma coisa de frente de trabalho. Bastava vir uma seca e os governadores pegavam um grupo de trabalhadores, pagando 30 reais por mês, para tirar terra de um lado e colocar do outro lado. Aí, na seca seguinte, pegavam a terra e devolviam para o lado de onde tinham tirado, e a gente não produzia nada. Faz quatro anos que a gente não ouve falar nessa palavra: frente de trabalho, porque nós estamos garantindo, com o número que o nosso ministro disse.

Em 2003, o estado do Ceará tomava emprestado do Pronaf apenas 28 bilhões de reais. Este ano foram 349 bilhões de reais. Multiplica-se por quase 15 o número de recursos que os trabalhadores aprenderam a tomar. Mas não foram apenas os trabalhadores que aprenderam. Foi porque o governo tomou uma decisão. Os companheiros do Banco do Brasil tinham desaprendido a atender pobre nas agências do Banco do Brasil.

Eu me lembro que em outubro de 2003 eu liguei para o presidente do Banco do Brasil e perguntei para ele: presidente, eu recebi uma denúncia da CUT, de que a gente não está conseguindo fazer os contratos do Pronaf. O que está acontecendo? Ele disse: “o sistema caiu”. Eu falei: então levante esse condenado desse sistema, porque nós precisamos voltar a cuidar do povo pobre. E não era maldade do Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil tem milhares de funcionários altamente comprometidos com este País e comprometidos com o bem-estar do nosso Brasil.

Acontece que era uma orientação superior. É melhor atender um rico, com charuto na boca, do que atender um pobre, de sandália havaiana, pedindo 500 reais emprestados para plantar um pé de mandioca ou para comprar alguma coisa para salvar os seus animais. Isso demonstra a riqueza que está acontecendo no Nordeste. É por isso que de vez em quando, a grande imprensa se assusta, quando os dados do IBGE e do Banco Mundial mostram o crescimento do Nordeste e a diminuição da pobreza. Isso não é uma coisa que vai acontecer rapidamente não. Foram anos, décadas, séculos de



esquecimento do Nordeste. Não é apenas em 4, 8 ou 10 anos que a gente vai reverter, mas nós estamos fazendo um alicerce muito sólido, que não há vento, vendaval ou terremoto que derrube esse alicerce que está alicerçado na organização do povo trabalhador deste País, do povo pobre deste País e, sobretudo, do Nordeste brasileiro.

Nós trabalhamos com a convicção de que o Territórios da Cidadania, aqui para o Sertão Central, e os outros 120 que vamos criar no nosso País são para possibilitar àqueles que não tinham vez, àqueles que não tinham voz, comecem a ter vez, comecem a falar, comecem a gritar e comecem a reivindicar, porque se a gente não fica esperto, os mesmos de sempre continuam a ter acesso ao dinheiro do governo. Se o Smith pudesse dizer aqui, ele iria dizer quantas pessoas tinham acesso ao BNB antes de nós chegarmos à Presidência da República. Era para atender os caciques da região, e nós agora, queremos atender os índios da região, queremos atender os pobres da região. Era para atender fazendeiro. Agora nós queremos continuar atendendo fazendeiro, mas queremos lembrar que entre o Banco e o fazendeiro tem milhares de homens e mulheres que têm filhos e que precisam colocar seus filhos nas escolas, que precisam ter acesso à saúde, que precisam ter acesso a lazer e, sobretudo, que precisam ter acesso a um crédito para financiar a sua produção.

Mas fizemos mais, começamos a comprar os produtos agrícolas dos pequenos produtores. Na seca, não plantava porque não chovia. Quando chovia, plantava, colhia e não tinha preço para vender. Nós resolvemos comprar os produtos dos produtores e isso está permitindo o desenvolvimento de uma nova dinâmica no nosso querido Nordeste. Tem gente que fala: “mas o Lula só olha para o Nordeste”. Não é verdade, não é verdade que eu só olho para o Nordeste. Eu olho para o Brasil inteiro, mas eu aprendi com a minha mãe: se você tem dois filhos, um com muita saúde, vigoroso e correndo, e um mais frágil, que não teve chance, é para este que você tem que estender a



mão, é deste que você tem que cuidar. O Nordeste não pode continuar a vida inteira sendo a região mais pobre deste País, o Nordeste não pode continuar sendo a região que menos tem universidade, sendo a região que menos tem pesquisadores, sendo a região de mais baixo índice de formação educacional, sendo a região com menos escolas técnicas.

Companheiro Cid, uma coisa aconteceu esta semana, que me deixou orgulhoso. Eu fui ao Rio de Janeiro, no Teatro Municipal, entregar as medalhas de ouro para os 300 alunos que participaram e ganharam a medalha de ouro na Olimpíada da Matemática. A Olimpíada da Matemática, que em 2004 só tinha 270 mil alunos, e o Ceará era o estado mais organizado, só tinha quase alunos da escola privada. Participaram 270 mil alunos numa prova de matemática. A Argentina tinha 1 milhão e 200 mil alunos. Os Estados Unidos tinham 9 milhões de alunos. Eu fiz um desafio ao nosso Ministro da Educação e ao nosso Ministro da Ciência e Tecnologia: vamos levar a Olimpíada da Matemática para as escolas públicas brasileiras. Aí, apareceram alguns teóricos de sempre: “não, não vai ter interesse, os pobres não vão querer participar, é bobagem fazer”. Fizemos a primeira, em 2005. Inscreveram-se 11 milhões de adolescentes e crianças deste País. Dez milhões fizeram a prova. O aluno que ganhou em primeiro lugar era um aluno de Brasília, portador de deficiência visual, portador de problema de audição e paraplégico. Era quase cego, surdo e paraplégico. Esse moleque, com 16 anos, foi o melhor aluno do Brasil na Olimpíada de 2005.

Em 2006, a Justiça Eleitoral criou um caso tremendo e não permitiu que o Ministério da Educação colocasse sequer um cartaz nas escolas, pedindo para as crianças se inscreverem, porque dizia que seria campanha eleitoral. Pois bem. Inscrevemos outra vez, sem campanha de rádio, sem televisão e sem nenhum papel nas escolas. Todos nós imaginamos que ia ser um fracasso. Sabe quantas pessoas se inscreveram? Quatorze milhões e meio de estudantes brasileiros. Na última, de 2007, inscreveram-se 17 milhões e 300



mil crianças e adolescentes deste País. Veja que nós tínhamos 270, passamos para 17 milhões e 300 mil. Aqui de Várzea Alegre, um estudante de 19 anos, chamado Ricardo, de cadeira de rodas, que tem uma doença muito grave que vai corroendo os tecidos... O pai desse menino o levava para a escola em um carrinho de mão, porque a estrada era de cascalho e não permitia que a cadeira de rodas transitasse bem no cascalho. Pois bem, esse menino, com todas essas deficiências, é uma lição de vida para todos nós, de que não existe obstáculo quando a gente é obstinado a conquistar um objetivo. Esse menino é bicampeão, com medalha de ouro, da Olimpíada aqui no estado do Ceará.

Nós, agora, começamos a Olimpíada de Português. Depois eu quero fazer de Física, de Química. O que não vai faltar é Olimpíada, até que o mundo inteiro perceba que o Brasil é campeão das olimpíadas nas escolas e traga a Olimpíada verdadeira para o Brasil, em 2016, porque na China já vai ser agora, depois parece que é em Londres, e depois tem que vir para o Brasil porque nós nunca patrocinamos uma Olimpíada. É preciso acabar com esse preconceito contra os países da América Latina, é preciso acabar. Eles têm que saber que nós sabemos organizar, tão ou melhor do que eles, qualquer evento que a gente queira fazer.

Mas uma outra coisa importante, Ilário, é que aqui nesse território do Sertão Central, a Funasa tem o compromisso de investimentos, para que a gente acabe com a doença de Chagas nessa região. O PAC é o maior investimento da história deste País. São 503 bilhões de reais, até 2010. Agora, nessa época do ano – fevereiro, março e abril – quase todas as obras vão se iniciar. Este País vai virar um canteiro de obras, vai gerar empregos, vai gerar salários, vai gerar renda, vai aumentar o poder de compra do povo, o povo vai comprar mais, as lojas vão ter que comprar mais, as fábricas vão produzir mais e vão gerar mais empregos. É tudo o que nós precisamos para este santo País se transformar numa nação desenvolvida. Por isso, eu fui agora ali com o Ilário e com o Governador lançar a pedra fundamental da extensão universitária e da



escola técnica para cá, porque não adianta a gente falar em desenvolvimento se não tiver educação.

Em 2010, nós estaremos inaugurando no Brasil 10 universidades federais novas. Estaremos inaugurando 48 extensões universitárias por todo o território nacional. Estaremos inaugurando, até lá, 214 novas escolas técnicas no País. O ProUni terá 400 mil novos alunos nas universidades e o Reuni, até 2010, irá colocar mais 400 mil jovens na universidade brasileira. É tudo o que nós precisamos para levantar a cabeça e dizer: acabou o tempo em que os países do Norte nos tratavam como um país do Terceiro Mundo. Nós temos orgulho de ser da América do Sul, nós temos orgulho de ser da América Latina, nós temos orgulho de ser do Sul do mundo. Mas nós teremos muito mais orgulho de dizer: nós queremos ser parceiros de todo mundo, não queremos ser subalternos de ninguém. Não somos melhores, mas não somos piores do que ninguém.

É por isso que nós fizemos um PAC de Ciência e Tecnologia, com quarenta e um bilhões de reais até 2010. É o maior programa de governo já feito na área de ciência e tecnologia. Agora, acabei de tomar a decisão: tanto a Anvisa quanto a Receita Federal desbloquearam as importações de produtos que nós precisamos para os nossos pesquisadores, que às vezes ficavam dois anos na Receita Federal ou, às vezes, a Anvisa segurava dois anos no porto ou no aeroporto. Agora, tem que ser na hora, porque pesquisador não pode esperar e muito menos o Brasil pode esperar, porque se o Brasil esperar a burocracia, nós seremos superados por outras nações que disputam conosco o mundo comercial. Nós estamos convencidos que de tudo isso que estamos fazendo, o que vai resultar são resultados sagrados: primeiro, o povo vai comer três vezes ao dia. Segundo, o povo vai ter escola de qualidade. Terceiro, o povo vai ter acesso à cultura, porque no território também está previsto investimento do Ministério da Cultura. E quarto, o Brasil não será apenas um exportador de *commodities* de soja, de suco de laranja ou de minério de ferro.



Nós queremos ser exportadores da inteligência do povo brasileiro, do conhecimento, porque é isso que vai dar independência a este País.

Meus companheiros e companheiras,

Meus agradecimentos mais uma vez ao carinho de pai, de mãe, de irmão e de companheiro que vocês deram a mim e à minha delegação. Meus agradecimentos pela paciência, por esperarem embaixo do sol, por 4 horas, para que a gente pudesse fazer este evento. Nós vamos sair daqui e vamos para Fortaleza lançar o PAC. Depois, ainda hoje, temos que ir para Aracaju, inaugurar a obra com o governador Marcelo Déda. Amanhã estaremos participando de uma reunião com os governadores.

Eu já disse para a minha assessoria: a partir de agora, são dois dias em Brasília e o resto andando por este País, para que a gente possa cuidar com mais carinho e ver as coisas acontecerem. As obras do PAC, o Territórios da Cidadania e as escolas que nós estamos fazendo têm que ser acompanhados diariamente, porque quando a gente menos espera, uma obra que a gente pensa que está acontecendo, está paralisada por alguma coisa. Vocês podem ajudar a acompanhar. O Territórios da Cidadania não é meu, não é do Guilherme, não é do Ilário, não é do Cid. O Territórios da Cidadania é do povo que mora nas cidades que compõem o território, e vocês são responsáveis por ele.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês. Até a volta.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a visita à futura sede do Pólo Universitário de Quixadá, no Açude do Cedro Quixadá-CE, 28 de fevereiro de 2008

Obs.: O trecho inicial do discurso será inserido posteriormente.

...das pessoas que atingem a idade de ir para a universidade e a quantidade de vagas ofertadas pelas universidades públicas.

No Brasil, estados como São Paulo, por exemplo, e no Nordeste, a maioria dos estudantes, hoje, são das escolas privadas. Em São Paulo, nós chegamos a 82% dos alunos, das universidades, em escolas privadas, e apenas 18% em escolas públicas. No Nordeste, nós estamos chegando quase a 70% dos alunos, das universidades, em escolas privadas e apenas 30% em escolas públicas, até um pouco menos. Qual é o paradoxo que nós vemos todos os dias? É que são as camadas mais pobres da população que estudam nas escolas públicas que são obrigadas, na hora de ir para a universidade, a ir para a universidade privada, porque a concorrência nas federais é muito grande e, normalmente, as vagas são preenchidas por pessoas que tiveram, no ensino fundamental e no secundário, uma escola de melhor qualidade. Então, nós temos no Brasil uma situação em que uma parte da classe média e da classe média alta e dos ricos estuda nas escolas públicas, e as camadas mais pobres estudam nas universidades privadas.

Ora, qual é a coisa abominável? É que o jovem, ao completar 18 anos, ao prestar vestibular, não consegue entrar numa federal, vai numa universidade privada e passa no vestibular. Mas, quando chega no mês de fevereiro, que ele pensa que vai começar o curso, se ele vai fazer um curso qualquer, estão pedindo 800 reais, 900 reais, 1.200 reais. Se for Medicina, Cid, chega a 2.500 reais. Então, é quase proibido para uma grande parte da juventude



estudar.

Nós assumimos um compromisso. Primeiro, criamos o ProUni. O ProUni é uma pequena revolução na educação. Nós fizemos um acordo com as universidades privadas, fizemos uma inversão de imposto e trocamos o equivalente ao que elas tinham que pagar para o governo por bolsas de estudos. Já estamos com trezentos e poucos mil alunos e queremos chegar, até 2010, a 400 mil alunos da periferia e das escolas públicas fazendo universidade neste País.

Mas, agora, o nosso Ministro da Educação, mais os 54 reitores das universidades federais acabam de fazer um acordo – no dia 14 vamos ter uma reunião lá em Santo André, na inauguração da nova Universidade de Santo André – nós fizemos um acordo e fizemos um programa chamado Reuni. Hoje, a média de alunos por professor na universidade federal é de 12 alunos por professor. Nós queremos aumentar para 18 e, em quatro anos, vamos colocar 400 mil jovens a mais nas universidades públicas federais brasileiras, que é a segunda revolução na educação.

A terceira revolução na educação, e essa é muito importante. Em 2010, nós teremos, prontas e funcionando, mais 10 universidades federais novas. Teremos mais 48 extensões universitárias e teremos mais 214 escolas técnicas profissionais formando jovens neste País. Este número é muito importante, porque desde que Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica brasileira, em 1909, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, de 1909 a 2003 tinham sido construídas 140 escolas. Em 93 anos foram construídas 140. Nós, em oito anos, vamos 214 escolas neste País. E vamos fazer isso porque compreendemos que sem formar a nossa juventude, sem aumentar o nível de escolaridade e de conhecimento do nosso povo, a gente não dá o salto de qualidade que o Brasil precisa dar neste mundo globalizado e competitivo.

Por isso, é com muito orgulho que eu venho aqui com o reitor, com o diretor do Cefet, com o nosso prefeito e com o governador, lançar a pedra



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

fundamental. E quero dizer mais aqui, na frente da imprensa: tem o dinheiro, tem a vontade política do Presidente, tem a decisão do Ministro da Educação, tem a vontade do povo brasileiro. Portanto, não há desculpa para essas obras não acontecerem o mais rapidamente possível.

Muito obrigado e boa sorte. Parabéns, Ilário.

(S211A)